



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

## **CARTAS MARCADAS**

*Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô*

Carlos Alberto Ribeiro Santa Rosa Júnior

Recife

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

## **CARTAS MARCADAS**

*Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô*

Carlos Alberto Ribeiro Santa Rosa Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Análise sociopragmática do discurso

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Paiva Dionisio

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Medianeira de Souza

Recife

2010

### **Ficha catalográfica**

**Santa Rosa Júnior, Carlos Alberto Ribeiro**

**Cartas marcadas: multimodalidade discursiva e transitividade em baralhos de tarô / Carlos Alberto Ribeiro Santa Rosa Júnior. – Recife: O Autor, 2010. viii, 121 p.: il., fig., gráf., quadros.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2010.**

### **Inclui bibliografia**

**1. Linguística. 2. Multimodalidade. 3. Transitividade – Lingüística sistêmico- funcional. 4. Tarô. I. Título.**

**81'1  
410**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)**

**UFPE  
BC 2010 - 028**

**CARLOS ALBERTO RIBEIRO SANTA ROSA JÚNIOR**

**CARTAS MARCADAS Multimodalidade Discursiva e Transitividade em  
Baralhos de Tarô.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Letras da Universidade Federal de  
Pernambuco como requisito para a obtenção do  
Grau de Mestre em Linguística, em 26/2/2010.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Angela Paiva Dionísio**  
Orientadora – LETRAS - UFPE

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Judith Chambliss Hoffnagel**  
LETRAS - UFPE

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo**  
LETRAS - UFCG

Recife – PE  
2010

Aos meus pais, Beto e Lúcia  
Aos meus irmãos, Alan e Priscilla  
A todos os meus amigos e familiares  
A Mári

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desta dissertação, pude contar com o apoio, a colaboração e o incentivo de diversas pessoas, sem as quais este trabalho não seria possível. Meus profundos agradecimentos a todos e, em especial, àqueles mais diretamente envolvidos:

À minha querida orientadora, Angela Dionisio, por todo auxílio e orientação oferecidos generosamente para que esta dissertação conseguisse atingir seus objetivos e tivesse uma verdadeira relevância acadêmica. Agradeço-lhe a confiança e a amizade (e a paciência) já há mais de 10 anos!

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Medianeira Souza, pelos inestimáveis comentários durante a coorientação.

Às ilustres professoras que, gentilmente, aceitaram participar da Banca Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Judith Hoffnagel e Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Augusta Reinaldo.

Aos meus queridos pais, irmãos e amigos, que tiveram paciência e compreensão suficientes para entender (e perdoar) a minha constante ausência em encontros e datas especiais. Agradeço-lhes por escutar minhas aflições e inseguranças nos momentos mais difíceis deste trabalho.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGL-UFPE, pelo apoio e torcida constantes ao longo desta minha jornada.

Ao CNPQ/ À Capes pelos auxílios concedidos, que garantiram a realização desta dissertação.

A Mári pelo constante incentivo, pelas palavras de conforto nas horas de desespero, pelo amor. *Não teria conseguido nada disso sem você.*

“Uma viagem pelas cartas do tarô, primeiro que tudo, é uma viagem  
às nossas próprias profundezas”

*Sallie Nichols*

## RESUMO

O objetivo central deste trabalho é analisar o modo como os sentidos dos arcanos são construídos a partir da investigação da *multimodalidade discursiva* e da *transitividade* nos textos verbais e visuais presentes nas cartas de tarô. Dessa forma, examinamos, em primeiro lugar, como a manipulação de recursos imagéticos permite salientar certos aspectos dos significados dos arcanos descritos nos manuais tarológicos. E, em segundo lugar, observamos de que maneira os produtores de tarôs didáticos materializam, nos textos verbais impressos nas próprias lâminas, os tipos de processo construídos pelo sistema de transitividade por meio do qual representamos nossas experiências internas e externas. Para alcançar os propósitos traçados, articulamos os princípios de dois aportes teórico-metodológicos que se complementam: a Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 1996) e a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday e Matthiessen, 2004). Da Gramática do Design Visual, lançamos mão das noções de função representacional, interativa e composicional tendo por fim avaliar como as diferentes representações pictóricas dos arcanos produzem sentido e chamam atenção para aspectos diversificados do seu significado oracular, verbalizados em três manuais de interpretação: Banzhaf (2001), Kaplan (1997) e Naiff (2001). No que diz respeito à análise do material verbal à luz dos preceitos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), questionamos como a utilização dos diferentes tipos de processos possibilita a construção de significados e a fundamentação de uma ação social. Para tanto, concentramos nossos esforços na observação da *transitividade* – categoria gramatical ligada à metafunção ideacional da LSF – no que se refere às orações constantes no Tarô Rápido & Fácil (1999). Dentre os resultados da análise, é possível destacar que: *a*) os produtores dos baralhos operam com recursos imagéticos e verbais com o intuito de não só atualizar a iconografia clássica dos trunfos, mas também de tornar seus significados mais acessíveis e próximos dos leitores; *b*) os três tipos de processo observados nos tarôs evidenciam os sentidos mais frequentes associados a uma consulta tarológica: a indicação de que se deve *fazer* algo ou de que alguma coisa vai *acontecer* (processo material); a descrição de como o consulente se *sente* ou de como ele *percebe* determinada situação (processo mental); e a caracterização do consulente, especificando suas *qualificações* e *atributos* (processo relacional).

**PALAVRAS-CHAVE:** Tarô; Linguística Sistêmico-Funcional; Gramática do Design Visual; Transitividade; Multimodalidade Discursiva.



## ABSTRACT

The central objective of this study is to analyse how meaning is constructed in tarot cards by investigating multimodality and transitivity regarding visual and verbal texts presented in those cards. First we examine how the manipulation of pictorial resources is used to emphasize certain aspects described by tarot guides. Secondly we observe how the different types of process construed by the transitivity system are embodied in didactic tarots and how they represent our ‘inner’ and ‘outer’ experiences. In order to achieve our goals, we articulate two different frameworks that complement each other: the Grammar of Visual Design (Kress and van Leeuwen, 1996) and the Systemic Functional Linguistics (Halliday and Matthiessen, 2004). From the Grammar of Visual Design, we use its notions of representational, interactive and compositional functions to evaluate the meaning-making of distinct visual representations of tarot cards and how one calls our attention to some aspects of their ‘oracular senses’ conveyed by three tarot guides: Banzhaf (2001), Kaplan (1997) and Naiff (2001). From the Systemic Functional Linguistics, we question how the use of different types of process allows us to construct meanings and to enact a social action. So we focus on the observation of *transitivity* – a grammatical category related to the ideational metafunction – in Quick and Fast Tarot (1999) clauses. Data analysis suggests that: *a*) tarot cards producers use pictorial and verbal resources to both modernize the classic iconography of these cards and make their meanings more accessible and close to the readers; *b*) the three types of processes observed in tarot cards express the most frequent meanings associated to a “tarot consultation”: the indication that one should *do* something or that something is going to *happen* (material process); the description of how the consultee *feels* or how he or she *realizes* some situation (mental process); and the consultee’s characterization, specifying his or her *qualifications* and *attributes* (relational process).

**KEYWORDS:** Tarot; Systemic Functional Linguistics; Grammar of Visual Design; Transitivity; Multimodality.

# SUMÁRIO

## **INTRODUÇÃO, 1**

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS, 7

## **CAPÍTULO I: O TRAJETO HISTÓRICO DAS CARTAS, 11**

1.1. A origem das cartas, 11

1.2. As cartas conquistam o Velho Continente, 16

1.3. Outras utilidades para as cartas, 22

1.4. Do baralho comum ao tarô, 25

1.5. A evolução das cartas de tarô, 31

## **CAPÍTULO II: MULTIMODALIDADE NO TARÔ, 36**

2.1. Imagem e palavra no texto, 36

2.2. Multimodalidade e linguagem, 39

2.2.1. Função representacional, 40

2.2.2. Função interativa, 43

2.2.3. Função composicional, 47

2.3. A Gramática Visual em arcanos do tarô, 48

2.3.1. Função representacional, 48

2.3.2. Função interativa, 53

2.3.3. Função composicional, 68

## **CAPÍTULO III: TRANSITIVIDADE NO TARÔ, 74**

3.1. A noção de “função” em linguagem, 75

3.2. O sistema de transitividade, 77

3.3. Tipos de processo, 78

3.4. A transitividade no tarô, 84

3.4.1. Orações com processos materiais, 95

3.4.2. Orações com processos mentais, 99

3.4.3. Orações com processos relacionais, 101

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, 105**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 110**

## INTRODUÇÃO

Até meados do século passado, tudo o que dizia respeito às diversas práticas divinatórias era restrito a uma pequena parcela de “iniciados”. Os chamados “ocultistas eruditos”, nas palavras de Naiff (2001:13), dominavam o conhecimento de uma série de atividades e ritos vistos como misteriosos e herméticos, tais como a astrologia (observação de como o movimento e o posicionamento dos astros influenciam a vida das pessoas), a cristalomania (leitura da sorte por meio de cristais), a quiromancia (predição do futuro através da leitura das linhas das mãos) e a cartomania (uso de cartas de baralho comum ou de maços específicos para ler a sorte).

Essa última forma de acessar conhecimentos ocultos se popularizou muito rapidamente na sociedade atual a partir do século XX, e isso provavelmente se deve ao fato de que as cartas usadas para conhecer os mistérios do futuro têm origem nas cartas do baralho comum. Dentro do universo da cartomania, um conjunto de cartas se destaca dos demais tanto pela sua iconografia diferenciada como pela constante associação entre suas imagens e diversas etapas do desenvolvimento social humano: o *tarô*.

Os arcanos<sup>1</sup> do tarô – com seu parentesco com as cartas tradicionais do baralho de jogar e com sua mitologia constantemente atualizada para uma melhor apreensão de seus significados – distinguiram-se no meio dessa “globalização esotérica” (Naiff, 2001:14) por não exigirem, para o seu uso divinatório, iniciações ritualísticas ou crenças religiosas específicas. A rápida popularização do tarô – facilitada pela ampla comercialização de livros que explicam os significados das cartas e seus muitos esquemas de disposição e leitura – retirou a tarologia dos círculos místicos restritos, como era comum até o início do século XX, e a disseminou entre as diversas camadas sociais.

A esse respeito, Silva (1986:09) afirma que atualmente a tarologia é praticada até

por pessoas de nível universitário, que tiveram acesso ao conhecimento científico; estas pessoas utilizam, para legitimar sua prática, todo um arcabouço explicativo baseado nos avanços da física e da psicologia, e não mais exclusivamente num dom mediúnico ou num

---

<sup>1</sup> A palavra *arcano*, assim como *lâmina* e *trunfo*, refere-se às cartas do tarô.

poder divino; e o tipo de conhecimento adquirido atualmente pelo oráculo em quase nada se assemelha aos sistemas divinatórios tradicionais.

Hoje em dia, alguns psicanalistas utilizam o tarô em sua atividade profissional como um instrumento auxiliar na identificação de padrões de comportamento que devem ser abandonados por seus clientes ou de traços de personalidade que podem ser desenvolvidos para ajudar na superação de bloqueios e traumas psicológicos. Essa forma de tratamento tem como base a teoria junguiana dos arquétipos e sua noção de inconsciente coletivo.

De acordo com Nichols (2007:16), Jung “reconheceu de pronto [...] que o Tarô tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais de maior percepção a disposição desses padrões”. Em outras palavras, todas as experiências humanas estariam – para o discípulo de Freud – de certa forma condensadas nos arcanos do tarô e através deles poderíamos entender a psique do homem.

Também podemos verificar sem dificuldade alguma a proliferação, no espaço virtual, de *websites* dedicados às cartas do tarô. Esses *sites* tanto oferecem consultas tarológicas como disponibilizam um espaço para discussões sobre os trunfos. As consultas podem ser muito simples, com respostas do tipo “sim” e “não”, ou podem apresentar um caráter mais complexo, como por exemplo, previsões para um semestre inteiro que contemplam diversas áreas da vida do consultante, como finanças, família, relacionamentos sociais, relacionamentos amorosos, saúde, trabalho, estudos, viagens e lazer, etc.

Tavares (1993:04) defende que, para muitas pessoas, o jogo de tarô representa “a possibilidade de transpor o conhecimento inscrito no *mundo desencantado*, buscando conquistar uma nova compreensão de si mesmas, bem como da realidade à sua volta”. Talvez essa seja a razão pela qual o tarô “encontra grande número de pessoas que por ele se interessa e que nele acredita” (Urban, 2004:29).

Além de consultas oraculares, encontramos também na *world wide web* espaços para debates sobre o tarô. Nesses *sites*, tarólogos renomados, estudantes, ocultistas e

leigos discutem sobre os significados das lâminas, seu uso terapêutico, sua simbologia, e divulgam trabalhos e encontros que têm os arcanos como foco principal<sup>2</sup>.

A crescente divulgação das práticas oraculares, em especial da taromancia, despertou o interesse da Academia por esse objeto de estudo. Dessa forma, não é mais tão raro nos depararmos atualmente com trabalhos acadêmicos que se propõem a investigar as origens e os efeitos sociais das mais diversas práticas esotéricas.

Numa pesquisa ao Banco de Teses da Capes<sup>3</sup>, foram constatadas sete teses/dissertações envolvendo o estudo do tarô, no campo da Sociologia (Tavares, 1993; Silva, 1986), da Comunicação (Valladares, 1995), das Artes (Fernandes, 2000; Azevedo, 2003) e do ensino da Matemática (Albuquerque, 2004). Apenas uma dissertação (Lopes, 2003) realizou uma abordagem do tarô – além dos búzios e das runas – utilizando os pressupostos da Linguística, embasando-se fundamentalmente na Pragmática (Teoria dos Atos de Fala e Teoria da Relevância).

Já os livros publicados comercialmente sobre o tema consistem basicamente em manuais de interpretação dos arcanos e “iniciação” ao tarô, enfatizando sobretudo o aspecto místico das cartas ou as nuances artístico-pictóricas do oráculo, como por exemplo, a coleção de três volumes *Estudos Completos do Tarô*, de Nei Naiff (2001).

Apesar de, na maioria das vezes, esses trabalhos terem a intenção de “desmascarar” as diversas atividades e instrumentos divinatórios, a abordagem científica dessa realidade é, em geral, considerada por muitos ocultistas modernos um avanço, uma vez que, dessa forma, a ciência “cumpre, finalmente, o seu papel de investigar, que é a sua função, e não rejeitar” (Rodrigues, 2006:11).

É nessa esfera investigativa que este trabalho se insere. Não com a intenção de descreditar o discurso divinatório, mas de apontar como se constituiu e evoluiu o tarô, bem como averiguar quais sentidos oraculares podem ser construídos a partir das diferentes iconografias e dos variados elementos verbais presentes em diversas cartas.

As cartas do tarô – quer sejam encaradas como ferramentas para predição do futuro, quer sejam usadas como instrumento lúdico ou ainda como forma de autoconhecimento psicanalítico – contam uma história simbólica pela imagem, já que

---

<sup>2</sup> Como *sites* de consulta podem ser citados o [www.egoastral.com.br](http://www.egoastral.com.br) e o [www.somostodosum.ig.com.br](http://www.somostodosum.ig.com.br). Debates sobre o tarô podem ser acompanhados no *site* [www.orkut.com](http://www.orkut.com), em comunidades como: *TARÔ – Muita Prática e teoria, Tarot terapêutico/Tarô terapia, Tarô: Estudos e Pesquisas*, entre outras.

<sup>3</sup> Pesquisa realizada no *site* <<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>>. Acesso em 12/11/2009.

podem ser vistas “como um texto pictórico mudo, que representa as experiências típicas encontradas ao longo do caminho antiquíssimo da autocompreensão”, na perspectiva psicologista de Nichols (2007:20).

Uma carta de tarô, ainda que apresente diferenças iconográficas enormes de um baralho para outro – como podemos ver na Figura 1 –, possui um significado divinatório minimamente estabilizado nos manuais tarológicos. As disparidades imagéticas podem servir para enfatizar um ou outro aspecto oracular descrito verbalmente nos manuais.

Figura 1: o Louco no Tarô de Marselha, no das Donas de Casa e no do Vale do Silício



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Com o propósito, portanto, de observar como se dá a construção dos sentidos nos arcanos do tarô – a partir dos diversos materiais semióticos visuais e verbais que compõem as cartas –, iremos articular neste trabalho os princípios de dois aportes teórico-metodológicos que se complementam: a Gramática do Design Visual e a Gramática Sistêmico-Funcional.

Assim sendo, assumimos, com Kress e van Leeuwen (1996:17), que tanto a língua escrita quanto a comunicação visual podem expressar significados pertencentes a culturas e são por elas estruturados numa sociedade, e que disso resulta um considerável grau de congruência entre essas duas semioses. Dessa forma, sustentamos que a pesquisa sobre as cartas de tarô será de grande contribuição para os estudos na área da Multimodalidade Discursiva, na medida em que serão observadas as maneiras como as diferentes representações pictóricas dos arcanos enfatizam aspectos diversificados do seu significado oracular, verbalizados em três manuais de interpretação – Banzhaf (2001), Kaplan (1997) e Naiff (2001).

No que concerne aos estudos linguísticos, investigaremos, à luz dos preceitos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), como a utilização dos diferentes tipos de processos elencados por Halliday (1994) em sua Gramática Sistêmico-Funcional possibilita a construção de significados e a fundamentação de uma ação social. Para tanto, iremos concentrar nossos esforços na observação da *transitividade*, categoria gramatical ligada à metafunção ideacional da LSF, que se refere à representação das ideias, da experiência humana, ou seja, experiências do mundo real, inclusive do interior de nossa consciência.

Dessa maneira, o objetivo central deste trabalho é analisar o modo como os sentidos dos arcanos são construídos a partir da investigação da transitividade dos verbos nos textos presentes nas cartas de tarô. Paralelamente, observaremos de que forma os produtores dos baralhos operam com recursos imagéticos e verbais com o intuito de não só atualizar a iconografia clássica dos trunfos, mas também de tornar seus significados mais acessíveis e próximos dos leitores.

Esse objetivo maior, por sua vez, pode ser subdividido em dois outros: *a)* investigar como a manipulação dos recursos imagéticos permite salientar determinados aspectos dos significados dos arcanos descritos nos manuais tarológicos; e *b)* observar como os produtores dos tarôs didáticos materializam, nos textos presentes nas próprias lâminas, os tipos de processo que constituem a experiência humana – aqui entendida como fluxo de eventos ou acontecimentos, atos relacionados ao agir, ao dizer, ao sentir, ao ser.

Para alcançarmos os objetivos aqui expostos, adotaremos neste trabalho como referencial teórico-metodológico a Semiótica Social, cujos principais conceitos e princípios encontram-se a seguir exposto.

Considerada tradicionalmente como o estudo geral dos signos, a Semiótica tinha no próprio conceito de *signo* uma grande limitação. O signo era compreendido sob uma ótica estruturalista como algo em si mesmo, preexistente a tudo dentro e fora de si antes de ser relacionado a outros signos. A essa noção Halliday e Hasan (1989:03) chamam “concepção atomística de signo”.

Para contornar as restrições impostas por esse conceito, os autores propõem uma nova definição para Semiótica, que deixa de contemplar o signo em si e passa a priorizar sistemas de signo. Dessa forma, segundo Halliday e Hasan (1989:04), o estudo

semiótico é o “estudo do *significado* no seu sentido mais abrangente”. Sob esse novo prisma, a Linguística torna-se uma forma de semiótica, na medida em que é uma ramificação dos estudos do significado.

Ao tratarem especificamente da Semiótica Social, Halliday e Hasan (1989) expõem as implicações da associação desses termos no estudo do significado. Além do termo *Semiótica*, já tratado acima, o termo *social* também requer especial atenção. O *social*, de acordo com os estudiosos, aponta para duas instâncias de um mesmo processo: por um lado, refere-se a uma cultura, a um sistema social como um sistema de significados; por outro lado, indica uma preocupação com as relações entre linguagem e estrutura social como um aspecto do sistema social, uma vez que os sentidos são criados por esse sistema.

Por seu turno, Van Leeuwen (2005) afirma ser a Semiótica Social uma abordagem nova e distinta da prática e da teoria da semiótica estruturalista, e destaca dois princípios da sociosemiótica que a diferenciam da semiótica imanentista, quais sejam: a Semiótica Social não é uma teoria “pura”, no sentido de que recorre a conceitos e métodos de outros campos; e a Semiótica Social é uma forma de investigação que não oferece respostas imediatas; antes, apresenta ideias para formulação de questões e caminhos para buscar respostas.

A linguagem, na abordagem sociosemiótica, serve para expressar realidades que estão acima e além de si mesma. Por isso Halliday e Hasan (1989:04) afirmam que têm por objetivo “relacionar a linguagem primeiramente a um aspecto da experiência humana, a estrutura social”.

O caminho para entender a linguagem, de acordo com esses estudiosos, está no estudo do texto. *Texto* é considerado uma unidade semântica, um evento social encarado como *produto* (na medida em que é algo passível de ser registrado e estudado) e como *processo* (no sentido de processo contínuo de escolha semântica, de troca social de significado).

A essa noção está intrinsecamente ligado o conceito de *contexto* como algo que acompanha o texto, que o precede e que engloba também fatores não-verbais, isto é, o ambiente total em que o texto se desenvolve. O contexto é o espaço onde o texto se desdobra e, ao mesmo tempo, nele está condensado através de uma “relação sistemática



entre o ambiente social de um lado, e a organização funcional da linguagem de outro” (Halliday e Hasan, 1989:11).

Uma das bases teóricas à qual recorre a sociossemiótica é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que vê a linguagem como “um recurso estratégico de produção de sentido” (Eggins, 2004:02). A LSF empresta à Semiótica Social algumas de suas noções como *contexto de situação* (situação imediata de uso da linguagem) e *função semiótica da linguagem* (pessoas negociam textos para fazerem sentido entre si).

Mais particularmente, o contexto de situação “refere-se aos elementos mais imediatos que têm impacto sobre o texto e é especificado em termos de três componentes ou variáveis contextuais: o *campo*, as *relações* e o *modo*” (Meurer, 2006:168). A dimensão *campo* relaciona-se à *metafunção ideacional* da linguagem e corresponde à natureza da prática social; as *relações*, ligadas à *metafunção interpessoal*, dizem respeito “à natureza da relação entre os falantes”; e o *modo*, relacionado à *metafunção textual*, “refere-se ao meio ou canal de transmissão da mensagem e também diz respeito ao papel da linguagem na interação” (Cunha e Souza, 2007:21).

O estudo sociossemiótico da linguagem permite-nos abordá-la não como objeto estanque, imutável, mas principalmente como um recurso usado pelos falantes com propósitos específicos: produzir sentidos, entender o ambiente e influir sobre os outros.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

As cartas de tarô utilizadas nesta pesquisa como *corpus* ampliado foram selecionadas de um universo de 396 tarôs, totalizando 30.888 lâminas. Esses baralhos encontram-se disponíveis no *site* <http://www.taroteca.multiply.com>, mas alguns desses exemplares físicos fazem parte de nossa coleção particular. O processo de observação e escolha dos arcanos durou de janeiro a outubro de 2009 e obedeceu aos critérios discutidos a seguir.

Para a análise das cartas, tomamos como base os seguintes critérios para seleção do *corpus* restrito:

- a) Para a análise multimodal (capítulo II), baralhos com uma iconografia mais moderna e diferenciada; distinta, portanto, da iconografia tradicional, representada tipicamente pelo tarô de Marselha (cf. Nichols, 2007); e

b) Para a análise da transitividade (capítulo III), baralhos com material verbal presente nas próprias lâminas, isto é, tarôs produzidos para fins didáticos.

Tendo em vista a variedade e complexidade das categorias de análise examinadas por Kress e van Leeuwen (1996), revelou-se pouco produtivo – quando não inviável – restringir a análise multimodal realizada no segundo capítulo à investigação de um único baralho de tarô (por exemplo, só o Tarô de Raider-Waite) ou mesmo a um grupo de cartas (por exemplo, apenas os arcanos maiores ou apenas os menores).

Assim, foi com o propósito de enriquecer este estudo, abrangendo o maior número possível dos fenômenos imagéticos contemplados na Gramática do Design Visual (GDV) que selecionamos cartas diversas para o segundo capítulo. Dentro do nosso recorte metodológico, os critérios de seleção das lâminas tarológicas nos levaram à escolha – para a investigação do uso dos recursos da GDV – de trinta cartas de nove tarôs distintos, constituindo nosso *corpus* restrito (Tabela 1):

**Tabela 1: *Corpus* restrito (cartas de tarô analisadas no segundo capítulo)**

<b>NOME DO BARALHO</b>	<b>ARCANOS ANALISADOS</b>
Tarô de Raider-Waite	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o Julgamento (arcano XIX),</li> <li>• a Justiça (arcano VIII),</li> <li>• o Papa (arcano V),</li> <li>• a Morte (arcano XIII),</li> <li>• a Roda da Fortuna (arcano X),</li> <li>• pajem de ouros,</li> <li>• cinco de copas, e</li> <li>• sete de copas.</li> </ul>
Tarô das Donas de Casa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• a Imperatriz (arcano III),</li> <li>• dois de copas,</li> <li>• sete de espadas,</li> <li>• cinco de ouros, e</li> <li>• dez de copas.</li> </ul>
Tarô de Salvador Dali	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o Imperador (arcano IIII).</li> </ul>
Tarô do Beisebol	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o Louco (sem número),</li> <li>• o Enforcado (arcano XII),</li> <li>• a Morte (arcano XIII),</li> <li>• oito de ouros,</li> <li>• rei de ouros,</li> <li>• quatro de espadas,</li> <li>• quatro de paus, e</li> <li>• cinco de paus.</li> </ul>
Tarô do Vale do Silício	<ul style="list-style-type: none"> <li>• cinco de paus</li> </ul>
Tarô do Senhor dos Anéis	<ul style="list-style-type: none"> <li>• a Morte (arcano XIII) e</li> <li>• quatro de ouros.</li> </ul>
Stick Tarot	<ul style="list-style-type: none"> <li>• cinco de copas.</li> </ul>
Tarô dos Vampiros Góticos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• sete de copas e</li> <li>• dez de espadas.</li> </ul>
Tarô das Ideias instantâneas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o Mago (arcano I) e</li> <li>• sete de copas.</li> </ul>

No que diz respeito à análise linguística, nossos propósitos nos orientaram na escolha do Tarô Rápido & Fácil (*Quick and Easy Tarot*, 1999), pelo fato de, neste baralho, os significados oraculares estarem verbalizados nas próprias lâminas. O Tarô Rápido & Fácil é autoexplicativo e foi elaborado para que pessoas que se interessam pela tarologia possam aprender o significado dos arcanos por meio da observação das cartas, sem que seja preciso recorrer a manuais de interpretação. Por isso, os trunfos desse baralho apresentam material escrito.

Quanto ao critério de seleção das cartas a serem analisadas, seguimos inicialmente a divisão já clássica dos Arcanos Maiores proposta pelo Comte de Mellet no final do século XVIII (citado por Place, 2003). O estudioso apresenta uma interessante visão sobre como os arcanos podem ser agrupados dentro de uma sequência a partir de seus componentes pictóricos e significados simbólicos.

Mellet sustenta que as 21 cartas podem ser divididas em três grupos de sete trunfos, cada grupo representando uma idade histórica. A Idade do Ferro (arcanos I ao VII) é o conjunto em que o elemento humano é mais presente: o Mago, o Imperador e a Imperatriz, o Papa e a Papisa, os Amantes. Já o segundo grupo, a Idade da Prata (arcanos VIII ao XIV), é dominado por imagens de tempo e morte. Por fim, com a Idade de Ouro (arcanos XV ao XXI), tem-se a criação do mundo exterior, com o Sol, a Lua, as Estrelas.<sup>4</sup>

Com o propósito de investigar a transitividade – sistema responsável por modelar o mundo das *experiências humanas internas e externas* (cf. Halliday e Matthiessen, 2004) – acreditamos que os arcanos do primeiro grupo (Idade do Ferro), por representarem experiências humanas, sejam os que possibilitem uma análise mais produtiva desse fenômeno. Incluiremos também nesse grupo o arcano 0 (O Louco), que normalmente é deixado de fora nos sistemas de classificação de tarôs. Desse modo, nosso *corpus* será composto pelas oito primeiras cartas do Tarô Rápido & Fácil.

Diante do exposto, a disposição temática dos assuntos tratados nesta dissertação adotará a seguinte ordem: no primeiro capítulo, *A origem das cartas*, apresentaremos um levantamento das origens históricas dos baralhos de tarô. Nessa seção, iremos discutir os costumes dos povos mamelucos do Oriente Médio, que criaram o baralho de

---

<sup>4</sup> Evidentemente, essa é uma visão bem global da proposta classificatória do Comte de Mellet. Para uma abordagem mais detida sobre o tema, consultar Place (2003).

jogar – cartas que deram origem ao tarô –, bem como a influência desse jogo na Europa durante o período da Idade Média. Por fim, traçaremos o caminho de evolução que essas cartas percorreram desde o seu surgimento como instrumento lúdico até a sua utilização como ferramenta oracular, observando aspectos das práticas sociais e culturais da sociedade.

No segundo capítulo, *Multimodalidade no tarô*, investigaremos os recursos multimodais que serviram de base na elaboração dos arcanos de baralhos mais modernos de tarô, e a forma como foram usados tanto para atualizar a iconografia clássica quanto para aproximar os significados dos trunfos à vida cotidiana. Para tanto, serão indispensáveis as categorias de análise da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996), tais como ‘ação’, ‘reação’, ‘modalidade’, ‘valor informativo’, *framing* ou ‘estruturação’, ‘saliência’, entre outras. Também serão utilizados três manuais de tarô – Banzhaf (2001), Kaplan (1997) e Naiff (2001) –, que servirão para ilustrar quais significados verbais descritos nos livros estão sendo destacados pela composição visual das cartas.

No terceiro capítulo, *Transitividade no tarô*, abordaremos o sistema de transitividade verbal nos textos escritos nas oito primeiras cartas do Tarô Rápido & Fácil<sup>5</sup> sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Nosso objetivo nesse capítulo é investigar como os produtores desse tarô representam eventos, caracterizam pessoas ou situações, expressam valores, etc., por meio do uso da transitividade e seus principais processos encontrados na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004).

---

<sup>5</sup> No Capítulo III dessa dissertação, a tradução dos textos em inglês presentes nos arcanos é de nossa total responsabilidade, da mesma forma como assumimos a responsabilidade pela tradução de citações dos textos teóricos ao longo de todo o trabalho.

# CAPÍTULO I

## O TRAJETO HISTÓRICO DAS CARTAS

### 1.1. A origem das cartas

O tarô, segundo Lopes (2003:19), é “o mais tradicional dos instrumentos oraculares”. E embora esse maço de cartas seja bastante conhecido não apenas entre místicos, tarólogos, cartomantes, mas entre público em geral, há várias versões divergentes da origem desse baralho que, para alguns, é um instrumento para desvendar o passado, entender o presente e prever o futuro. O objetivo deste capítulo é fazer uma reconstituição histórica do baralho tarológico, desde o surgimento das primeiras cartas de jogar chinesas e do baralho mameluco, até sua evolução para os baralhos europeus e a confecção das modernas ilustrações dos tarôs surrealistas atuais.

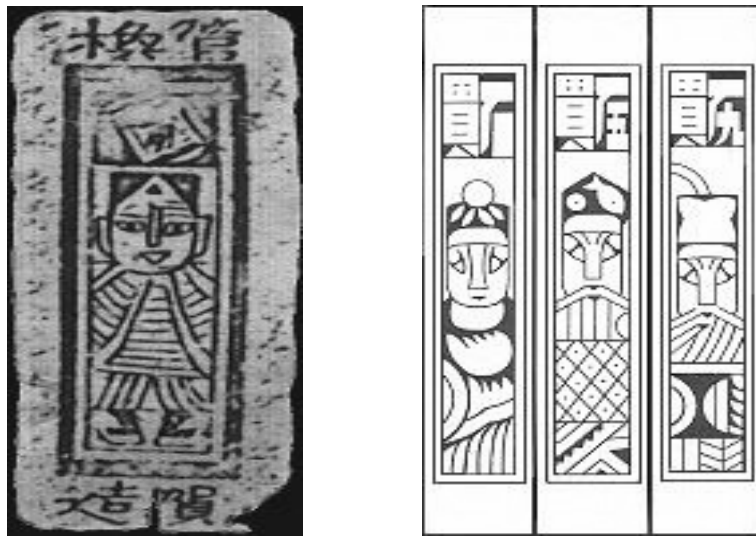
A visão mágica do tarô serve de fundamento para algumas suposições esotéricas sobre o aparecimento das cartas, como a sua ligação com o livro egípcio de Thoth ou com as 22 duas letras do alfabeto hebraico. Muitos ainda hoje compartilham essas visões uma vez que, para Kaplan (1997:1),

(...) os livros sobre tarô tratam, quase que inevitavelmente, apenas dos aspectos ligados à leitura da sorte. Quase nunca é mencionado o trabalho das artísticas edições do tarô, como as usadas no jogo de *taroque*, que apresentavam uma história pictórica dos acontecimentos, das artes e dos estilos de vida, tanto da nobreza quanto do povo, através dos séculos.

Apesar de os supostos mistérios e poderes divinatórios do tarô serem conhecidos por muito poucos, e de não haver consenso no que se refere à sua origem, parte de sua estrutura é bastante conhecida: os 56 arcanos menores – que formam, juntamente com os 22 arcanos maiores, o conjunto das 78 cartas do tarô – nada mais são do que as cartas do baralho comum, acrescido da figura do cavaleiro entre as figuras da corte.

Com base no vínculo do tarô com as cartas de jogar, alguns historiadores associam o seu surgimento à criação do baralho comum e aos povos da China, da Índia, ou da Pérsia. Um grupo de historiadores defende que as cartas de jogar surgiram na China, na mesma época em que o dominó e o *mahjong*, uma vez que as primeiras referências a jogos de carta ocorreram na China, em 1294 (Kaplan, 1997). Na Fig. 1.1 a seguir, é possível observar dois exemplares de cartas do baralho chinês.

Figura 1.1: Cartas do baralho chinês



Fonte: [http://a\\_pollett.tripod.com](http://a_pollett.tripod.com) (acesso em 16/06/09)

É possível que haja uma ligação entre a origem do baralho e os ciganos. Alguns historiadores associam as cartas com os ciganos originários do Indostão forçados a sair da Índia, no início do século XV, por Timur Lenk, conquistador islâmico de grande parte da Ásia Central e da Europa Oriental. Kaplan (1997:15) esclarece que os primeiros ciganos

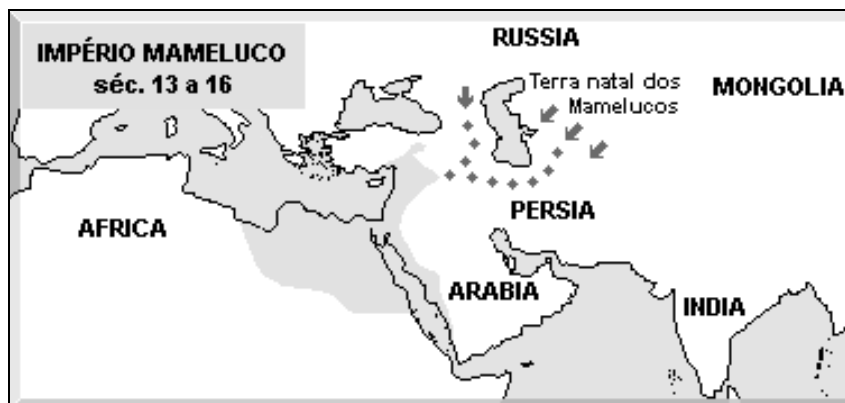
começaram seu grande movimento rumo ao Ocidente (...) por volta do ano 1400, cruzando o Hindu, atravessando o Afeganistão e os desertos da Pérsia e seguindo ao longo do Golfo Pérsico até a boca do Eufrates. Prosseguindo através dos grandes desertos da Arábia, eles encontraram o caminho da Europa, seguindo por várias rotas.

O problema dessa teoria é que há registros escritos da presença de jogos de cartas na Europa antes do início da diáspora cigana.

Das três hipóteses levantadas por historiadores sobre a origem das cartas, a mais bem fundamentada é a de que o baralho foi criado pelos *mamelucos*, um grupo de nômades oriundo da Turquia e da Rússia e treinado para lutar ao lado dos exércitos mulçumanos no Egito (Irwin, 1986). Os mamelucos foram os primeiros e mais importantes escravos militares. O fato de não serem escravos domésticos permitia que esses nômades aprendessem técnicas de cavalaria e arco e flecha, o que os tornou um exército temido entre os povos do Oriente Médio no início da Era Cristã. Irwin (1986:4) afirma que a relação entre os escravos mamelucos e seus *ustadhs* ('donos' ou 'mestres') era de extrema lealdade, "podendo o mameluco se referir a seu *ustadh* como seu pai e o

*ustadh*, em retribuição, fazer do escravo o seu herdeiro”<sup>6</sup>. Com o tempo, os mamelucos passaram a dominar o Egito (v. Fig. 1.2) e estabeleceram um sólido comércio com o sul da Europa. Esse comércio foi o principal meio pelo qual o baralho chegou à Europa.

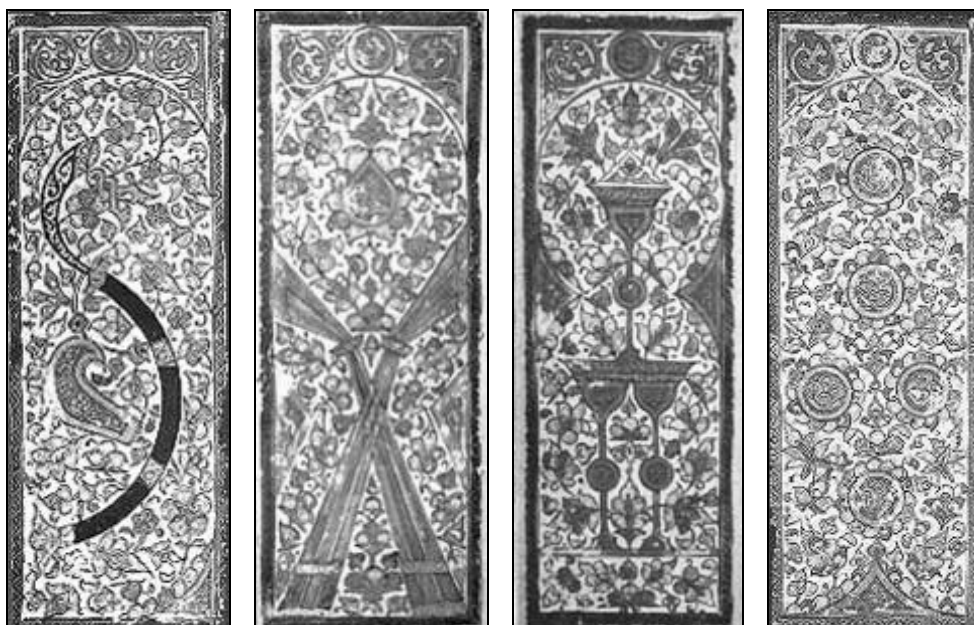
Figura 1.2: Mapa do império mameluco em seu apogeu econômico



Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

Como sustenta Parlett (1990), os naipes que figuram no baralho mameluco representam os interesses, os passatempos e as ocupações da aristocracia, e são os mesmos do jogo de cartas moderno: espadas, bastões de pólo, copas ou taças e moedas, conforme se constata na Fig. 1.3.

Figura 1.3: Os naipes do baralho mameluco

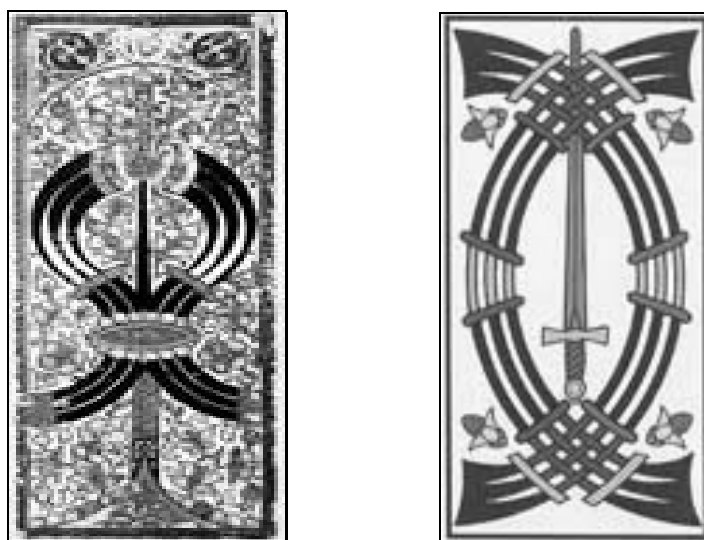


Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

<sup>6</sup> Tradução livre do seguinte trecho do livro de Robert Irwin (1986:4): “(...) the mamluk might refer to his *ustadh* as his father and the *ustadh* reciprocate by making his slave his heir after death.”

A principal atividade desempenhada por esse povo era a guerra. Para serem considerados soldados, os mamelucos eram preparados com extrema disciplina, sendo submetidos a um treinamento rigoroso. Essa prática está representada no jogo de cartas mameluco pelo naipe de espadas – e guarda enorme semelhança com o naipe de espadas de alguns baralhos europeus (Fig. 1.4).

Figura 1.4: Sete de espadas mameluco e sete de espadas de Marselha



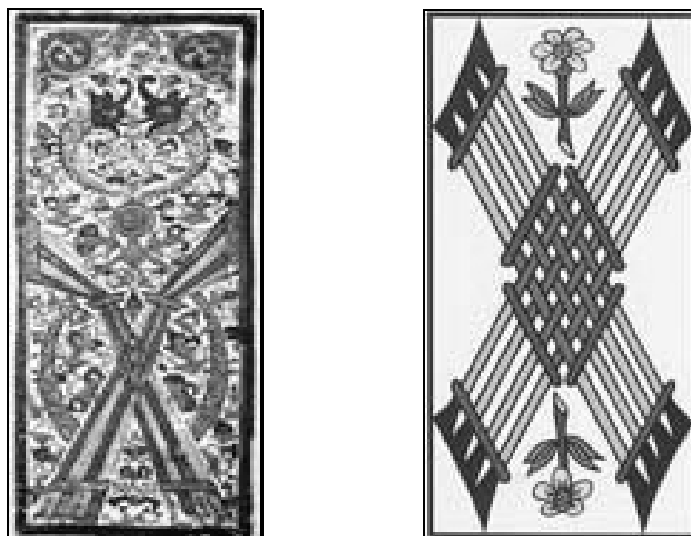
Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

Além das batalhas, a atividade à qual os mamelucos dedicavam bastante tempo era o jogo de pólo. Esse era seu passatempo favorito e foi desenvolvido com base nas suas estratégias de combate, o que justifica o fato de os jogadores estarem montados em seus cavalos, apenas trocando as espadas por tacos de madeira, durante as partidas. A importância desse esporte era tamanha para os mamelucos que os visitantes mais ilustres ganhavam aposentos cuja vista eram os campos de pólo. Esse jogo também tem representação no baralho mameluco e se mantém até hoje em alguns baralhos modernos (v. Fig. 1.5).

Os mamelucos também gostavam de festas e celebrações. Eles faziam festivais de música em suas fortalezas e premiavam os melhores artistas. Apreciavam apresentações de dança do ventre e comemoravam durante dias cerimônias de casamento ou circuncisões (Stowasser, 1984). O espírito festivo dos mamelucos deu origem ao naipe de copas (v. Fig. 1.6).

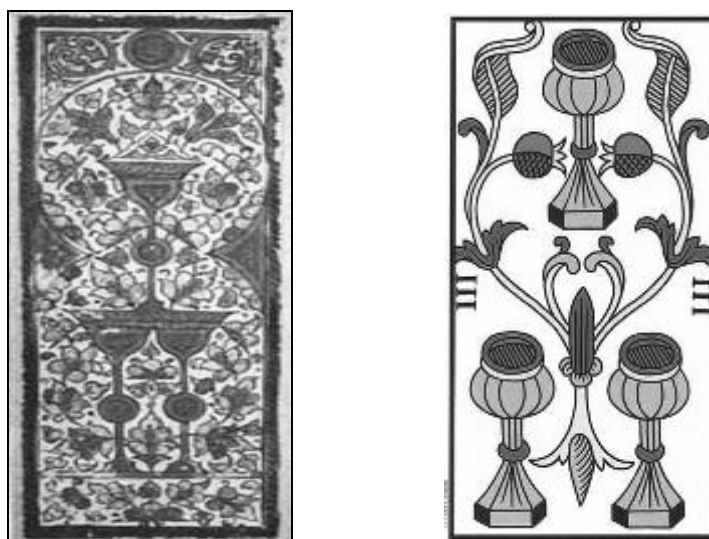


Figura 1.5: Oito de paus mameluco e oito de paus de Marselha



Fonte: [http://www.clubedotaro.com.br/site/h23\\_15\\_mamluk.asp](http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_15_mamluk.asp) (acesso em 16/06/09)

Figura 1.6: Três de copas mameluco e três de copas Marselha

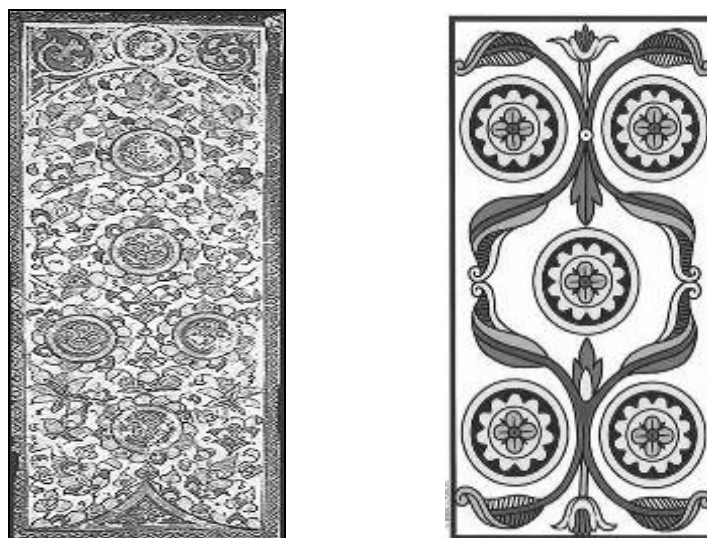


Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

Mesmo sendo escravos, os mamelucos aprendiam outras habilidades além das puramente militares. Dessa forma, não era incomum que eles “exercessem a função de governadores de províncias, de mordomos ou administradores dos tesouros reais” (Irwin, 1986:4). Ao dominarem o Egito junto aos mulçumanos, os mamelucos estabeleceram um sólido comércio com o sul da Europa.

Segundo Parlett (1990), essa atividade tornou-se prioridade entre os povos árabes e também figura como naipes até hoje simbolizado pelo ouro (v. Fig. 1.7).

Figura 1.7: Cinco de ouros mameluco e cinco de ouros Marselha



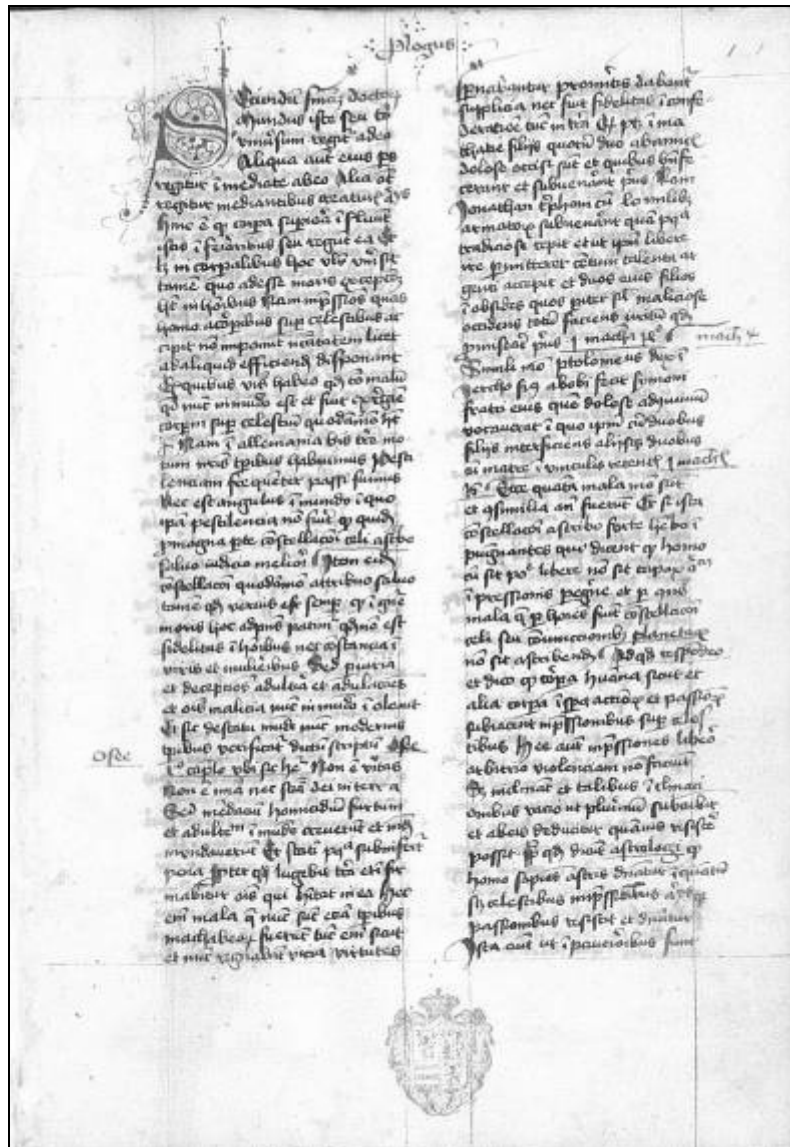
Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

## 1.2. As cartas conquistam o Velho Continente

Foi por meio do comércio que o baralho chegou ao sul da Europa e rapidamente se espalhou pelo resto do continente. Esse fenômeno ocorreu por volta do final do século XIV e início do século XV, de quando datam os primeiros registros escritos da presença do jogo de cartas no Velho Continente. A maioria desses documentos era constituída por sermões religiosos ou leis condenando o jogo, ou ainda relatos de gastos da nobreza, que encomendava baralhos caríssimos aos artistas da época.

O mais antigo relato preservado sobre o jogo de cartas na Europa data de 1377 e foi escrito por um monge chamado Johannes von Rheinfelden (*apud Kaplan, 1997:16*). O religioso registrou em Bregenz, na Suíça, que “um jogo chamado jogo de cartas (*ludus cartarum*) chegou até nós nesse ano de 1377”. Nesse escrito, o monge afirma não saber a origem ou a data de criação do jogo e o compara ao xadrez por apresentar figuras como reis e cavaleiros. Esse documento é conhecido como *De ludus cartarum moralisatus*, e encontra-se no acervo de documentos medievais da Biblioteca Britânica (v. Fig. 1.8).

Figura 1.8: Página do *De ludus cartarum moralisatus*



Fonte: <http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/results.asp?OriginID=246> (acesso em 17/06/09)

Um outro registro do final do século XIV consta no livro de contabilidade de Charles Poupert, tesoureiro da corte francesa e dá conta de que “três baralhos foram pintados por Jacquemin Gringonneur, em 1392, para divertimento do rei da França. Gringonneur recebeu por esse trabalho 56 soldos de Paris” (Kaplan, 1997:18-19).

O baralho inicialmente associado a Gringonneur (cf. Fig. 1.9), que consta nos arquivos da Biblioteca Nacional de Paris, para alguns pesquisadores, teria sido confeccionado em Veneza e seria posterior ao *Registre de la Chambre des Comptes*.

Figura 1.9: Valete de espadas do baralho de Gringonneur ou veneziano



Fonte: <http://www.clubedotaro.com.br/> (acesso em 16/06/09)

Conforme o baralho se espalhava pelas cortes europeias, ia sofrendo variações, já que cada povo imprimia nas cartas as suas marcas culturais. Um claro exemplo disso são os maços espanhol e italiano, que continuaram a reproduzir os naipes de origem mameluca, ao passo que as cartas alemãs ilustravam a vida rural, onde se concentrava grande parte da atividade econômica do país.

Enquanto nas cartas espanholas e italianas a herança mameluca manteve-se praticamente intacta (Fig. 1.10 *a* e *b*) – note-se, por exemplo, a imagem de um guerreiro árabe no baralho italiano (representada por um soldado de turbante montando um cavalo, na parte inferior da Fig. 1.10 *b*) –, no maço alemão o naipe de copas dá lugar ao de corações; o de paus, ao de folhas; e, no lugar de moedas, vê-se o desenho de nozes.

Figura 1.10: Cartas espanholas, cartas italianas e cartas alemãs

(a)



Figura 1.10: Cartas espanholas, cartas italianas e cartas alemãs (cont.)

(b)



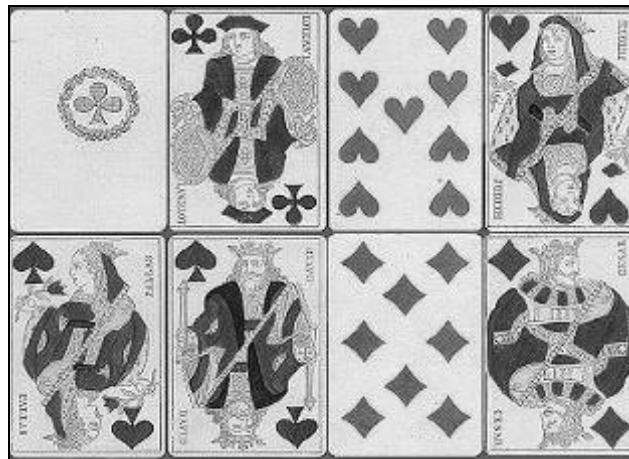
(c)



Fonte: [http://a\\_pollett.tripod.com](http://a_pollett.tripod.com) (acesso em 16/06/09)

Outro fator cultural que chama a atenção nos baralhos europeus antigos é o fato de neles não aparecer a carta da rainha, evidência da supervalorização do papel do homem em detrimento da figura feminina. Isso só vai mudar com a impressão, na França, de baralhos com símbolos mais simples e padronizados, com duas cores predominantes: preto para paus e espadas; e vermelho, para copas e ouros (Fig. 1.11). Esse padrão de naipes, estabelecido no final do século XV, tornou as cartas francesas o modelo do baralho anglo-americano moderno (cf. Parlett, 1990). A simplificação das imagens do baralho resultou num enorme sucesso comercial, uma vez que a produção era feita com melhor papel e com mais nitidez. É nesses jogos que a carta da rainha ganha espaço pela primeira vez, como se observa na carta superior à direita e na carta inferior à esquerda da Fig. 1.11.

Figura 1.11: Cartas francesas

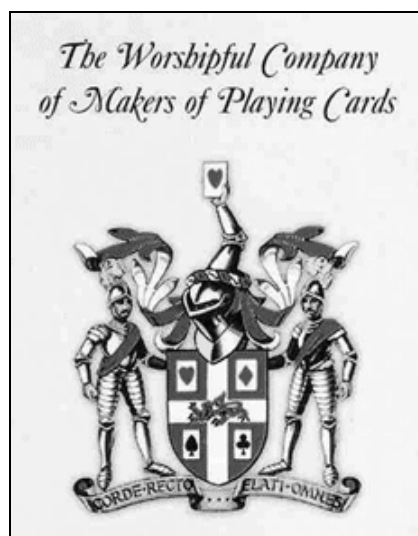


Fonte: [http://a\\_pollett.tripod.com](http://a_pollett.tripod.com) (acesso em 16/06/09)

Parlett (1990) revela que a popularidade das cartas passou a ser considerada nociva pelo Estado e pela Igreja na medida em que houve um considerável aumento no número de registros de brigas e mortes em decorrência das apostas feitas em mesas de jogos. Para controlar o avanço dos jogos de azar, a monarquia e o clero passaram a usar dois instrumentos extremamente persuasivos: os impostos e a condenação à morte. A Igreja começou a promulgar editos veementes restringindo e às vezes até proibindo os jogos de cartas. As manifestações dos monarcas não foram menos contundentes. A cidade de Florença aprovou o estatuto dos jogos de azar em 1376, proibindo o jogo chamado *naibe*. Dois anos depois, na Alemanha, o governo passou a multar quem jogasse por dinheiro.

Apesar de as cartas terem sido proibidas na Inglaterra por determinação do parlamento, um grupo de fabricantes de baralhos conseguiu, em 1628, uma autorização do rei Carlos I para continuar sua produção, impedindo a importação de maços franceses e controlando a comercialização do jogo em território inglês. Nasceu assim a Respeitável Companhia dos Fabricantes de Cartas de Baralho (Fig. 1.12).

Figura 1.12: Brasão da *Worshipful Company of Makers of Playing Cards*



Fonte: <http://mpcc.org.au/articles/worshipful.php> (acesso em 24/06/09)

Em retribuição ao favor concedido à companhia de fabricantes de cartas, o rei Carlos I passou a cobrar um imposto sobre cada baralho confeccionado. No início, o valor a ser pago era de seis *pence*, mas logo aumentou para dois *xelins* e seis *pence*, um preço muito alto à época. Para evitar sonegação, um selo com o ás de espadas foi criado pelo governo (Fig. 1.13). Cada vez que um membro da companhia produzia um baralho, o selo só era emitido após o pagamento do tributo. Caso o imposto não fosse pago e, mesmo assim, as cartas fossem comercializadas, a pena para o sonegador era a morte. Para alguns estudiosos, vem daí a ideia de que o ás de espadas é sinônimo de azar.

Figura 1.13: Selo criado pelo governo inglês para controlar a comercialização de baralhos



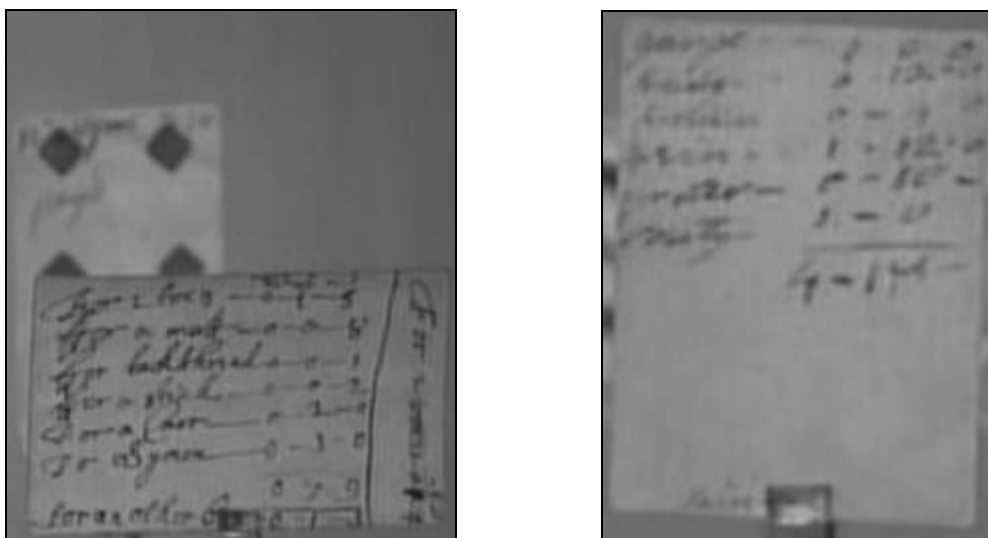
Fonte: History Channel

### 1.3. Outras utilidades para as cartas

Além da função lúdica, as cartas de baralho tinham propósitos sociointerativos extremamente importantes no século XVII, principalmente fora da Inglaterra, onde o baralho não custava tão caro. De acordo com o documentário *Decifrando o Passado: Os Segredos das Cartas de Baralho* (originalmente, *Decoding the Past: Secrets of the Playing Card*, 2006), produzido e exibido no Brasil pelo History Channel, muitas pessoas tiravam vantagem do fato de as cartas terem apenas um lado impresso, utilizando-as para os mais diversos fins comunicativos.

Um uso bastante interessante do baralho era feito pelos exércitos que se deslocavam por toda Europa e empregavam as cartas como ‘vale-refeição’. O consumo dos soldados nas tavernas era anotado no verso dessas cartas para que posteriormente o proprietário do estabelecimento pudesse cobrar o valor das refeições aos líderes das tropas. Muitas dessas cartas se encontram no Turnhout Playing Card Museum, na Bélgica (Fig. 1.14).

Figura 1.14: Cartas com função de vale-refeição

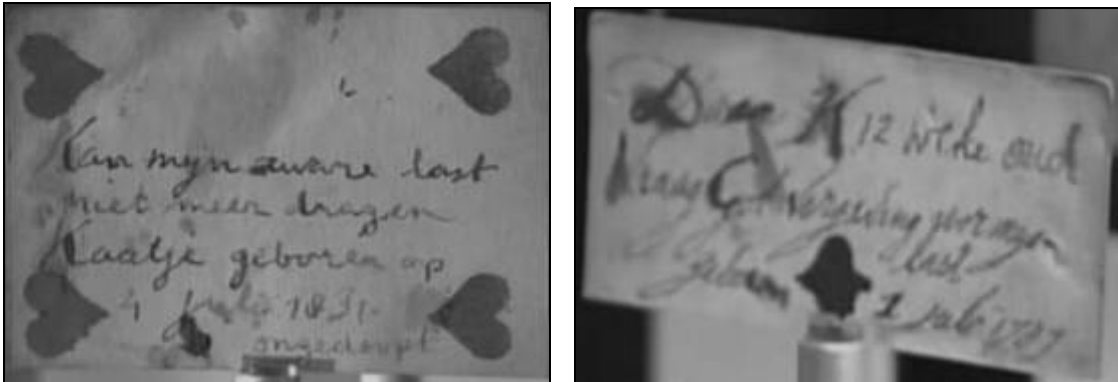


Fonte: History Channel

Outro uso bastante inusitado das cartas de baralho ocorria na Holanda, no século XVIII. Mães que não tinham condições de criar seus recém-nascidos os abandonavam na porta dos orfanatos e deixavam cartas de baralho com informações sobre as crianças escritas no verso. Os textos geralmente informavam o nome do bebê e continham um pedido de ajuda da mãe (Fig. 1.15).



Figura 1.15: Cartas de baralho deixadas junto a crianças abandonadas em orfanatos no século XVIII



Fonte: History Channel

Além do texto escrito, as mulheres faziam uso de outro recurso semiótico para produzir sentido. Se a carta deixada com seu filho estivesse rasgada ao meio, significava a possibilidade de um dia a mãe voltar com sua outra metade da carta para recuperar a criança (Fig. 1.16). Se a carta deixada no orfanato estivesse inteira, era sinal de que a mãe não retornaria e que a criança tinha sido abandonada definitivamente. Os motivos para o abandono eram geralmente pobreza e falta de comida.

Figura 1.16: Cartas incompletas deixadas com os recém-nascidos como promessa de retorno



Fonte: History Channel

A partir do século XIX, as cartas de baralho começaram a ser usadas comercialmente com propósitos diferentes do jogo. Alguns convites foram impressos em cartas de baralho, por exemplo (Fig. 1.17). Mais recentemente, no século passado, empresas usaram a estrutura do baralho para promoverem seus produtos, como é o caso da cerveja Guinness e do analgésico Ibupirac (Fig. 1.18).

Figura 1.17: Convites do século XIX impressos em cartas de baralho



Fonte: History Channel

Figura 1.18: Baralhos com anúncios de produtos



Fonte: [http://a\\_pollett.tripod.com](http://a_pollett.tripod.com) (acesso em 16/06/09)

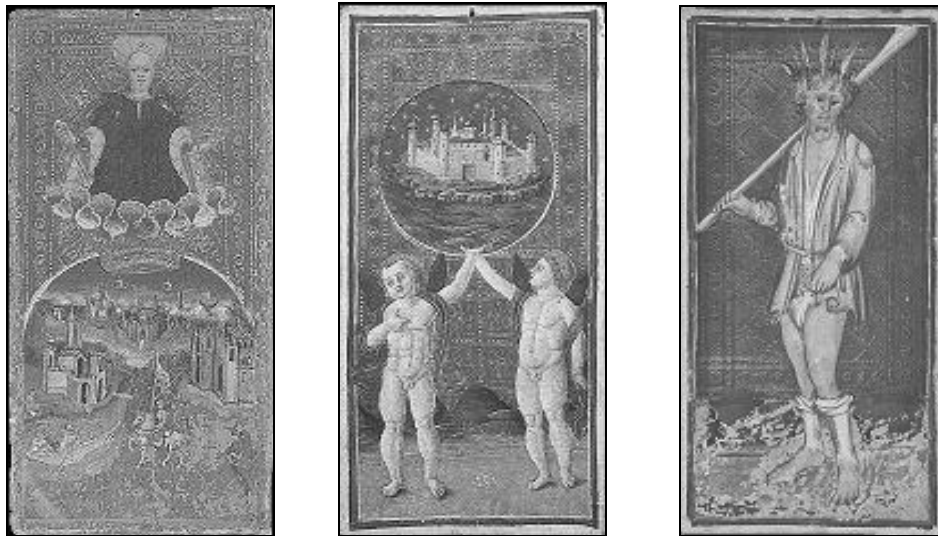
#### 1.4. Do baralho comum ao tarô

Há muita especulação não só sobre a origem do tarô, mas principalmente a respeito do propósito com o qual esse grupo de cartas foi criado. Atualmente, tarô é um baralho composto por setenta e oito cartas, sendo cinquenta e seis delas trazidas do baralho comum – chamadas de arcanos menores – e as vinte e duas restantes são cartas numeradas de 1 a 21, com nomes como *A Papisa*, *O Carro*, *O Diabo*, mais a carta não numerada, *O Louco*. Esse último grupo é conhecido como arcanos maiores.

Para os estudiosos e pesquisadores dos jogos de cartas, como Parlett (1990), o tarô surgiu na Europa depois da disseminação das cartas do baralho comum como um grupo de vinte e dois trunfos, ou *trionfi*. Essa afirmação tem como base o fato de que o mais antigo tarô completo remanescente data de meados do século XV e foi produzido por encomenda do Duque de Milão, Filippo Maria Visconti. Esse baralho é conhecido como o baralho Visconti-Sforza por ter sido confeccionado, como acreditam alguns

estudiosos, para celebrar a união de duas das famílias mais abastadas da Itália por meio do casamento de Bianca Maria Visconti com o Duque Francesco Sforza (Fig. 1.19).

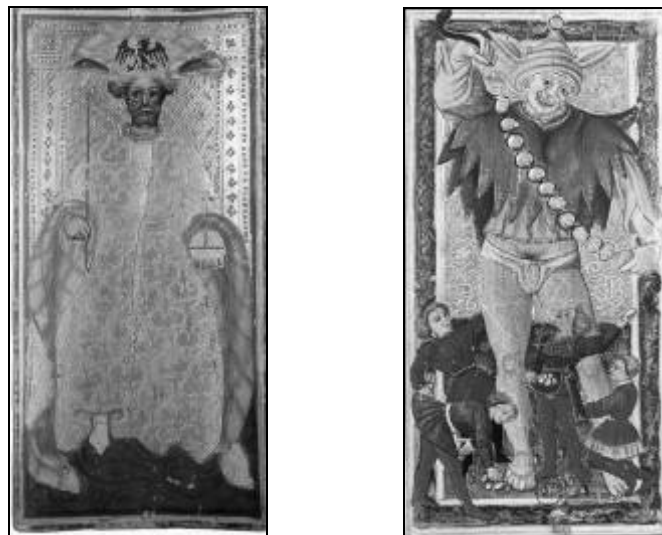
Figura 1.19: Cartas do baralho Visconti-Sforza



Fonte: [http://a\\_pollett.tripod.com](http://a_pollett.tripod.com) (acesso em 16/06/09)

Outros baralhos de tarô foram encomendados por nobres em toda a Europa, mas ou não resistiram ao tempo ou deles apenas restam algumas cartas. É o caso do baralho de Brambilla e do próprio baralho de Gringonneur comentado anteriormente (Fig. 1.20).

Figura 1.20: O Imperador no baralho de Brambilla e O Louco no baralho de Gringonneur



Fonte: <http://www.storiadimilano.it/> (acesso em 16/06/09)

Da mesma forma como inovaram, padronizando cores, símbolos e traços das cartas do baralho comum, os franceses simplificaram – no final do século XV – as imagens dos *trionfi* e criaram um dos mais famosos tarôs do mundo, usado até os dias

de hoje com raras variações de cores e traços: o *Tarô de Marselha*. O Tarô de Marselha é considerado como clássico por se manter praticamente inalterado desde seu surgimento, independente de onde, quando ou por quem é produzido (Fig. 1.21).

Figura 1.21: A carta do Mago em três versões do Tarô de Marselha (1743, 1790 e 1992)



Fonte: <http://trionfi.com/> (acesso em 16/06/09)

Os historiadores afirmam que a criação do tarô nada tem a ver com mistérios religiosos ou conhecimentos mágicos ocultos. As vinte e duas novas cartas, denominadas *trionfi* ou *trunfos*, serviam para ampliar o baralho já existente. O acréscimo dos *trionfi* ao baralho comum possibilitou o desenvolvimento de jogos mais elaborados, como o *bridge* (Parlett, 1990). Como não há muitos registros sobre os criadores das cartas, não se pode precisar o que significam os vários símbolos estampados nos *trionfi*.

No que se refere às discussões sobre a origem do tarô, a própria etimologia da palavra *tarô* é motivo de divergências entre historiadores e tarólogos. Sem apresentarem nenhum tipo de evidência, alguns místicos atribuem a dialetos falados no antigo Egito a origem da palavra *tarô*. Outros, determinados a estabelecer um elo entre a cabala<sup>7</sup> e as cartas, afirmam que o nome *tarô* é um anagrama de *torá*, texto religioso do judaísmo. Uma hipótese levantada por Kaplan (1997:35) considera “a palavra tarô como um

---

<sup>7</sup> Cabala é o sistema filosófico-religioso judaico de origem medieval (séculos XII-XIII), mas que integra elementos que remontam ao início da era cristã. Compreende preceitos práticos, especulações de natureza mística, esotérica e taumatúrgica; é marcado por uma doutrina da criação que afirma que o universo é uma emanção divina e pela grande importância conferida à interpretação e ao deciframento dos textos bíblicos (Antigo Testamento), cf. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=cabala&styp=k>. Acesso em: 16/06/09).

desenvolvimento do termo *tarotée*, que era aplicado ao desenho do dorso das cartas antigas (...).”.

Além do debate sobre questões etimológicas relacionadas ao tarô, explicações místicas com base em associações bastante complexas entre os arcanos maiores e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico vinculam o tarô à cabala judaica tentavam dar conta da procedência dos arcanos.

Foi a partir do século XVIII que começaram as teorias ocultistas que viam o tarô como um código elaborado para proteger e perpetuar conhecimentos mágicos de povos extintos e sociedades secretas, ou ainda como oráculo que permite a contemplação do passado, a compreensão do presente e a previsão do futuro. O primeiro a expor suas ideias foi Court de Gebelin com a publicação dos nove volumes de *Le Monde Primitif, analysé et comparé avec le monde moderne* (entre 1775 e 1784).

O ocultista francês passou a defender a ideia de que os arcanos maiores eram, na verdade, um antigo livro egípcio de Thoth, recuperado das ruínas da Biblioteca de Alexandria. Thoth era

o Mercúrio egípcio (...), um dos reis primitivos e também o inventor mítico da linguagem e dos hieróglifos, ou letras, com seu correspondente misticismo. Sua base foi um alfabeto onde todos os deuses são letras, todas as letras são ideias, todas as ideias são números e todos os números são signos perfeitos. (...) Gebelin acreditava que os símbolos esotéricos do tarô foram divulgados mais tarde pela Europa pelos ciganos (Kaplan, 1997:12).

Enquanto Gebelin tentava provar a origem egípcia do tarô, outro místico, Alphonse Louis Constant, conhecido com Eliphas Levi, entendia o tarô como um alfabeto sagrado, com raízes nas vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Segundo a corrente cabalística, há uma correspondência entre as portas dos caminhos, as esferas da Árvore de Vida e os arcanos do tarô. Os caminhos são as linhas que unem as esferas entre si. Cada um deles, de cor diferente, resultado da fusão das cores dos mundos que liga, é aberto por uma porta que corresponde a um arcano maior do tarô (Kaplan, 1997). A obra mais famosa de Eliphas Levi, *Dogma e Ritual de Alta Magia*, publicada originalmente em meados do século XIX, divide-se em duas partes, subdivididas em vinte e dois capítulos, cada um correspondendo a um arcano maior do tarô.

A prática da cartomancia tornou-se popular no século XVIII, graças a um discípulo de Gebelin, chamado Jean-Baptiste Alliette. O ocultista decidiu inverter a

ordem das letras do seu nome e passou a ser conhecido como Etteilla. Ele adaptou o tarô ao seu próprio sistema de crenças (v. Fig. 1.22) e começou a predizer o futuro de inúmeros parisienses, iniciando dessa forma uma espécie de culto a sua pessoa. De acordo com Kaplan (1997:44), Etteilla “se instalou no Hotel de Crillon, na Rue de la Verrerie, em Paris, e o seu séquito vai além de qualquer imaginação”.

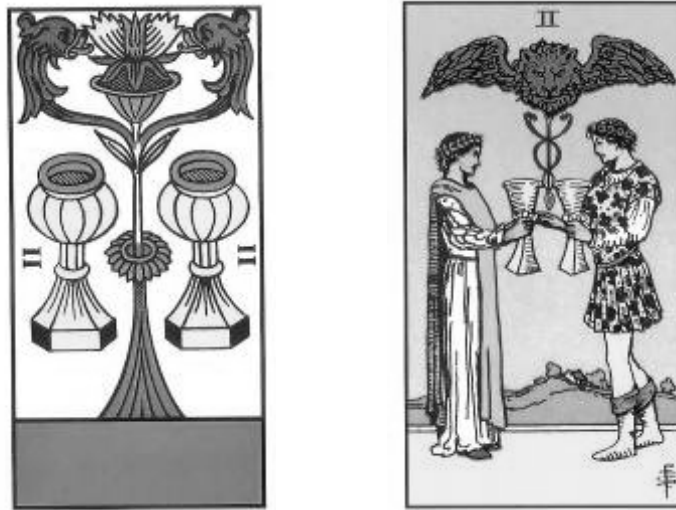
Figura 1.22: Cartas do Louco e do Diabo no baralho de Etteilla



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 16/06/09)

Além de Etteilla, outros ocultistas criaram suas próprias versões dos arcanos com desenhos criados por artistas plásticos e com simbologia modificada de acordo com as convicções do seu criador. Um desses criadores foi Edward Arthur Waite, que promoveu duas inovações ao tarô, além do fato de ter convocado a artista Pamela Colman Smith para desenhar os arcanos. A primeira inovação de Waite foi idealizar figuras para todas as cartas e não apenas para os arcanos maiores como era feito até então (Fig. 1.23).

Figura 1.23: Dois de copas no Tarô de Marselha (esquerda) e dois de espadas no Tarô de Raider-Waite (direita)



Fonte: Editoras Globo e Artha

A segunda inovação de Waite, não muito apreciada por outros tarólogos e cartomantes, foi trocar a numeração entre o arcano da Justiça – arcano VIII nos outros tarôs – e o arcano da Força – arcano XI nos outros tarôs (Figs. 1.24 e 1.25).

Figura 1.24: A Justiça (arcano VII) e A Força (arcano XI) no Tarô de Marselha.



Fonte: Editoras Globo e Artha



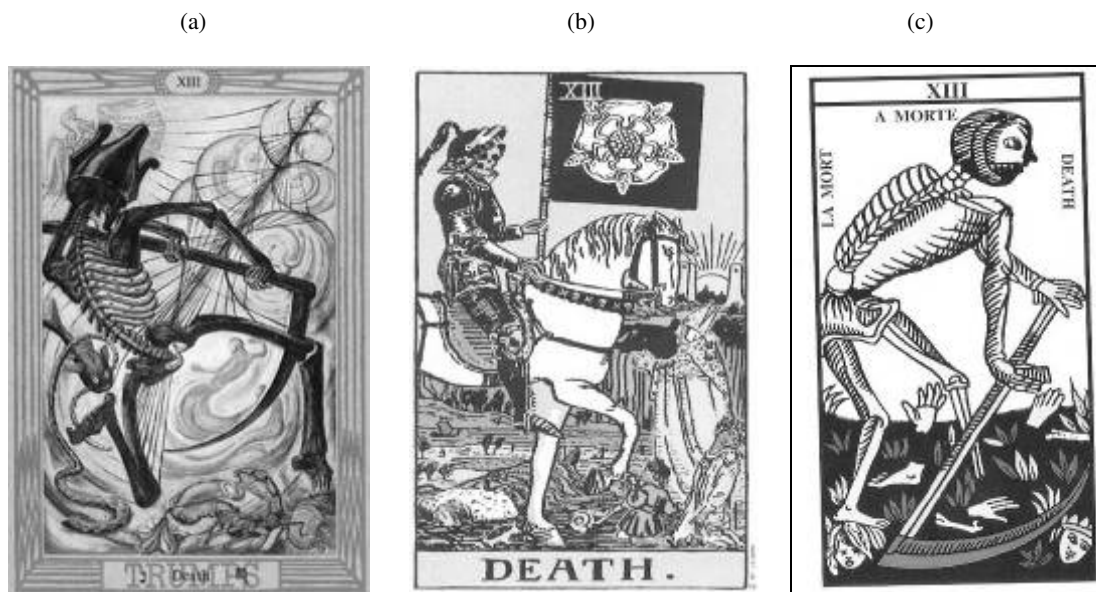
Figura 1.25: A Justiça (arcano XI) e A Força (arcano VII) no Tarô de Waite.



Fonte: Editoras Globo e Artha

Aliester Crowley criou um baralho de tarô ilustrado por Lady Frieda Harris. Este tarô, conhecido como o tarô de Crowley ou tarô de Thoth, chama a atenção por sua iconografia e seu simbolismo inéditos no universo da cartomancia (Fig. 1.26a).

Figura 1.26: A Morte (arcano XIII) no Tarô de Crowley, no Tarô de Waite e no Tarô de Marselha.



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 16/06/09)

### 1.5. A evolução das cartas de tarô

Desde o seu surgimento, na segunda metade do século XIV, até os dias de hoje, o tarô sofreu – com raras exceções – várias alterações imagéticas e simbólicas. Isso

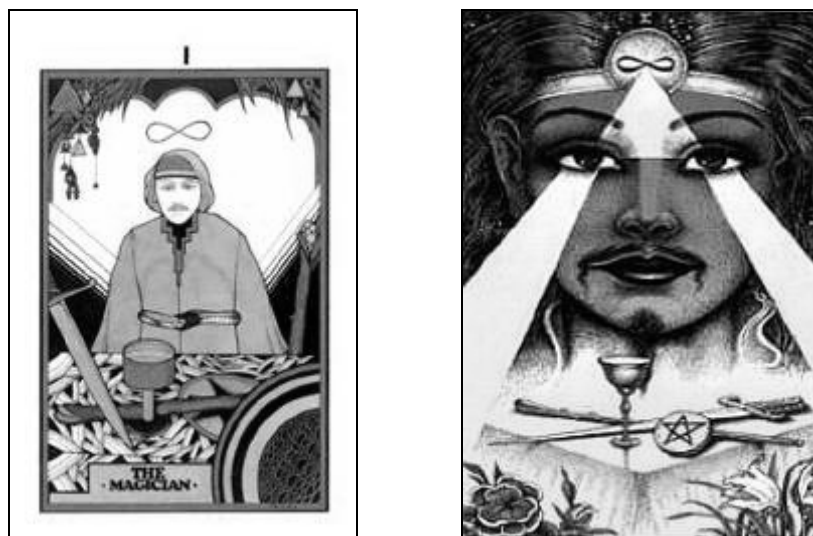
acontece, de um lado, porque os meios de produção de cartas são menos complicados do que costumavam ser, e, de outro, porque existe uma necessidade por parte de alguns produtores de tarô de atualizar o conteúdo pictórico dos arcanos em consonância com a realidade sócio-histórica em que vivem.

Naiff (2001) propõe uma classificação evolutiva das cartas de tarô, agrupando-as de acordo com a época de sua produção. Segundo o autor, os baralhos dividem-se em Tarô Clássico ou Tradicional, Tarô Moderno ou Reestilizado, Tarô Transcultural ou Etimológico e Tarô Surrealista ou Fantasia.

O primeiro grupo de cartas compreende os tarôs produzidos entre os séculos XIV e XIX, e se caracterizam principalmente pela confecção rudimentar das cartas. Isso acontecia porque os modos de produção disponíveis da Renascença ao Iluminismo não permitiam a impressão com várias tonalidades de cores ou com desenhos perfeitos. Por isso, “praticamente todas as cartas desenhadas nesse período seguem o mesmo modelo de figuras e cores” (Naiff, 2001:21), com exceção dos baralhos encomendados por famílias de nobres. A maioria desses baralhos eram nomeados de acordo com quem os produzia, quem os encomendava ou com os lugares onde eram feitos. Exemplos desse grupo são o baralho de Gringonneur, Visconti-Sforza e o tarô de Marselha.

O Tarô Moderno é inaugurado com a elaboração e confecção do tarô de Waite. A partir do século XX, novas tecnologias de cores e impressão possibilitaram uma reestilização dos arcanos por parte de ocultistas e produtores de cartas. Os baralhos de tarô elaborados no início do século XX, por mais que sejam inovadores nas cores e na definição das figuras, baseiam-se nos símbolos dos tarôs clássicos. Fazem parte dos Tarôs Modernos o Tarô da Era de Aquário, criado em 1963, e o Tarô Cósmico, de 1996 (Fig. 1.27).

Figura 1.27: O Mago (arcano I) no Tarô da Era de Aquário e no Tarô Cômico.



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 16/06/09)

Na primeira metade da década de 1970, iniciou-se uma nova concepção simbólica das cartas, denominada Tarô Transcultural. Nesses baralhos, as imagens mantinham muito pouco dos desenhos dos tarôs produzidos até então. Os autores desses maços tentaram, de acordo com Naiff (2001:23)

buscar numa determinada mitologia, fábula ou lenda um significado ao atributo escolhido. Assim, o arcano 01, O Mago, símbolo da iniciativa, vontade, criatividade, destreza, possibilidade, aspiração, tornou-se Hermes, Merlin, Exu, Osíris ou Mercúrio, entre tantas figuras mitológicas possíveis e análogas.

Entre os baralhos classificados como transculturais estão o Tarô Celta e o Tarô da Deusa (Fig. 1.28).

Figura 1.28: A Morte (arcano XIII) no Tarô celta e no Tarô da deusa.



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 16/06/09)

A partir de 1975, a criatividade artística atingiu seu ápice, no que diz respeito à produção das lâminas tarológicas. Essa nova maneira de ilustrar os arcanos é o que Naiff (2001) chama de Tarô Surrealista ou Fantasia. Esses tarôs, ainda que se baseiem nas cartas tradicionais, abandonam o simbolismo padrão e criam novas associações de sentido entre o significado da carta e cenas, costumes ou ícones da cultura popular contemporânea. Inserem-se nessa classificação o Tarô das Donas de Casa e o Tarô de Alice no País das Maravilhas (Fig. 1.29).

Figura 1.29: A Papisa (arcano II) no Tarô das Donas de Casa e no Tarô de Alice no País das Maravilhas.



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 16/06/09)

Diante do exposto, constata-se, portanto, que a diversidade iconográfica nas cartas do tarô acompanha os multifacetados traços culturais, comportamentais, históricos da sociedade. No próximo capítulo, investigaremos como os recursos da Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 1996) são utilizados na composição imagética de alguns arcanos de tarôs modernos e contemporâneos (cf. Naiff, 2001), de forma a ressaltar aspectos relacionados ao significado oracular das cartas descrito em três manuais de interpretação.

## CAPÍTULO II

### MULTIMODALIDADE NO TARÔ

Neste capítulo, trataremos da importância que imagem e palavra adquiriram na comunicação humana ao longo do tempo. Com base nos estudos de Kress e van Leeuwen (1996) apontaremos o papel desempenhado pela imagem na organização do convívio social do homem pré-histórico e como o registro pictórico das atividades coletivas como caça, cerimônias religiosas, etc., nas paredes das cavernas, impulsionou o surgimento de um novo código de interação humana.

Em seguida, a partir do trabalho de Cagliari (2009) e Wysocki (2004), investigaremos o aparecimento das primeiras formas de linguagem escrita entre os povos antigos do Oriente Médio e de que maneira o contato entre esses povos ajudou a difundir e a diversificar essa forma de comunicação.

Por fim, retornaremos à Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (1996), com a finalidade de elencar e comentar as categorias de análise de composições visuais propostas na teoria da multimodalidade. Tais categorias serão a base da análise que faremos de alguns arcanos de tarôs diversos, no último item deste capítulo.

#### **2.1. Imagem e palavra no texto**

A relação entre os recursos verbais e visuais utilizados na elaboração de textos sempre se deu de modo bastante dinâmico, apesar de só recentemente os estudos linguísticos estarem começando a observar esse fenômeno mais sistematicamente. De forma geral, até há pouco tempo, os estudos que se debruçavam sobre o texto tendiam a dar ênfase ora às estratégias verbais, ora às visuais, como se fossem elementos desconectados e independentes entre si.

Durante a pré-história, a imagem era a única maneira de registrar os acontecimentos sociais, como guerras, caçadas, cerimônias religiosas, etc. As atividades coletivas dos povos daquele período, seus costumes e crenças, foram pintados em paredes de cavernas (Figuras 2.1 e 2.2) e compõem o inventário da organização social humana até o surgimento da escrita.

Figura 2.1: pintura rupestre

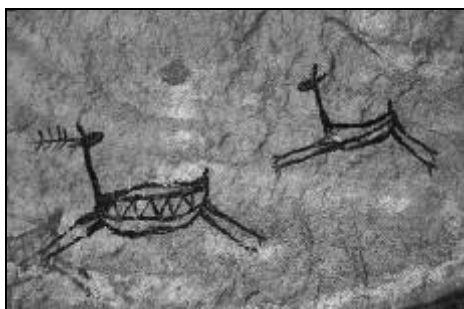


Figura 2.2: pintura rupestre



Fonte: <http://clientespeedy.klickeducacao.com.br/> (acesso em 30/09/09)

Sobre o surgimento de a escrita estar ligado aos registros imagéticos pré-históricos, Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que, num estágio particular da história de certas culturas, surgiu a necessidade de registrar transações de vários tipos, associadas normalmente ao comércio, religião ou poder. Esses registros eram inicialmente altamente icônicos, isto é, a relação entre o objeto a ser registrado e as formas e meios de registro eram próximas e transparentes. Segundo os autores,

o número de talhos num pedaço de madeira representaria o número de objetos armazenados, comercializados ou possuídos. A representação do objeto também seria normalmente transparente: uma linha ondulada se tornaria o ideograma chinês para “água”; a imagem hieroglífica da cabeça de um touro que inicialmente ‘significa’ ‘touro’ se torna a letra *aleph*, *alpha*, *a*. (Kress e van Leeuwen, 1996:18-19).

Foi no Oriente Médio que surgiram os rudimentos da linguagem verbal, por meio da escrita *fonético-pictográfica* – letras relacionadas ao som e à forma dos objetos que representam. Em outras palavras, a origem da escrita não pode ser dissociada nem da relação que o homem estabeleceu entre imagens e práticas sociais, nem das convenções criadas a partir dessa relação.

Esse tipo de escrita, embora facilmente compreendida pelos povos que a desenvolveram, não facilitava as atividades comerciais consolidadas entre egípcios, mesopotâmicos e comerciantes pertencentes a outras culturas não familiarizadas com os hieróglifos do Egito ou com o silabário cuneiforme dos assírios e babilônicos.

As necessidades relativas às atividades financeiras impulsionaram uma lenta, mas irreversível simplificação dos caracteres egípcios e cuneiformes indispensáveis para a escrita. Esse movimento, de acordo com Cagliari (2009:38), “foi muito além das

tentativas egípcias e cuneiformes, produzindo um modelo extremamente simplificado com as escritas chamadas de *proto-sinaísticas*”.

Juntamente com os egípcios e os babilônicos, os fenícios tiveram grande influência no processo de evolução da escrita que deu origem ao alfabeto tal como o conhecemos. Apesar de utilizarem o sistema egípcio e babilônico no campo econômico, a escrita fenícia já estava estabelecida no século XIII a.C. De acordo com Cagliari (2009), o sistema fenício de escrita passou por várias modificações até que, por volta do século XI a.C., contava apenas com 22 caracteres que contribuiriam para a formação de vários códigos escritos. A partir dessas transformações, o caráter pictórico do alfabeto foi dando lugar a uma escrita mais vinculada à representação dos fonemas por meio de letras cada vez menos relacionadas com a imagem dos objetos representados.

Até a Idade Média, imagem e elemento verbal se harmonizavam na composição de textos. Meses eram gastos na confecção das iluminuras que circundavam o texto escrito. A função das figuras presentes nos manuscritos medievais era não só enfeitar a página, mas também agir como mecanismo de memorização (cf. Wysocki, 2004). Esses textos eram verdadeiros artigos de luxo na medida em que custavam muito caro e sua produção durava meses. O alto custo e o longo tempo de produção desses manuscritos eram resultado do aparato tecnológico da época e tinham a ver também com uma estrutura social na qual só os ricos podiam pagar pelos livros manufaturados.

Além de estar associada à noção de riqueza, a quantidade de tempo gasto na produção dos manuscritos, segundo Wysocki (2004:125),

era um resultado da ideia de que as apresentações visuais das páginas serviam para criar um processo de leitura onde os leitores movessem lentamente as páginas, contemplando palavras e pinturas, e usando a apresentação visual das páginas como um auxílio à memória.

Com o surgimento da imprensa, por volta do século XIV, a produção e divulgação textuais ampliaram-se e tiveram seu custo reduzido. Isso gradualmente causou a supressão do elemento visual pela palavra escrita nos textos impressos, uma vez que o processo de confecção, a partir de então, demandava rapidez, bem como exigia do leitor uma leitura mais linear.



Conforme argumenta Wysocki (2004), durante o processo de leitura, as pessoas do nosso século privilegiam a transmissão rápida e eficiente de informação e esperam encontrar nos textos *layouts* que as ajudem a conseguir o que desejam sem distração ou lentidão.

O advento da publicidade e a criação de novas tecnologias deram origem a novas formas de comunicação, possibilitando, dessa maneira, o desenvolvimento de novos modos de leitura e produção textuais.

Além disso, também determinaram a necessidade de uma nova abordagem teórica que contemplasse as relações multissemióticas que se processam nos textos, e se distanciasse das noções imanentistas segundo as quais, de acordo com Mozdzenski (2008:21), “os modos de representação comunicacional dos textos verbais (fala e escrita) e não-verbais (imagens, sons, gestos, etc.) eram tratados de maneira isolada e estanque, consoante suas especificidades”.

Os Estudos Multimodais, dessa maneira, consistem numa proposta metodológica que permite a compreensão mais ampla dos processos multissemióticos de produção de texto e evidencia a gradual dissolução das fronteiras estabelecidas entre imagem e palavra na atribuição de papéis para a construção de sentido.

## **2.2. Multimodalidade e linguagem**

Na década de 1960, Barthes (cf. Kress e van Leeuwen, 1996:16) afirmava que o significado das imagens (e de outros códigos semióticos como roupa, comida, etc.) estaria sempre, de certa forma, dependente do texto verbal. Para o semiólogo francês, como explicam Kress e van Leeuwen (1996:16),

por si só as imagens eram [...] muito *polissêmicas*, muito abertas a uma variedade de possíveis significados. Para se alcançar um significado definitivo, a linguagem [*escrita*] devia vir em socorro. O significado visual é muito indefinido, é uma *corrente flutuante de significados*. (Grifos dos autores.)

Opondo-se a essa linha de raciocínio, Kress e van Leeuwen (1996) elaboraram a *Gramática do Design Visual* (GDV). A premissa dos semióticos sociais é a de que tanto a linguagem verbal como a não-verbal constroem sentidos pertencentes às culturas, sendo por elas estruturados, e que daí surge um considerável grau de congruência entre as duas formas de semioses (cf. Kress e van Leeuwen, 1996:17).

Mesmo que um texto seja composto exclusivamente pela linguagem verbal, ainda assim se trata de um construto multimodal. Benhardt (2004 *apud* Mozdzenski, 2008:86) evidencia essa ideia ao afirmar que, mesmo nesses textos com aparente pouca informatividade visual, alguma informação – ainda que extremamente limitada – é fornecida ao leitor por meio de elementos formais, tais como “o parágrafo, o adentramento, as margens, as iniciais maiúsculas e a pontuação”. A esse respeito, Maroun (2007:79) assevera que

De acordo com a perspectiva multimodal, não é possível ler textos de maneira eficiente considerando somente a linguagem escrita, pois esta consiste apenas em um elemento representativo que coexiste com uma série de outros, como a diagramação da página (*layout*), o formato e a cor das letras, o uso de imagens e todo tipo de informação advinda de quaisquer modos semióticos que estão presentes no texto.

Os pressupostos da Gramática do Design Visual foram estabelecidos a partir das metafunções da linguagem elencadas pelo linguista M.A.K. Halliday em sua Gramática Sistêmico-Funcional. As metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual* da linguística sistêmico-funcional correspondem, na teoria de Kress e van Leeuwen (1996), às funções *representacional*, *interativa* e *composicional*, respectivamente, a seguir detalhadas.

### **2.2.1. Função representacional**

A *função representacional* diz respeito aos elementos que compõem a imagem, denominados “participantes representados” por Kress e van Leeuwen (1996:46). Essa função pode apresentar uma estrutura *narrativa*, quando ações são desempenhadas pelos participantes; ou pode ainda ser *conceitual*, se os participantes aparecem como subdivisões de um conjunto maior, como partes de um todo ou como marca da identidade de participantes. Essas duas manifestações estruturais da função representacional serão estudadas abaixo.

De acordo com Fernandes e Almeida (2008), as representações narrativas são classificadas em:

- Ação: quando um vetor tem origem em um participante (ator) e se dirige a uma meta identificável em uma composição. Quando ator e meta podem alternar seus papéis, ocorre uma ação *bidirecional*.

- Reação: quando o vetor se origina no olhar de um participante (reator). Se o alvo (denominado *fenômeno*) do olhar for identificável na composição, tem-se uma *reação transacional*. Caso o fenômeno não seja detectado, a estrutura é chamada *reação não-transacional*.
- Processo verbal: quando o vetor é um balão com a fala do participante representado. Nesse caso, o participante é chamado de *dizente*, e tem que apresentar necessariamente traços humanos, enquanto o conteúdo do balão seu *enunciado*.
- Processo mental: quando o vetor é um balão que representa o pensamento do participante. Aqui, o participante é intitulado *experienciador*, e aquilo que pensa é o *fenômeno*.

O processo de ação é caracterizado pela presença de no mínimo dois participantes (ator e meta). Nesse tipo de composição, o ator desempenha – em relação à meta – uma ação que é materializada na imagem por meio de vetores que se formam a partir da inclinação, do ângulo ou do movimento do ator.

Em algumas imagens em que o processo de ação é o principal recurso composicional, os dois participantes se revezam nos papéis de ator e meta; essas estruturas são chamadas de *bidirecionais*, e seus participantes de *interatores*. Nessas estruturas, tanto o ator quanto a meta se engajam em ações recíprocas, o que possibilita o revezamento de papéis.

O processo de *reação* acontece quando o que determina a ação é o vetor oriundo do olhar de um dos participantes. Como afirmamos acima, quando esse vetor aponta para algo ou alguém dentro da composição, tem-se uma *reação transacional*. Quando não se pode perceber qual é o objeto do vetor, a estrutura é chamada *reação não-transacional*. Nos processos de reação, é imprescindível que os atores, agora denominados *reatores*, apresentem características humanas. Nessas estruturas narrativas, as metas passam a ser chamadas de *fenômeno*.

Em algumas estruturas composicionais, a linguagem verbal desempenha um papel fundamental na identificação de vetores. Há imagens cujo vetor é constituído por um balão que representa a fala ou o pensamento do participante em destaque. Nesses casos, a composição é analisada em termos de *processos verbais* do ponto de vista do

*dizente* (aquele que fala), ou de *processos mentais* da ótica do *experenciador* (aquele que pensa).

A função representacional pode ser encontrada em textos pictóricos não só assinalando ações desempenhadas por atores ou eventos dos quais fazem parte, mas também “representando participantes em termos de sua essência mais generalizada ou mais ou menos estável e atemporal, no que se refere à classe, estrutura ou significado” (Kress e van Leeuwen, 1996:79). Esse recurso composicional é conhecido como *representações conceituais* e se divide em *processos classificacionais*, *processos analíticos* ou *processos simbólicos*.

Os processos conceituais classificacionais têm como traço principal o fato de representarem a relação entre os participantes como uma espécie de taxonomia camuflada (*covert taxonomy*), em que haverá sempre um grupo de participantes os quais desempenharão o papel de *subordinados* em relação a, pelo menos, um outro grupo de participantes, os *superordenados*. Uma característica crucial desses processos é a equivalência entre os elementos subordinados: eles são colocados num mesmo plano e todos têm em comum o elemento superordenado (cf. Kress e van Leeuwen, 1996:81).

Os processos conceituais analíticos relacionam os participantes de forma metonímica, ou seja, parte age como *portador* (o todo) da composição, enquanto outra parte exerce a função de *atributos possessivos* (as partes). A representação conceitual analítica ainda se subdivide em *estruturada*, quando as partes aparecem rotuladas ou acompanhadas de descrição; e *desestruturada*, caso não esteja clara a relação entre parte e todo. Uma característica importante desses processos é que, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996:90), somente “os traços essenciais dos atributos possessivos são mostrados, e por essa razão desenhos com vários graus de esquematização são geralmente preferíveis a fotografias ou trabalhos artísticos muito detalhados”.

Por sua vez, os processos simbólicos dizem respeito “ao que o participante significa ou é” (Kress e van Leeuwen, 1996:108). Em outras palavras, por meio de recursos que imprimem destaque (tamanhos, cores, luzes e sombras, etc.), distinguem, entre os participantes, os papéis de portador e de atributo simbólico. Os estudiosos defendem que, em composições visuais, os atributos simbólicos apresentam pelo menos uma das seguintes características:

(1) Eles são salientados na representação de um jeito ou de outro, por exemplo pela colocação em primeiro plano, pelo tamanho exagerado, por serem especialmente iluminados, por serem representados em detalhes especialmente claros ou foco nítido, ou por meio de suas cores e tons proeminentes. (2) Eles são destacados por meio de um movimento que não pode ser interpretado como uma ação além da ação de ‘destacar o atributo simbólico para o espectador’ [...]. (3) Eles parecem deslocados no todo da composição. (4) Eles são associados a valores simbólicos. (Kress e van Leeuwen, 1996:108)

Esse tipo de representação conceitual subdivide-se em *atributivos* e *sugestivos*. A primeira forma destaca o portador (dos seus atributos), manipulando seu posicionamento na composição, o tamanho, iluminação, etc. Já o segundo tipo é composto por apenas um participante cujo significado é apresentado na forma de destaque ou realce do contorno ou da silhueta da figura.

A representação conceitual sugestiva é expressa “por meio da mistura de cores, da suavidade do foco ou da acentuação da luminosidade” (Fernandes e Almeida, 2008:17). Normalmente, nos processos simbólicos, os participantes posam para o espectador ao invés de estarem engajados em alguma ação.

### **2.2.2. Função interativa**

A *função interativa* diz respeito à relação que se estabelece entre produtor e leitor através da composição visual. Kress e van Leeuwen (1996:119) esclarecem que observar essa relação é possível porque

a comunicação visual também possui recursos para constituir e manter outro tipo de interação [*além da interação entre pessoas, lugares e coisas presentes nas imagens*], a interação entre o produtor e o leitor das imagens. Outra forma de dizer isso é que as imagens articulam dois tipos de participantes, os *participantes representados* (as pessoas, os lugares e coisas descritos nas composições), e os *participantes interativos* (as pessoas que se comunicam *por meio* das imagens, seus produtores e espectadores).

A identificação ou distanciamento entre produtor da imagem e seu leitor são forjados com a ajuda de quatro mecanismos: *contato*, *distância social*, *perspectiva* e *modalidade*.

O contato classifica-se como *demand* ou *oferta*. Esses dois processos são definidos pela direção do vetor que se forma entre os olhos do participante representado

e se projeta para fora da imagem. De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), existe uma diferença fundamental entre imagens cujo participante representado olha diretamente nos olhos do espectador, e imagens onde isso não ocorre.

No primeiro caso, quando o vetor se dirige claramente ao espectador, é estabelecida uma relação de *demanda*, que convoca o observador (participante interativo) a interagir com a imagem e seu produtor, ora num movimento de identificação, ora de afastamento. O que determina a natureza do elo entre os participantes (afinidade social, súplica, ordem, etc.) é o conjunto de gestos e expressões dos participantes representados.

A *oferta*, por outro lado, ocorre se o olhar do participante representado não incide diretamente no participante interativo, mas em outro ponto dentro ou além da figura. Aqui, o “participante da imagem é oferecido ao observador como elemento de informação ou objeto de contemplação, de forma impessoal” (Fernandes e Almeida, 2008:19). Não há relação direta entre eles.

Outro recurso utilizado para delimitar o significado e a identidade dos participantes é a *distância social*. Kress e van Leeuwen (1996:130) destacam que “a escolha da distância pode sugerir diferentes relações entre participantes representados e espectadores”. Em outras palavras, essa função interativa sugere um maior ou menor grau de afinidade entre participantes representados e interativos por meio de três formas de enquadramento: plano fechado, plano médio e plano aberto.

O *plano fechado* limita-se a mostrar a cabeça e os ombros do participante representado como forma de provocar uma identificação entre essa figura e o espectador. Esse recorte põe em evidência um traço do participante representado, possibilitando a identificação ou o afastamento entre ele e o observador da imagem.

Em *plano médio*, a figura do participante é exibida não de maneira muito próxima, mas a uma distância em que se possa ver até seus joelhos, sem muito espaço para o ambiente. Esse modo de enquadrar um participante revela que não é de intimidade a relação entre ele e o espectador – como acontece quando o enquadramento se dá por plano fechado –, mas é um recurso utilizado para forjar afinidades entre ambos, ou entre o observador e a situação na qual se encontra o participante representado.

O *plano aberto* cria uma maior distância social entre espectador e o participante representado na composição visual. Enquanto o plano fechado limita ao máximo o alcance da visão do espectador e o plano médio permite uma observação menos restritiva do participante representado, o plano aberto exhibe o participante de corpo inteiro e o ambiente composicional onde ele se encontra.

Outra estratégia que também funciona como um eficaz meio para atribuir significado ao participante representado ou criar entre ele e o participante interativo um determinado nível de identificação é a *perspectiva*. Para Kress e van Leeuwen (1996:135) a composição de uma imagem “envolve não só a escolha entre ‘oferta’ e ‘demanda’ e a seleção de um certo tamanho de frame, mas também, e ao mesmo tempo, a seleção de um ângulo, um ‘ponto de vista’, e isso implica a possibilidade de expressar ‘atitudes subjetivas’ em relação a participantes representados, humano ou não”. Verifica-se a perspectiva ou ponto de vista de uma composição, observando-se as formas de angulação: *frontal*, *oblíqua* e *vertical*.

O ângulo frontal implica um alto grau de cumplicidade entre produtor e espectador via composição imagética. Quando a imagem se encontra no nível do olhar do observador, “a relação de poder [entre produtor e leitor] é representada como igualitária” (Fernandes e Almeida, 2008:21).

Diferentemente do efeito de sentido provocado pelas figuras mostradas de frente para o observador, o *ângulo oblíquo* confere à relação entre os participantes um tom de alheamento. De certa forma, para Kress e van Leeuwen (1996:143), o ângulo oblíquo indica que o que está sendo mostrado “*não é parte do nosso mundo*”.

Usado principalmente para marcar relações hegemônicas e hierárquicas em composições imagéticas, o *ângulo vertical* é outro recurso que aponta para a relação que se estabelece entre participantes representados e o espectador. A esse respeito, Kress e van Leeuwen (1996:146) escrevem:

se um participante representado é visto de um ângulo mais alto, então a relação entre o participante interativo (o produtor da imagem, e dessa forma também o espectador) e os participantes representados é mostrada como uma na qual o participante interativo exerce poder sobre o participante representado – o participante representado é visto do ponto de vista do poder. Se o participante representado é visto de um ângulo baixo, então a relação entre os participantes interativo e representado é

mostrada como uma na qual o participante representado exerce poder sobre o participante interativo.

O último aspecto relacionado à função interativa é a *modalidade*. Essa noção diz respeito aos recursos imagéticos utilizados nas composições para construir um maior ou menor valor de verdade.

Para Fernandes e Almeida (2008:22), o valor de verdade de uma composição é definido por “mecanismos que ajustam o nível de realidade que a imagem representa, e que tornam possível a criação de imagens que representam coisas, ou aspectos como se não existissem”. Os marcadores de modalidade são os seguintes: a *utilização da cor*, *contextualização*, *iluminação e brilho*.

A utilização da cor é marcada em três níveis: a *saturação*, a *diferenciação* e a *modulação das cores*. A saturação é observada numa escala que varia da saturação completa da cor à sua total ausência, “na qual só os valores de brilho das cores, sua ‘escuridão’ ou ‘iluminação’, permanece” (Kress e van Leeuwen, 1996:164).

A diferenciação de cores é mostrada em termos da vasta diversificação de cores em oposição ao monocromatismo de uma composição. Em outras palavras, a utilização de várias cores ou, ao contrário, a escassez delas contribui para a construção de sentido da composição.

Por fim, a modulação das cores classifica a imagem de acordo com critérios que vão do uso de vários tons da mesma cor ao seu uso imodulado (isto é, uso de apenas uma única tonalidade).

A contextualização relaciona-se à manipulação do pano de fundo da imagem para conferir um maior ou menor valor de verdade à composição. A análise desse aspecto composicional é realizada com base na ausência ou na presença de um cenário; no quão detalhado é esse cenário; e em técnicas de profundidade e perspectiva.

A análise da iluminação de uma imagem está vinculada à utilização do jogo de luzes e sombras ou à ausência total desse artifício numa composição. Kress e van Leeuwen (1996:167) asseveram que “composições visuais naturalistas representam os participantes sendo afetados por uma fonte particular de iluminação”. Imagens menos naturalistas, por outro lado, podem abstrair a iluminação, e mostrar sombras apenas na medida em que são necessárias para modelar o volume, especialmente de objetos redondos.



Já o brilho, como recurso modalizador de uma composição, é analisado com relação a variações que vão desde o uso de diferentes graus de brilho à utilização de apenas dois graus (Kress e van Leeuwen, 1996:167): preto e branco, ou cinza escuro e cinza claro, ou duas variações de brilho de uma mesma cor.

### 2.2.3. Função composicional

De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), a função composicional aponta para possíveis construções de sentido através da articulação entre os elementos representacionais e os elementos interativos de uma imagem. A atribuição de significados aos elementos de uma composição é baseada em três fatores: o *valor de informação*, a *saliência* e a *estruturação* (*framing*).

O valor de informação evidencia o vínculo entre o grau de informacionalidade dos elementos e o local que eles ocupam na imagem em relação uns aos outros e ao espectador. Nesse sentido, são observados os valores de polarização relacionados à localização dos participantes (esquerda/direita, topo/base), e os valores de centralização ligados ao centro e à margem da composição.

A área esquerda de uma imagem é ocupada por elementos associados ao *dado*, ou seja, àquilo que já é sabido pelo espectador, constituindo o ponto de partida da mensagem. O lado direito da imagem exhibe o *novo*, um elemento não familiar ao espectador, ou uma nova forma de olhar algo conhecido. Em algumas cartas de tarô, a dicotomia dado/novo serve de base para a elaboração de imagens que sugerem a passagem do tempo, opondo passado e futuro.

Outra maneira de polarizar os elementos é posicioná-los no topo ou na base de uma composição, conferindo-lhes valores de *ideal* ou *real* respectivamente. A parte superior de uma composição, segundo Kress e van Leeuwen (1996), tende a fazer um apelo *emocional*, e nos mostra *o que poderia ser* (ideal), ao passo que a base da composição é mais objetiva e nos mostra *o que é* (real).

A oposição *centro-margem* numa composição, por sua vez, sinaliza o núcleo da mensagem, o elemento de maior destaque na imagem, em contrapartida aos elementos marginais, periféricos ao núcleo.

A saliência explícita a relação de maior ou menor importância hierárquica entre elementos em uma composição. Essa hierarquia é estabelecida, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996:183), pela maneira como os participantes são apresentados para o observador: sua colocação em primeiro plano ou ao fundo da imagem, seu tamanho relativo, contrastes de tons ou cores, diferenças no detalhamento, etc.

Outro recurso imagético relacionado à função composicional é a estruturação ou *framing*. O *framing* diz respeito ao modo como os participantes da composição se integram. Quando os elementos da imagem estão todos interligados de forma que nenhum se destaque, formando uma espécie de bloco, tem-se o que se chama *conexão*, ou estruturação fraca. Caso contrário, isto é, se um elemento se destaca dos demais, isso caracteriza a *desconexão*, ou estruturação forte.

Passemos agora à análise da maneira como esses recursos de composição visual foram manipulados na ilustração de alguns arcanos do tarô.

### **2.3. A Gramática Visual em arcanos do tarô**

Nessa seção, analisaremos arcanos variados de diversos tarôs sob a ótica da teoria da Multimodalidade, tal como proposta na Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 1996). Para fins didáticos, a divisão em subitens a seguir corresponde às três funções descritas por Kress e van Leeuwen (1996), discutidas anteriormente.

#### **2.3.1. Função representacional**

A *função representacional* caracteriza estruturas que representam visualmente a natureza dos eventos e se divide em *estruturas narrativas* (*ação, reação, processo verbal e processo mental*) e *estruturas conceituais* (*processos classificacionais, processos analíticos e processos simbólicos*).

A *estrutura de ação* está bem evidente na representação da carta do Julgamento (arcano XX) no tarô de Raider-Waite (Figura 2.3). Nesse baralho, a figura central do arcano XX é um anjo para quem convergem a face e os braços erguidos de todos os participantes, que representam pessoas ressuscitadas saindo de suas tumbas. A composição visual do Julgamento alinha-se perfeitamente ao significado da carta que,

segundo Naiff (2001:121), “sugere o renascimento, o despertar de uma nova vida nunca antes imaginada. Tudo está além da compreensão humana [...]”.

Figura 2.3: Arcano XX no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A estrutura de ação é chamada *bidirecional*, quando os participantes se revezam nos papéis de ator e meta. Esse tipo de estrutura pode ser observado na carta dois de copas no tarô das Donas de Casa (Figura 2.4), onde um homem e uma mulher se olham, sorriem um para o outro e dão-se as mãos. O direcionamento da ação, evidenciado pelas mãos dadas e pelo olhar do casal, mostra o papel de interatores desempenhado pelos participantes.

Figura 2.4: dois de copas, no Tarô das Donas de Casa



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Apesar da iconografia mais moderna, os elementos pictóricos do dois de copas do tarô das Donas de Casa (Figura 2.4) se harmonizam com o significado tradicional da carta, qual seja, de acordo com Naiff (2001:165), “troca de afeição e concórdia profunda; comunicação e relacionamento integrado [...]”.

O arcano III, o Imperador, do tarô bizarro de Dali (Figura 2.5) é um exemplo perfeito de *processo de reação não-transacional*. Nessa carta, notamos que o olhar do homem no trono não se dirige a nenhum outro elemento dentro da composição. O efeito desse olhar indiferente ao espectador, aliado à postura do homem e as vestes em estilo romano, reforça visualmente o sentido da imagem que, de acordo com Naiff (2001:64), está relacionada à noção de “poder, realização, imposição, *status*, força da autoridade pessoal, controle, capacidade, estabilização [...]”.

Figura 2.5: carta do Imperador no Tarô Bizarro de Dali



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Já a composição visual do oito de ouros do Tarô do Beisebol (Figura 2.6) tem como característica principal o *processo de reação transacional*. Esse arcano apresenta um vetor fortemente marcado que parte dos olhos do jogador e converge para uma bola que se desloca no ar. A posição da figura, o movimento da bola, a atenção e a expectativa do homem representado, correspondem visualmente ao sentido de trabalho manual, esforço pessoal com perspectivas agradáveis de prosperidade, encontrado em manuais de tarô (cf. Kaplan, 1997; Naiff, 2001).

Figura 2.6: a carta 8 de ouros, no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A composição visual do arcano 7 de espadas do Tarô das Donas de Casa (Figura 2.7) ilustra bem o que se caracteriza como *processo verbal*. O evento representado no arcano é uma conversa informal entre mulheres, uma das quais é o ponto de partida do vetor, textualizado como balão de fala. A proximidade dos rostos das mulheres indica que o que está sendo falado requer discrição, e as facas – associadas aqui à expressão cristalizada “apunhalar pelas costas” – sinalizam o tom da conversa. Os elementos pictóricos selecionados para esta composição e, mais importante, o modo como se relacionam na imagem, acentuam o sentido da carta, que segundo Banzhaf (2001:116) “significa esperteza, astúcia, malícia e mentira”.

Figura 2.7: a carta 7 de espadas no Tarô das Donas de Casa



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/photos/album/279/Housewives#photo=85> (acesso em 30/09/09)

Ainda que, nessa composição, o balão esteja preenchido com elementos pictóricos e não por texto escrito, podemos classificar a imagem como processo verbal pela forte característica de conversa – tipo de balão, posicionamento das figuras femininas, etc. – sugerida na carta.

No arcano 5 de paus do tarô de Silicon Valley (Figura 2.8), a relação entre o elemento subordinado e o elemento superordenado – que configura os *processos conceituais analíticos* – é representada pela circunscrição das diferentes atividades cotidianas à cabeça do participante em destaque. O cinco de paus, como instrumento oracular no conjunto do tarô, mostra uma situação que exige habilidade de ordenar coisas ou energia para fazê-lo (cf. Banzhaf, 2001). Todas as atividades a serem realizadas estão nomeadas, distribuídas e bem delimitadas na cabeça do participante (acesso à Internet, envio de *e-mail*, trabalho, almoço, etc.), como se apontassem qual parte do cérebro é acionada por elas. A distribuição e limitação espacial das atividades – nesse arcano – se assemelham ao desenho de um mapa, que, segundo Kress e van Leeuwen (1996:90), possuem essencialmente uma estrutura analítica.

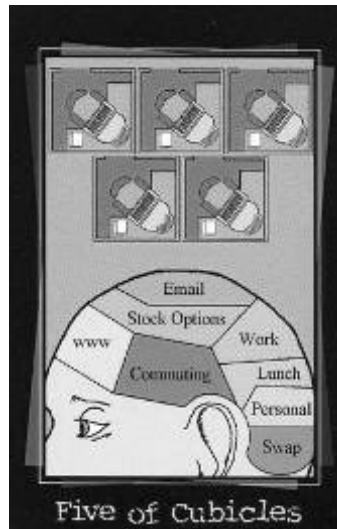
Nesse sentido, as diferentes cores que compõem a Figura 2.8, bem como as linhas que separam os nomes e o contorno ao redor deles possibilitam uma leitura da imagem na qual se vê a subordinação semântica do elemento verbal ao elemento pictórico da composição. Essa relação metonímica, em consonância com o sentido verbalmente expresso da carta, sugere como se *ordenam*, se *estruturam* as atividades cotidianas na cabeça de um homem de negócios. Outro aspecto curioso a respeito dessa imagem é que, nela, as palavras – que normalmente figuram nessas composições como o portador de atributos representados por texto não-verbal – funcionam como atributos possuídos.

O arcano XII no Tarô do Beisebol (Figura 2.9) é um exemplo de *processo simbólico atributivo* no qual se percebe claramente a identidade do participante da composição – nessa imagem, um batedor de um time de beisebol –, e são detectadas pistas que apontam para o significado da carta.

A carta 12 dos arcanos maiores do tarô está ligada, de acordo com Naiff (2001:91) ao “fracasso no trâmite das realizações”. Na carta do Tarô do Beisebol representada na Figura 2.9, a noção de derrota está representada tanto na postura do participante – a face voltada para o chão e escurecida pela sombra projetada pelo boné;

a lentidão do movimento; o posicionamento do taco, apontando para o solo – quanto no nome dado ao arcano: *slump*, isto é, “queda” em inglês.

Figura 2.8: a carta 5 de paus no tarô de Silicon Valley



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Figura 2.9: o arcano XII no tarô do beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

### 2.3.2. Função interativa

A *função interativa* materializa a relação que se estabelece entre produtor e observador do texto pictórico através de recursos que evidenciam *contato* (*demanda e oferta*), *distância social*, *perspectiva* e *modalidade*.

Na carta do Rei de ouros do Tarô do Beisebol (Figura 2.10), a relação de *demanda* se configura a partir do vetor que direciona o olhar do participante representado para o espectador. Com elementos pictóricos diferentes dos que são apresentados na iconografia clássica do tarô, a construção de sentido da composição visual desse arcano aponta, no entanto, na mesma direção que a da imagem tradicional.

Segundo Naiff (2001:138), as palavras-chaves que definem esse arcano são sucesso, domínio, prosperidade e realização. Na carta Tarô do Beisebol mostrada na Figura 2.10, o rei de ouros é representado por um jovem exibindo um troféu que recebeu por ter sido eleito o *MVP (most valuable player) of Bases*, ou o jogador de base mais valioso. Além desse título, o arcano apresenta a inscrição *Practical Accomplishments* (conquistas práticas), que reforça o significado da carta tal qual descrito nos manuais tarológicos.

Figura 2.10: Rei de ouros no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

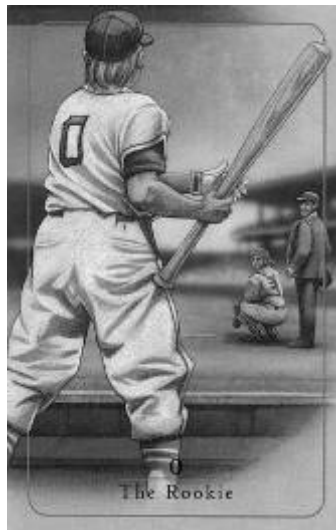
No Tarô do Beisebol, a carta do Louco (Figura 2.11) é um excelente exemplo de relação de *oferta*. Na composição visual dessa lâmina, vê-se o participante de maior destaque de costas para o espectador, como se convidasse o espectador a enfrentar com ele o desafio.

A carta do Louco é frequentemente associada a uma nova fase que se inicia na vida de quem está consultando o tarô, ou a pessoas que se lançam em novos empreendimentos no setor pessoal, sentimental, ou financeiro (cf. Kaplan, 1997). Dessa forma, esse sentido de novidade está presente na composição no Tarô do Beisebol através da figura do *rookie* (novato), termo em inglês que se refere a esportistas que



estão no primeiro ano de carreira como atleta profissional. Nesse arcano, o novato é um bateador que parece ter acabado de se aquecer e está pronto para tomar seu posto à frente do receptor e do juiz, que estão ao fundo da imagem e encaram o novato.

Figura 2.11: O Louco no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Em imagens, a *distância social* é revelada por meio da utilização dos planos *fechado*, *médio* e *aberto*. No Tarô do Senhor dos Anéis, a carta quatro de ouros (Figura 2.12) exhibe em *plano fechado* a figura de Sméagol, personagem que encontra no leito de um rio o Anel do Poder e de tal forma é enfeitiçado por ele que se isola do convívio social para não ter que dividi-lo com ninguém.

O olhar e o sorriso de Sméagol para o Anel, e a maneira como o segura em suas mãos, revelam o fascínio do hobbit pela joia e corroboram o sentido da carta, que, segundo Kaplan (1997:151), simboliza mesquinhez, avareza e caracteriza uma “pessoa que não é generosa”. A representação do hobbit em plano fechado destaca o seu caráter sovina, alertando o consulente contra atitudes pouco generosas.

Figura 2.12: quatro de ouros no Tarô do Senhor dos Anéis



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Na carta da Imperatriz do Tarô das Donas de Casa (Figura 2.13), a figura central, representada em *plano médio*, é de uma mulher segurando um livro de receitas e que tem diante de si uma mesa com vários ingredientes.

Figura 2.13: a Imperatriz no Tarô das Donas de Casa



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Nos anos de 1950, “o papel de uma mulher consistia em fazer sua família feliz servindo-os, preparar para eles as melhores refeições e se satisfazer com a felicidade deles” (Young, 2004:10) – esse era o ideal de felicidade. Essas mulheres eram estimuladas a se adequarem à imagem veiculada pela mídia da mãe e esposa perfeitas. Nessa época, as mulheres norte-americanas eram retratadas pelos veículos de

comunicação como as mais bem vestidas donas de casa, algumas até eram representadas usando coroa, dando origem à noção de mulheres como rainhas do lar (cf. Young, 2004).

A iconografia da carta da Imperatriz nesse tarô – representando uma feliz dona de casa segura das suas habilidades culinárias – substitui o cetro e o escudo, elementos que na carta tradicional sugerem autoridade e segurança (Chevalier e Cheerbrant, 2008), por um grande livro de receitas. Nesse caso, a mensagem de crescimento, felicidade e prosperidade atribuída a esse arcano (Naiff, 2001) vale-se da imagem da mulher criada pela mídia americana dos anos 1950, segundo a qual “tarefas como limpar e cozinhar eram associadas a um estilo de vida feliz” (Young, 2004:10).

O plano médio utilizado na Figura 2.13 como recurso interativo entre a imagem feminina e o observador desse arcano implica que a mulher mostrada como feliz, confiante e realizada – ou a situação de satisfação em que se encontra nessa composição – pode não representar a realidade de quem busca o oráculo, mas pode ser facilmente alcançada pelo consulente.

Como exemplo de representação do participante em *plano aberto* temos o arcano dois de ouros, que, segundo Banzhaf (2001:134), diz respeito à “capacidade de se adaptar aos altos e baixos de uma situação”. É na verdade uma carta de dinamicidade e, quando aparece numa consulta tarológica, mostra que o consulente encontra-se numa situação que exige poder de conciliação, pois está passando por uma “pequena tensão no âmbito social ou familiar” Naiff (2001:139).

Os elementos pictóricos que compõem a imagem do dois de ouros no Tarô das Donas de Casa (Figura 2.14) estão arranjos de forma a corroborar esse sentido dinâmico da carta descrito nos manuais. Nesse arcano, vê-se uma mulher muito bem vestida e de salto alto que tenta equilibrar a função de dona de casa – simbolizada pelo avental – com a função de mãe, evidenciada na figura do filho que segura um brinquedo em uma das mãos e com a outra puxa a barra da saia da mulher. A ideia de equilíbrio – além de estar representada nos braços da mulher tentando nivelar dois enormes pratos – encontra-se iconografada na imagem do cão que puxa a barra da saia da mulher em sentido oposto ao da criança. É importante salientar também que, segundo Becker (1999:55), o cão em algumas culturas “pode ser símbolo de bom casamento”, reforçando o ideal feminino divulgado nos meios de comunicação americanos da década de 1950.

Figura 2.14: dois de ouros no Tarô das Donas de Casa



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Para Naiff (2001), a carta da Justiça (Figura 2.15), arcano VIII, com exceção de alguns tarôs surrealistas, é sempre representada de frente para o observador. A imagem é de uma mulher sentada num trono segurando na mão direita uma espada – símbolo da decisão e da separação entre o bem e o mal (Becker, 1999) – e, na mão esquerda, uma balança, cuja “função corresponde à pesagem dos atos”, nos termos de Chevalier e Cheerbrant (2008:113). Ainda segundo os autores, quando associada “à espada, a balança é também a Justiça, mas duplicada pela Verdade” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:113).

Figura 2.15: a Justiça no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

No tarô, o uso de perspectiva – delineadas pela utilização dos ângulos *frontal*, *oblíquo* e *vertical* – serve para indicar o nível de envolvimento do consulente com questão levantada e até que ponto ele pode ou não alterá-la. O *ângulo frontal* não marca uma relação hierárquica entre quem produz as cartas e os espectadores. O que ocorre é que, se o participante representado está de frente para o espectador, a mensagem da carta – especialmente em tarôs mais tradicionais – sugere que o assunto sobre o qual se pergunta diz respeito diretamente ao consulente (Martins, 2007).

A carta da Justiça é comumente interpretada como um momento de alerta em que são necessárias “muita ponderação e reavaliação” (Naiff, 2001:76). O caráter individualizador desse arcano é assinalado por Banzhaf (2001:48), quando diz que a Justiça “deixa claro que nós somos responsáveis por aquilo que acontece em nossas vidas”, a situação a que a carta se refere não pode ser atribuída a mais ninguém além do consulente.

Quando o olhar da figura numa carta não se volta para o observador – *ângulo oblíquo* –, é sinal de que a situação que o arcano simboliza numa consulta foge ao controle do consulente (Kaplan, 1997). O arcano quatro de espadas, de acordo com Banzhaf (2001:110), “significa paralisação, repouso forçado ou pausas involuntárias causadas, por exemplo, por uma doença, um estado de estresse ou simplesmente um impasse, quando nada parece funcionar”. Os fatores de interrupção são sempre independentes do consulente, quando essa carta aparece numa consulta de tarô.

No Tarô do Beisebol, o quatro de espadas (Figura 2.16) recebe o nome de *sidelined*, termo em inglês que designa jogadores retirados de campo por causa de lesões adquiridas durante a partida. Nessa composição, o ângulo oblíquo reforça a ideia de que a imobilização indesejada e o obstáculo intransponível – aqui representados pelo braço enfaixado – são involuntários (Naiff, 2001).

Figura 2.16: quatro de espadas no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

O *ângulo vertical* é utilizado numa carta de tarô para sinalizar tendências dominantes no comportamento ou na vida da pessoa que a carta representa numa consulta. Também pode ser usado para apontar a necessidade de agir de acordo com uma instância superior – quer seja social, jurídica ou religiosa (Kaplan, 1997). As características principais de personalidade ou a submissão a uma ordem coletiva ficam claras numa composição em que a figura de maior destaque é mostrada num plano superior ao do espectador. É o caso do arcano V, o Papa (Figura 2.17), que simboliza a necessidade de agir dentro da ordem e da moral instituída (Naiff, 2001).

Figura 2.17: o Papa no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Para Naiff (2001), quando essa carta surge numa consulta, ela indica que se deve levar em consideração “dogmas, virtudes, [...] religiosidade, legalidade, mas tudo sob o parâmetro social, do grupo ou da família, jamais sob a ótica pessoal” (Naiff, 2001:66). Na composição do arcano V mostrada na Figura 2.17, a imponente figura sacerdotal está sentada num trono segurando um cetro com a cruz papal na mão esquerda enquanto abençoa com a mão direita dois fiéis ajoelhados à sua frente.

Quando, ao contrário do exemplo acima, o participante representado é exibido num plano inferior ao do espectador, o arcano evidencia a necessidade de transformar comportamentos, situações e atitudes que devem ser superadas – ou destaca a possibilidade do consulente em alterá-las: ele pode dominar a situação, não importa quão difícil ela seja. No Tarô do Beisebol, o arcano cinco de paus (Figura 2.18) mostra uma briga entre jogadores. Essa cena, vista de cima, destaca o aspecto de dificuldade, divergência, desafio, competição e luta associado à carta (Naiff, 2001; Banzhaf, 2001). A angulação vertical permite que a ação seja observada pelo espectador de um ponto superior e um pouco afastado. Essa perspectiva, no contexto divinatório em que esse arcano aparece, indica que o consulente precisa – e pode – enfrentar a situação com dignidade, não se limitar à reflexão sobre o que deve fazer e tomar atitudes concretas (Naiff, 2001:185).

Figura 2.18: cinco de paus no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A *modalização* como recurso composicional em textos pictóricos, assim como na linguagem verbal, é utilizada para conferir um maior ou menor valor de verdade às

imagens. A modalização é expressa nas imagens através do uso das cores (*saturação, diferenciação e modulação*), *contextualização, iluminação e brilho*.

Alguns arcanos do naipe de ouros, no tarô de Raider-Waite, apresentam *saturação* bem acentuada do amarelo. Na carta do pajem de ouros (Figura 2.19), por exemplo, o amarelo domina a composição, e seu uso é “amplo e cegante, como um fluxo de metal em fusão” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:40).

De acordo com Banzhaf (2001), os pajens no tarô representam oportunidades que surgem de situações inusitadas ou que são oferecidas por alguém de quem não se esperava tal atitude. No arcano em questão, a figura central segura uma grande moeda dourada, como se tivesse acabado de recebê-la.

Figura 2.19: pajem de ouros, no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/>

A maior parte do corpo do participante representado na Figura 2.19 (da cabeça até os joelhos) se destaca contra um fundo amarelo-ouro, que representa “o atributo do poder dos príncipes, reis, imperadores [...]” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:40). O uso predominante dessa saturação do amarelo é a razão pela qual essa carta é frequentemente interpretada como “uma chance de ganhar dinheiro” (Banzhaf 2001:152).

No tarô de Raider-Waite, a *diferenciação* das cores confere uma maior dramaticidade ao cinco de copas (Figura 2.20), associado, no sentido divinatório, a “um resultado frustrante” (Naiff, 2001:168). Nessa composição, a figura central está encoberta com uma capa negra que vai dos ombros até a altura dos tornozelos. A cor



preta é comumente relacionada à ideia de “luto sem esperança” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:741), o que se confirma pela inclinação para baixo da cabeça do participante representado. O participante representado ainda se destaca contra um fundo cinza, cor associada à morte, ao arrependimento e à penitência (Becker, 1999:68). À frente da figura humana estão três taças viradas no chão. Desses recipientes foram derramados vinho – símbolo de sacrifício – e água, que representa “a plenitude de todas as possibilidades” (Becker, 1999:10). Como esses líquidos estão desperdiçados, a mensagem da carta é de esforço que não surte efeito, acarretando “experiências dolorosas, desgostos e decepções” (Banzhaf, 2001:168).

Figura 2.20: cinco de copas, no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A mesma carta no Stick Tarot (Figura 2.21), apesar de possuir o mesmo sentido divinatório de perda, desperdício, frustração e amargura, apresenta uma suavização da modalização causada pela redução da variedade de cores, o que reduz seu impacto imagético, em comparação com o cinco de copas do Tarô de Rider-Waite (Figura 2.20). A presença de apenas duas cores da Figura 2.21 (preto e branco), aliada aos traços infantis que compõem a imagem tendem a minimizar a construção do sentido flagrantemente dramático que o preto, o vermelho e o cinza denotam na mesma carta no tarô elaborado pelo ocultista Edward Waite (Figura 2.20).

Figura 2.21: cinco de copas, no Stick Tarot



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A *modulação* é observada numa imagem em termos de utilização de várias gradações de uma mesma cor ou de apenas uma de suas tonalidades. Esse recurso é muito bem empregado na carta dez de espadas do Tarô dos Vampiros Góticos (Figura 2.22).

Figura 22: dez de espadas, no Gothic Vampires Tarot



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Em linhas gerais, no universo do tarô, o dez de espadas significa a decisão imediata e consciente de dar fim a uma situação ou a um comportamento (Naiff, 2001). Em alguns tarôs – como no Tarô dos Vampiros Góticos – a imagética da carta sugere que tal rompimento pode ser “uma atitude negativa, destrutiva, talvez até brutal” (Banzhaf, 2001:122). Essa composição mostra um vampiro agonizando com uma estaca

de madeira cravada em seu peito – uma das poucas maneiras de aniquilar esses seres. A cor verde – usada em diferentes tons – se sobressai nessa imagem e acrescenta à cena já mórbida seu significado de morte e putrefação, como asseveram Chevalier e Cheerbrant (2008:942).

A modalidade também pode ser expressa por meio de técnicas de *profundidade e perspectiva*. Esses recursos são bem explorados na carta do Mago do Instant Ideas Tarot (Figura 2.23), na qual se vê o rosto de um homem ao fundo da imagem e, no primeiro plano, duas engrenagens que ele analisa. É como se o homem estivesse investigando como as duas engrenagens podem ser combinadas, o que corresponde ao sentido de destreza, perícia, inteligência e habilidade relacionados a essa carta (Kaplan, 1997; Banzhaf, 2001).

Figura 2.23: o Mago, no Instant Ideas Tarot



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

O efeito de *profundidade*, nessa imagem, tira de foco o rosto do homem e salienta a união das duas engrenagens formando o símbolo da leminiscata – conhecida popularmente como o oito deitado. Esse símbolo é visto no arcano I da maioria dos tarôs e está associado a “todas as possibilidades do universo” (Naiff, 2001:54), já que o Mago é a primeira carta numerada dos arcanos maiores do tarô, “o início de uma jornada, onde tudo é possível” (Banzhaf, 2001:34).

O sete de copas do Instant Ideas Tarot (Figura 2.24) mostra o uso bem sucedido da *perspectiva*. A noção de devaneio atribuída a essa carta não se deve ao jogo de luzes e sombras, mas a uma utilização do recurso da perspectiva, que põe em destaque a (indesejada) realidade vivida pela figura principal – uma garota em sala de aula – e tira de foco o ambiente externo à escola, para onde a menina olha distraída.

Figura 2.24: sete de copas, no Instant Ideas Tarot



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A manipulação das técnicas de *iluminação* é mais um recurso utilizado pelos produtores de imagens para ajustar o nível de realidade que a imagem representa. No sete de copas do Tarô dos Vampiros Góticos (Figura 2.25), luzes e sombras se destacam na imagem de sete vampiros que se posicionam diante de dois holofotes, como se estivessem num estúdio fotográfico ou no meio de uma entrevista de televisão. Em qualquer um dos casos – fotografia ou televisão – os elementos pictóricos estão de acordo com os significados atribuídos a esse arcano, quais sejam, ilusões, utopia, visão fantasiosa da vida (Banzhaf, 2001:172).

Figura 2.25: sete de copas, no Gothic Vampires Tarot



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Nessa composição, a luz que incide nos participantes – tal como numa fotografia ou num programa de TV – tem por objetivo melhorar sua aparência, criando “imagens falsas da realidade e do caráter” (Naiff, 2001:170).

Em cartas de tarô, o uso do *brilho* pode reafirmar ou suavizar a natureza negativa da mensagem. No tarô do Senhor dos Anéis (Figura 2.26), a Morte é representada pela figura opaca de um Nazgûl, num ambiente sem brilho. Na mitologia do Senhor dos Anéis, essas criaturas são fantasmas de humanos que foram escravizados pelo poder do Um Anel e que estão condenadas a vagar pela eternidade a serviço da joia. A escolha dessa figura sombria enfatiza o lado negativo desse arcano e, nesse caso específico, pode justificar por que essa carta é “uma das mais temidas” do tarô (Banzhaf, 2001:58).

Figura 2.26: a Morte, no tarô do Senhor dos Anéis



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Em contraste com essa representação do arcano XIII, no Tarô do Beisebol, a mesma carta (Figura 2.27) tem uma representação mais leve, menos mórbida, que pode numa consulta trazer à tona significados práticos, ligados a aspectos concretos da vida do consulente. Na iconografia menos tradicional desse baralho, a Morte, associada ao momento da aposentadoria (*retirement*) de um jogador, não é uma carta escura. Pelo contrário, a imagem desse arcano mostra um jogador de cabelos brancos que, de costas para o observador, dirige-se para fora do estádio, onde se vê a imagem do poente cujo brilho é percebido de dentro do campo. O brilho do sol se pondo (metáfora da morte) atenua o tom macabro geralmente relacionado a essa carta e salienta seu aspecto de “fim de uma situação familiar” (Kaplan, 1997:104).

Figura 2.27: a Morte, no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

### 2.3.3. Função composicional

A *função composicional* é responsável pela materialização pictórica das funções representacional e interativa das imagens e se baseia em três elementos: *valor de informação, saliência e estruturação (framing)*.

O *valor de informação* imprime valores específicos aos elementos de acordo com sua localização no todo da composição (Kress e van Leeuwen, 1996:183). Em outras palavras, as polarizações esquerda/direita, topo/base, centro/margem conferem aos participantes representados uma carga semântica de dado/novo, ideal/real e núcleo/auxiliar, respectivamente.

Podemos observar bem o valor informativo do dado e do novo na carta da Morte, no Tarô de Raider-Waite (Figura 2.28). Nesse arcano, há uma marcação bem definida entre os limites do dado e do novo. Essa fronteira é composta pelo *framing* formado pelo mastro da bandeira que o esqueleto segura e pela pata do corcel que cavalga. Nessa composição, o lado esquerdo da imagem mostra as vítimas do cavaleiro, que se encaminha para o novo, o lado direito, onde possíveis vítimas imploram por clemência. O fato de o esqueleto estar montado num cavalo confere a esse arcano “um fator dinâmico e evolutivo” (Naiff, 2001:95) indicador de que “alguma coisa se esgotou ou se extinguiu de maneira inevitável” (Banzhaf, 2001:58). O próprio cavalo “tem a brancura de um sudário ou de um fantasma. Sua brancura está muito próxima da

acepção mais usual do negro: é a brancura do luto, tal como entendida pela linguagem comum, quando se fala de [...] brancura *cadavérica*” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:206).

Figura 2.28: a Morte, no tarô de Rider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

A polarização *ideallreal* é bem definida na carta sete de copas no Tarô de Raider-Waite (Figura 2.29). O produtor da composição utiliza essa polarização para marcar a diferença entre a realidade e o que se espera dela. Nessa carta, a linha que separa o real do ideal é formada pelo contorno da parte inferior da nuvem, na qual são vistas sete taças, cada uma contendo um elemento simbólico. A nuvem, na qualidade de “instrumento [...] das epifanias” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:648), chama atenção para o sentido utópico que esse arcano assume numa consulta de tarô (Banzhaf, 2001). As taças estão dispostas como numa prateleira, longe do alcance do homem, apenas para contemplação. Os itens encontrados dentro das taças simbolizam aquilo que deseja o homem deseja. A cabeça representa “a autoridade de governar, ordenar, instruir” (Chevalier e Cheerbrant, 2008:151); a figura encoberta por um véu, a pessoa amada; a serpente é apresentada como símbolo sexual; o castelo “simboliza [...] a soma e a plenitude de todos os desejos positivos” (Becker, 1999:59); As joias concentram o desejo de riqueza; a coroa de louros indica vitória; e o dragão pode ser visto como sinônimo de sorte (Becker, 1999).

Figura 2.29: sete de copas no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

No tarô de Raider-Waite, o arcano X, a Roda da Fortuna (Figura 2.30), realça a importância do elemento central da carta em comparação com os que se encontram na margem.

Figura 2.30: a Roda da Fortuna, no tarô de Raider-Waite



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

O arcano X “sugere as mudanças naturais, rápidas e inevitáveis, o ganhar e o perder, a instabilidade” (Naiff, 2001:83-84). E o destaque dado à imagem da roda nessa composição “acentua o aspecto do transitório, da constante mudança” que o significado desse arcano sugere (Becker, 1999:236). No setor mais periférico da roda são vistas as letras T, A, R e O, que podem – a depender do sentido em que a roda gire – formar a palavra *TARO* ou a palavra *TORA*. Há também caracteres do alfabeto hebraico nesse



espaço que correspondem às letras JHVH, que são o nome de Deus – Javeh (Banzhaf, 2001:52). Os símbolos inscritos no círculo intermediário dizem respeito à alquimia e significam – em sentido horário, começando do alto – mercúrio, enxofre, água e sal.

As figuras amarelas presentes nos cantos da imagem representam os quatro evangelistas (começando do canto superior esquerdo, em sentido horário): São Mateus, São Marcos, São João e São Lucas. A imagem de uma esfinge encima a roda, que ainda é circundada por uma serpente e por uma figura que, segundo Banzhaf (2001:52), é a figura do deus Anúbis.

O arcano dez de copas do Tarô das Donas de Casa (Figura 2.31) é um excelente exemplo de como o bom uso da *saliência* pode ajudar na construção de sentido de um arcano. Nessa carta, a figura de uma mulher vestida de azul, e executando movimentos de dança, ocupa a maior parte da composição e se localiza na frente da imagem, em contraste com o casal monocromático ao fundo. O seu longo vestido azul – cor da leveza e da descontração (Chevalier e Cheerbrant, 2008:107) – serve como pano de fundo para a representação de dez diferentes copos de bebidas, todos de cor laranja – cor complementar ao azul.

Figura 2.31: dez de copas, no Tarô da Dona de Casa



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Os elementos pictóricos desse arcano sugerem que a cena se passa numa festa, reafirmando o sentido do arcano, que para Banzhaf (2001:178), “mostra que nós encontramos as pessoas certas, e que a convivência nos dá prazer, na família, num círculo de amigos, no local de trabalho, numa viagem ou em qualquer situação onde se constitui uma equipe, um grupo ou um círculo de convivência”.

A *estruturação* diz respeito à conexão dos elementos numa composição visual, indicando se eles formam um bloco único (*estruturação fraca*), ou se são independentes um do outro (*estruturação forte*).

O arcano quatro de paus do Tarô do Beisebol (Figura 2.32) é um exemplo de *estruturação fraca*. Nessa carta, a conexão é evidenciada pelos quatro jogadores comemorando vitória. O bloco formado pelos atletas, seus gestos de vitória e seus rostos sorridentes confirmam o sentido desse arcano, que numa consulta tarológica representa equilíbrio dos esforços, satisfação e momentos agradáveis, união, reunião, etc. (Naiff, 2001:183).

Figura 2.32: quatro de paus, no Tarô do Beisebol



Fonte: <http://taroteca.multiply.com/> (acesso em 30/09/09)

Os significados divinatórios das cartas do tarô, desde o início de sua utilização como instrumento oracular no século XVIII, se mantêm estáveis e são cada vez mais procurados por pessoas que buscam respostas para questões existenciais ou orientações para problemas práticos do dia-a-dia.

A composição pictórica dos arcanos e a iconografia selecionada para representá-los, por outro lado, vêm sofrendo inúmeras alterações ao longo do tempo, sendo modeladas “tanto pelas características intrínsecas e potencialidades da mídia, quanto pelas exigências, histórias e valores das sociedades e suas culturas” (Kress e van Leeuwen, 1996:34).

Dessa forma, a teoria da multimodalidade, mais especificamente as categorias de análise de composições visuais, se mostra como um importante instrumento

metodológico que nos ajuda a entender como esses significados oraculares são representados imagetivamente, quais traços semânticos são ressaltados e quais são obscurecidos na elaboração das figuras.

Obviamente um mesmo arcano, em baralhos distintos, apesar de possuir o mesmo significado divinatório, dificilmente vai apresentar a mesma estrutura visual. Isso acontece porque, segundo Kress e van Leeuwen (1996), a representação requer dos produtores de imagens a seleção de formas para expressar o que eles têm em mente, formas que consideram mais aptas e razoáveis num determinado contexto.

Diante do exposto, como observamos a partir desse estudo da multimodalidade nos tarôs, é possível concluir que os produtores dos trunfos lançam mão das mais diversas estratégias imagéticas tendo por objetivo maior tanto modernizar a tradicional iconografia dos baralhos quanto fazer com que a sua leitura e os seus sentidos se aproximem cada vez mais do público (tarólogos, consulentes e até leigos de uma forma geral). Com a análise realizada neste capítulo, percebemos que, quando os produtores dos tarôs manipulam esses textos visuais destacando certos aspectos pictóricos dos arcanos, fica claro que novos sentidos são construídos a partir dos significados “canônicos” das cartas. Ao mesmo tempo, isso faz com que o espectador passe a lançar um outro olhar para aquele já clássico arcano, multiplicando assim a possibilidade de leituras do texto imagético.

Vistas, assim, não só as características visuais que compõem as lâminas tarológicas, mas principalmente o modo como essas características participam da construção de sentidos nos baralhos, passaremos, no próximo capítulo, a analisar a transitividade verbal nos textos escritos nos oito primeiros arcanos maiores do Tarô Rápido & Fácil (*Quick and Easy Tarot*, 1999) com base nos preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday.

### CAPÍTULO III

## TRANSITIVIDADE NO TARÔ

De que modo construímos nossas experiências? Como ocorre efetivamente a nossa representação do mundo em nossos discursos? Como vimos anteriormente, um dos principais motivos que levam muitas pessoas a consultar habitualmente o tarô é justamente a tentativa de “conquistar uma nova compreensão de si mesmas, bem como da realidade à sua volta” (Tavares, 1993:04). Essa dupla possibilidade de ‘fabricação’ do nosso mundo a partir das lâminas tarológicas – tanto do ‘mundo interno’ quanto do ‘mundo externo’ – é fundamental para percebermos de que forma representamos, de um lado, pensamentos, crenças, sentimentos e, do outro, fatos e eventos à nossa volta.

No capítulo anterior, vimos como se dá essa construção de sentidos a partir dos diversos elementos imagéticos que compõem os arcanos: as figuras, os símbolos, as cores, o posicionamento de objetos e personagens, o jogo de luz e sombras, etc. Neste capítulo, por sua vez, dedicaremos especial atenção à maneira como essas experiências são construídas *linguisticamente*, enfatizando-se, em particular, a *transitividade* das cartas.

Para tanto, lançaremos mão das cartas de um tarô didático, caracterizado por apresentar, no corpo do próprio arcano, os seus sentidos correspondentes. Grosso modo, as lâminas apresentam duas possibilidades de leitura a partir da posição que a carta assume durante a consulta tarológica. Na posição regular (isto é, ‘de cabeça para cima’ para o tarólogo), os significados do trunfo encontram-se na parte superior. Já na posição invertida (isto é, ‘de cabeça para baixo’ para o tarólogo), os significados que estavam normalmente dispostos na posição inferior da imagem passam para sua parte superior (Fig. 3.1.).

Vale salientar que os significados expressos na posição regular do arcano *não são* necessariamente opostos aos constantes na posição invertida. O que ocorre aqui é que cada posição corresponde a um dos lados da mesma moeda. A posição regular tende *normalmente*, mas não exclusivamente, a destacar as interpretações positivas da carta; a posição invertida enfatiza *geralmente*, mas não obrigatoriamente, os aspectos negativos.

Como será possível observar ao longo da análise, nem sempre esses sentidos serão antagônicos entre si. Antes, revelam nuances distintas de um mesmo trunfo.

Figura 3.1: O Louco, do Tarô Rápido & Fácil, em posição regular e em posição invertida



Para realizarmos a análise desse material linguístico presente nos arcanos, iremos recorrer à noção de *sistema de transitividade* de Halliday e Matthiessen (2004), que será o foco do item 2. Antes, porém, é necessário nos determos em alguns conceitos básicos da teoria hallidayana para que possamos compreender de forma mais global a sua proposta de análise.

### 3.1. A noção de “função” em linguagem

Na Introdução deste trabalho, apresentamos e discutimos uma série de conceitos elementares da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e, por extensão, da Semiótica Social. Na oportunidade, tratamos de noções como *signo*, *sentido*, *linguagem*, *contexto*, entre outros termos-chave da proposta de M.A.K. Halliday. Também mencionamos de que maneira as três variáveis contextuais – o *campo*, as *relações* e o *modo* – atuam sobre o texto e afetam nossas escolhas linguísticas a partir de determinadas metafunções da linguagem (Halliday, 1994). Cabe especificar agora em especial justamente o que Halliday denomina de *função* da linguagem para que possamos lançar mão das suas ideias, aplicando-as à investigação dos tarôs.

Em um artigo já clássico, Halliday (2002 [1971]) inicialmente esclarece que o termo *função* possui normalmente dois sentidos possíveis e relacionados entre si, mas são utilizados em situações bem distintas na descrição da linguagem. O primeiro é usado no sentido de uma função “gramatical” (ou “sintática”), referindo-se a elementos das estruturas linguísticas tais como ator e meta ou sujeito e objeto ou ainda tema e rema. Essas “funções”, segundo Halliday (2002), constituem, na realidade, os papéis exercidos pelas classes de palavras, frases, etc. O segundo sentido, por sua vez, diz respeito às “funções” da linguagem como um todo. O autor cita como exemplo a divisão formulada por Karl Bühler, que distribui as funções da linguagem em representacional, conativa e expressiva.

É a essa segunda perspectiva que o linguista britânico se refere quando propõe trabalhar com o conceito de “função” – não a teoria de Bühler, especificamente, mas sim da “noção genérica de funções da linguagem” (Halliday, 2002:89). Através de uma *teoria funcional da linguagem*, o autor pretende dar conta de explicar tanto a estrutura linguística quanto o fenômeno linguístico, partindo da noção básica de que a linguagem desempenha um papel fundamental em nossas vidas, sendo necessária para atender

determinados tipos universais de demanda. Para Halliday (2002), a importância dessa abordagem reside no fato de que tenta compreender não só a *natureza*, mas também o *uso* da linguagem. Em outras palavras, a partir de sua categorização das funções da linguagem, o estudioso objetiva evidenciar como essa pluralidade funcional é construída nas próprias estruturas linguísticas e forma a base de sua sintática (gramática e léxico) e de sua semântica.

De acordo com Halliday (2002), a linguagem serve, em primeiro lugar, para a expressão de um conteúdo ou assunto: ela possui uma função representacional ou, como o autor prefere, uma *função ideacional*. Dois aspectos podem ser destacados quanto a essa função. Inicialmente, é através da função ideacional que o falante/ escritor corporifica na linguagem a sua experiência diante do fenômeno do “mundo real”, o que inclui a sua experiência sobre o mundo interno de sua própria consciência: suas reações, cognições, percepções, bem como seus atos linguísticos de falar e compreender. Além disso, também é essa função ideacional que expressa uma certa lógica fundamental observada entre os elementos linguísticos que, de alguma forma, estejam dispostos ou agrupados de maneira organizada, como por exemplo, coordenação dos termos de uma oração, uso de apostos, etc. Desse modo, Halliday (2002) reconhece aqui as duas subfunções da ideacional: a *experiencial* e a *lógica*.

Em segundo lugar, a linguagem serve para o que Halliday (2002) denomina de *função interpessoal*. Para o estudioso, o falante/ escritor usa a linguagem como “forma de intrusão” no evento de fala: para expressar seus comentários, suas atitudes e suas avaliações diante do ouvinte/ leitor, bem como a relação que estabelece com o interlocutor – em particular, o papel comunicativo adotado (informar, saudar, persuadir, questionar, etc.). A função interpessoal abrange, assim, tanto a *função expressiva* da linguagem (quando o falante expressa sua atitude com relação ao conteúdo e/ou ao contexto do enunciado) quanto a *função conativa* da linguagem (quando o falante busca agir sobre o comportamento do ouvinte, tendo como expressão mais característica o imperativo ou os seus substitutos: formas polidas de pedir, sugerir, ordenar etc.).<sup>8</sup> Mais especificamente, a função interpessoal representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes através do sistema de *modo* (indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e *modalidade* (auxiliares modais, elementos modalizadores).

---

<sup>8</sup> Jakobson (2005 [1969]) foi responsável pela divisão clássica de seis funções da linguagem: além das citadas funções expressiva e conativa, há também as funções fática, poética, metalinguística e referencial.

Finalmente, em terceiro lugar, Halliday (2002:92) sustenta que é necessário pensar em uma função da linguagem capaz de “instrumentalizar” as duas anteriores, estando ligada mais propriamente à criação do texto. O estudioso chama essa função, pois, de *função textual*. É através dessa função que a linguagem estabelece as ligações entre ela própria e a situação, e que o discurso torna-se possível, uma vez que o falante/escritor pode produzir um texto e o ouvinte/leitor pode reconhecê-lo. Halliday (2002) deixa claro que texto é uma unidade semântica e operacional da linguagem – dessa maneira, a função textual não está limitada ao estabelecimento de relações entre sentenças; antes, refere-se ao fluxo de informação do texto, organizando a textualização através de um sistema temático.

Essas três metafunções – ideacional, interpessoal e textual – constituem, assim, dentro da perspectiva de Halliday (1994), os propósitos principais da linguagem. Vale ressaltar que essa abordagem hallidayana é também considerada *sistêmica*, tendo em vista tratar-se de uma teoria em que essas três metafunções reúnem tipos de significados vistos como *escolhas* sob a mesma ótica funcional, em que a língua (ou qualquer outro sistema semiótico) é interpretada como “ambientes de opções inter-relacionadas”: esta, aquela ou aquela outra. Para Halliday (1994:xxvii), “a abordagem sistêmica vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados.”

Iremos nos deter agora especificamente na categoria gramatical relacionada à metafunção ideacional, da qual lançaremos mão para a investigação das cartas do tarô didático: o *sistema de transitividade*.

### **3.2. O sistema de transitividade**

Iniciamos este tópico retomando a questão no início do capítulo acerca do modo como construímos nossas experiências. Halliday e Matthiessen (2004:170) argumentam que a nossa impressão mais forte sobre a *experiência* é que ela consiste em um fluxo de eventos ou acontecimentos. Segundo os autores, esse fluxo de eventos é dividido pela gramática sistêmico-funcional em “porções de mudança” que ocorrem ao longo da nossa existência. E mais, cada “porção de mudança” é moldada conforme uma certa *figura* (“*figure*”, cf. Halliday e Matthiessen, 2004:170) – pode ser uma figura do acontecer, do fazer, do sentir, do dizer, do ser ou do ter.



Halliday e Matthiessen (2004) alegam que todas essas figuras consistem, na verdade, em um *processo* que se desenrola ao longo do tempo e possui participantes que, de alguma forma, estão diretamente envolvidos com esse processo. Além disso, durante esse fenômeno, também podem ser observadas determinadas circunstâncias de tempo, espaço, causa, modo, etc. Tais circunstâncias, no entanto, ao contrário dos participantes, não se encontram diretamente envolvidas no processo – antes, apenas lhe acompanham.

Os estudiosos esclarecem ainda que todas essas figuras estão contempladas pela gramática sistêmico-funcional. Assim, os processos podem operar não apenas como um modo de ação ou para oferecermos e solicitarmos bens, serviços e informações, mas também como um modo de reflexão e de impormos nossa vontade nesse eterno fluxo de eventos. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o sistema gramatical através do qual isso se dá é o da *transitividade*. O sistema de transitividade, explicam os autores, é o responsável por construir o mundo da experiência a partir de “um conjunto manejável de TIPOS DE PROCESSO” (Halliday e Matthiessen, 2004:170). E cada um desses tipos de processo possui seu próprio modelo ou esquema para a construção de um domínio particular da experiência.

### **3.3. Tipos de processo**

Como então se dividem esses tipos de processo construídos pelo sistema de transitividade por meio dos quais representamos nossas experiências internas e externas? Halliday e Matthiessen (2004) defendem que, ainda crianças, percebemos claramente uma diferença básica entre essas duas formas de experiência, isto é, entre o que experienciamos como algo acontecendo ‘lá fora’, no mundo à nossa volta, e o que experienciamos como algo dentro de nós, no mundo da nossa consciência (incluindo nossa percepção, emoção e imaginação).

A forma prototípica da experiência externa ocorre com as ações e eventos: coisas acontecem, pessoas (ou outros atores) fazem coisas ou fazem com que essas coisas aconteçam. Já as experiências internas são mais difíceis de especificar, mas parte delas é uma espécie de uma reação interior ao mundo externo: como refletimos sobre ele, como relembramos dele, etc.; já outra parte dessas experiências internas é constituída por uma espécie de consciência acerca dos estados do nosso ser.

De acordo com a proposta de Halliday e Matthiessen (2004), esses dois grandes processos são denominados de *material* e *mental*.

Os processos materiais referem-se ao *fazer* e ao *acontecer*. Orações que apresentam processos materiais textualizam mudanças no fluxo dos eventos. Nesses tipos de processos, há sempre um participante – o *Ator* – que se engaja numa ação, a qual pode ser ou não direcionada para outra entidade, a *Meta*. Para Halliday e Matthiessen (2004), o direcionamento da ação (ou a sua ausência) distingue dois tipos específicos de processos materiais: os *operativos* (relacionados à voz ativa) e os *receptivos* (referentes à voz passiva).

Tanto os processos materiais operativos quanto os receptivos apresentam uma configuração do tipo *Ator + Processo + Meta*. A diferença entre eles reside no modo como esses papéis encontram-se dispostos dentro da oração, sob o prisma da função interpessoal. Em outras palavras, na variante operativa (voz ativa), o Ator está localizado como Sujeito e a Meta, como Complemento; já na variante receptiva (voz passiva), essas posições se invertem, invertendo-se também a atribuição de responsabilidade pelos papéis.<sup>9</sup>

Halliday e Matthiessen (2004) esclarecem ainda que os processos materiais são os que apresentam maior frequência e produtividade na língua inglesa. Os estudiosos elaboram uma extensa relação de exemplos, categorias, tipos, etc. desses processos, dos quais mencionamos, apenas a título de ilustração, os verbos elencados no Quadro 3.1.

**Quadro 3.1. Exemplos de verbos que podem operar como processos materiais**

(cf. Halliday e Matthiessen, 2004:187-189)

abrir, abrir, acontecer, adquirir, alargar, alcançar, alimentar, amadurecer, amarelar, andar, aparecer, aplinar, aprimorar, aproximar, aquecer, arquear, arranhar, assentar, assoprar, atirar, bater, bater, besuntar, bramir, brilhar, cavar, cercar, chegar, chutar, cintilar, clarear, colorir, comandar, compor, comprar, comprimir, congelar, consertar, construir, contorcer, corar, correr, cortar, cortar, costurar, cozinhar, crescer, criar, cruzar, cuidar, cultivar, curar, curvar, dar, deformar, deixar, derreter, desbotar, descascar, descomprimir, desdobrar, desenhar, desenrolar, desenvolver, desmoronar, despedaçar, despir(-se), dirigir, dispersar, dissolver, distorcer, dobrar, embranquecer, emergir, empalidecer, emprestar, encolher, encontrar, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engordurar, enrolar, enrubescer, entrar, entregar, envelhecer, esboçar, escrever, escurecer, esfregar, esfregar, esmurrar, espalhar,

<sup>9</sup> Uma vez que este capítulo enfoca questões de transitividade e, portanto, da metafunção ideacional, foga ao nosso escopo aprofundar questões ligadas aos processos materiais operativos dos receptivos.

**Quadro 3.1. Exemplos de verbos que podem operar como processos materiais**

(cf. Halliday e Matthiessen, 2004:187-189)

esquentar, estabelecer, estender, esticar, esvaziar, expandir, explodir, fatiar, fazer, fechar, ferver, forjar, formar, fritar, fundar, galopar, girar, governar, inclinar, ir, juntar(-se), levar, limpar, liquefazer, luzir, mandar, marchar, modernizar, montar, negar, ocorrer, oferecer, operar, organizar, partir, passar, pegar, pelar, perfurar, picar, pintar, polir, preceder, preparar, presentear, produzir, projetar, prover, pular, pulverizar, quebrar, queimar, rascunhar, rasgar, reduzir, reforçar, remendar, resfriar, resplandecer, ressoar, retornar, retumbar, ribombar, rolar, roubar, rugir, ruir, sair, seguir, selar, separar, servir, soar, suprir, tecer, ter, torcer, trabalhar, trazer, tremer, tricotar, tropejar, vaporizar, velejar, vestir, vir, voar, etc.

Enquanto os processos materiais dizem respeito às nossas experiências no mundo concreto, os processos mentais têm a ver com nossas experiências no mundo da nossa própria consciência. São as orações do *sentir* e exprimem a percepção – elaborada internamente – que temos dos eventos. Nesse tipo de oração, o evento externo é filtrado pela nossa consciência. Orações mentais textualizam processos *afetivos* (através de verbos como gostar, amar, antipatizar, odiar, etc.), *cognitivos* (com verbos como lembrar, pensar, preocupar, raciocinar, etc.) e *perceptivos* (por meio de verbos como ver, ouvir, perceber, etc.)

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os processos mentais sempre apresentam um participante que é humano ou, no mínimo, possui traços humanizadores. Esse participante “é aquele que ‘aprecia’ – sente, pensa, deseja ou percebe” (Halliday e Matthiessen, 2004:201). A expressão das experiências interiores é feita pelo *Experienciador*, ao passo que o evento experimentado é denominado *Fenômeno*. De modo semelhante aos processos materiais, os autores propõem uma longa lista de exemplos, categorias, tipos, etc. dos processos mentais, dos quais citamos, somente para ilustrarmos esse fenômeno, os verbos relacionados no Quadro 3.2.

**Quadro 3.2. Exemplos de verbos que podem operar como processos mentais**

(cf. Halliday e Matthiessen, 2004:210)

acreditar, adivinhar, adorar, alarmar(-se), alegrar(-se), almejar, amar, apreciar, arrepender(-se), assegurar, assustar(-se), atrair, calcular, ceder, cheirar, chocar, concordar, confortar, confundir, conjecturar, consentir, considerar, constatar, convencer, decidir, deplorar, deprimir(-se), descobrir, desejar, desprezar, determinar, detestar, divertir(-se), duvidar, encantar(-se), encorajar, entender, entediado(-se), entreter, entristecer(-se), escutar, esperar, esquecer, exultar, fingir, gostar, gratificar(-se),

**Quadro 3.2. Exemplos de verbos que podem operar como processos mentais**

(cf. Halliday e Matthiessen, 2004:210)

imaginar, intencionar, interessar(-se), intrigar(-se), lamentar, lembrar, maravilhar(-se), notar, odiar, ofender, ouvir, pensar, perceber, planejar, pressupor, querer, recordar, recusar, regozijar, relembrar, repelir, resolver, revoltar(-se), saber, saborear, sentir, sofrer, sonhar, supor, surpreender(-se), temer, ver, vislumbrar, etc.

Uma das diferenças entre os processos materiais e os mentais é que os primeiros são dinâmicos, em contraste com o estatismo dos segundos. Os processos materiais envolvem o emprego de força, esforço ou energia na realização da ação, enquanto os mentais dispensam tal empreendimento, uma vez que o processo é interno e acontece no nível da consciência.

Por outro lado, se voltarmos a atenção para os participantes e não para os verbos, a diferença entre esses dois tipos de processo reside no fato de que, nos processos mentais, o Experienciador é necessariamente dotado de consciência, traço não obrigatório no Ator. Isso ocorre porque, para se caracterizar como Experienciador, o participante expressa seus desejos e percepções, o que acontece através dos valores e das crenças estabelecidos na sua consciência.

Além dos aspectos exteriores (processos materiais) e dos aspectos interiores (processos mentais) da nossa experiência, Halliday e Matthiessen (2004) descrevem um terceiro tipo de processo - aquele através do qual relacionamos um fragmento de experiência a outro. Os *processos relacionais* “servem para caracterizar e classificar” e o seu principal traço é que apresentam dois participantes de destaque, diferentemente dos materiais e mentais (Halliday e Matthiessen, 2004:210).

Como visto anteriormente, apesar de poderem ser expressos pela configuração do tipo *Ator + Processo + Meta*, os processos materiais possuem apenas um “participante inerente”: o Ator. É dele que a ação parte e sem ele o processo não existiria. Os processos mentais, por sua vez, dependem da figura do Experienciador, cuja consciência determina o Fenômeno.

Os processos relacionais, em contrapartida, não encerram apenas um participante inerente, mas dois: *Portador* e *Atributo*, nos processos relacionais atributivos; e *Característica* e *Valor*, nos processos relacionais identificadores. Esses participantes – e não os verbos – materializam a experiência. Por conta disso, em estruturas relacionais,

“o processo [*verbo*] é meramente um elo bastante generalizado entre esses dois participantes” (Halliday e Matthiessen, 2004:213-214). Da mesma forma que os processos anteriores, os processos relacionais também foram bem exemplificados pelos estudiosos. Mencionamos no Quadro 3.3 apenas algumas possibilidades de ocorrência desses verbos a título de ilustração.

**Quadro 3.3. Exemplos de verbos que podem operar como processos relacionais**

(cf. Halliday e Matthiessen, 2004:238)

abranjer, agir (como), aparentar, constituir, desempenhar (um papel), exemplificar, expressar, ficar, formar, funcionar (como), igualar(-se), ilustrar, implicar, incluir, indicar, marcar, mostrar, parecer, permanecer, refletir, representar, ser, servir (como), significar, sinalizar, sugerir, tornar(-se), transformar(-se), etc.

A despeito das expressivas diferenças entre os três principais processos descritos por Halliday e Matthiessen (2004), podem ser apontadas semelhanças entre eles. Os processos relacionais se assemelham aos materiais no que diz respeito aos participantes. Nesses dois tipos de processo, aquele que se engaja numa ação (processos materiais) e aqueles que se articulam numa “relação de ser” (processos relacionais) não precisam ser dotados de consciência. Esse traço aproxima os processos relacionais dos materiais e os distancia dos mentais, nos quais a presença da consciência é indispensável tanto para a caracterização do Experienciador quanto para a determinação do Fenômeno.

As orações relacionais se assemelham às mentais pelo seu caráter estático. Processos materiais implicam mudança física, ao contrário dos mentais e relacionais, que – respectivamente – materializam a apreciação de um fenômeno e caracterizam ou identificam um ser, um lugar, um fato, um ato, etc.

Esses três processos, na concepção de Halliday e Matthiessen (2004) são os principais no sistema de transitividade. Em suas fronteiras, no entanto, configuram-se outras formas de textualizar experiências, evidenciando aspectos comportamentais, verbais, existenciais desse fenômeno.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Uma vez que esses “processos fronteirios” (comportamental, verbal, existencial), em comparação com os processos principais (material, mental, relacional), possuem menor destaque na teoria de Halliday e Matthiessen (2004) e tendo em vista que não foram encontradas ocorrências desses processos no *corpus* analisado a seguir, não nos deteremos na explicação mais detalhada desses fenômenos (ver item 3.4.4).

No limiar entre os processos materiais e os mentais encontram-se os *processos comportamentais*. Segundo Halliday e Matthiessen (2004:171), esses processos “representam as manifestações exteriores de operações interiores, a expressão de processos de consciência [...] e estados fisiológicos”. O principal participante nessas operações é conhecido como *Comportante*; já o participante *Behaviour* é facultativo. Entre exemplos de verbos que podem servir como processos comportamentais, os autores incluem os seguintes: acenar (com a cabeça), arrotar, assistir, assobiar, bocejar, choramingar, chorar, dançar, defecar, deitar, desmaiar, discutir, dormir, encarar, espirrar, falar, fofocar, franzir (a testa), gritar, levantar(-se), murmurar, olhar, pensar, preocupar(-se), respirar, rir, sentar, soluçar, sonhar, sorrir, suspirar, tagarelar, tossir, etc. (cf. Halliday e Matthiessen, 2004:251).

Já na linha limítrofe entre os processos mentais e os relacionais, localizam-se os *processos verbais*. Nesta categoria, situam-se as relações simbólicas construídas na consciência humana e manifestadas sob a forma de linguagem. Em outras palavras, referem-se aos verbos que expressam o ‘dizer’: são os processos do comunicar, do apontar. Os participantes aqui são o *Dizente*, o *Receptor* e a *Verbiagem* (este último é facultativo). Entre os exemplos mencionados por Halliday e Matthiessen (2004:255), estão os seguintes verbos: anunciar, argumentar, contar, criticar, dizer, elogiar, explicar, falar, implorar, insultar, jurar, pedir, perguntar, prometer, questionar, etc.

Por fim, na fronteira entre os processos relacionais e os materiais, situam-se os *processos existenciais*. Halliday e Matthiessen (2004:171) explicam que os processos existenciais representam algo que existe ou acontece, e se constroem com apenas um participante: o *Existente*. Os verbos típicos que representam esses processos são haver, existir e acontecer.

Todos esses processos encontram-se sintetizados na Figura 3.2. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004:172), não importa onde iremos iniciar a leitura dessa figura para compreender o sistema como um todo. Os autores alegam que começaram sua explicação a partir dos processos materiais uma vez que estes são mais acessíveis à nossa reflexão e também porque, ao longo da história, os linguistas têm dedicado maior atenção a esse fenômeno. Não há na Figura 3.2, no entanto, nenhuma espécie de hierarquia ou prioridade de um processo sobre o outro. Dessa maneira, esse modelo da experiência a partir do sistema gramatical de transitividade, explicam os autores, deve ser visto como um contínuo circular.

Figura 3.2. A gramática da experiência: tipos de processo



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004:172)

Vistas, portanto, as principais características dos tipos de processo segundo os preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, iremos analisar agora a transitividade verbal nos textos escritos nos oito primeiros arcanos maiores do Tarô Rápido & Fácil com base nesses princípios hallidayanos.

### 3.4. A transitividade no tarô

Como já mencionado anteriormente, para realizarmos a análise da transitividade no tarô, o critério de seleção – discriminado na Introdução – nos orientou na escolha das oito primeiras cartas dos arcanos maiores do Tarô Rápido & Fácil (*Quick and Easy Tarot*, 1999), pelo fato de os significados oraculares neste baralho estarem verbalizados nas próprias lâminas. As cartas que compõem nosso *corpus* encontram-se reproduzidas em maior resolução nas próximas páginas (Figuras 3.3 a 3.10). Em seguida, organizamos um demonstrativo (Quadro 3.4), em que consta a tradução dos componentes verbais de cada carta, tanto em posição regular quanto em posição invertida.<sup>11</sup> Para melhor visualização das ocorrências e análise dos resultados, subdividimos os textos dos tarôs no Quadro 3.1 de acordo com suas orações, que receberam numeração de 1 a 118.

<sup>11</sup> Como citado na Introdução, a tradução dos textos presentes nas cartas é de nossa responsabilidade.

Figura 3.3: O Louco, no Tarô Rápido & Fácil

## O THE FOOL

You are unpredictable, open, spontaneous, adventurous, a free spirit, and a dreamer. You are free of responsibility by choice and do not like restrictions. You have the soul of an entrepreneur. Signifies the start of a new phase in life. Trust in your own ideas and plans no matter what others may say.



You're childlike in some ways—you still have much to learn. Worry and fear blocks positive action. Don't submit to other's rules and demands of conformity. You do not recognize the danger you are in. You are close to ruin with crazy decisions, reckless actions and foolish choices. Your ideas are not sound and may lead to catastrophe.



Figura 3.4: O Mágico, no Tarô Rápido & Fácil

## I THE MAGICIAN

You are well-suited for business, science and high-tech fields. You are a risk-taker and an overachiever, highly organized with tremendous powers of concentration. You are flexible and creative. Determination and the strength of your personality will overcome problems. Take charge and take action. The card of personal power.

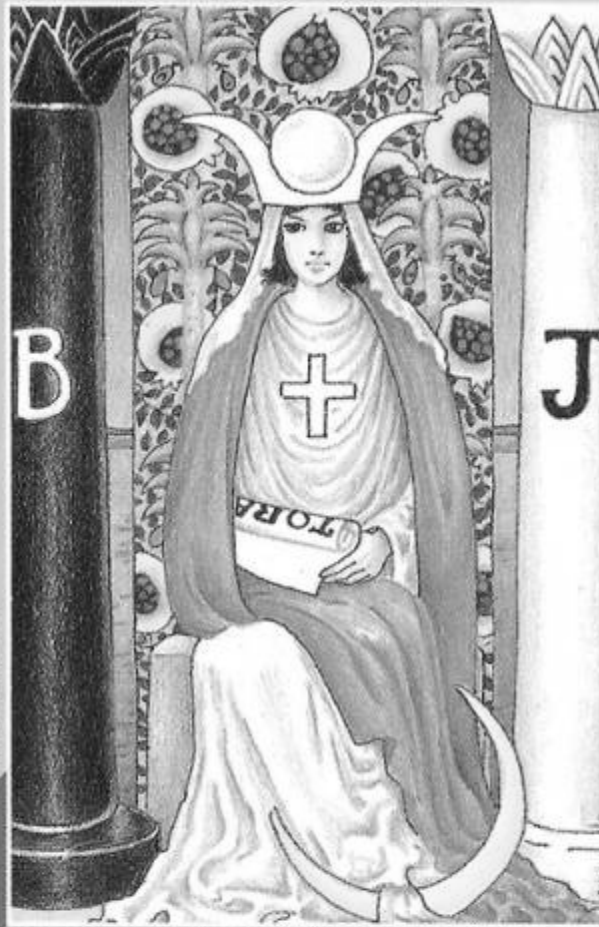


You may be selfish and manipulative in a relentless pursuit of money. You attempt to control or deceive others. You don't recognize good opportunities when you see them. Lack of clear thinking. You refuse to accept the reality of the situation. No control over bad luck, but it will eventually go away. Indecision, anxiety and distraction plague you.

Figura 3.5: A Papisa, no Tarô Rápido & Fácil

## II ~ THE HIGH PRIESTESS

Inner peace and strength. You will be preoccupied. A passive reaction is best. Let others overreact while you remain calm and sure of the outcome. The answers to all your questions are already inside you—tap into your gut feelings. A mysterious and desirable (yet unattainable) woman may enter your life.



Emotional instability, clouded thinking, and recklessness. Overly emotional attitude and impulsive actions will have negative consequences. Conceited, shallow personality. Indicates sexual enjoyment without commitment or feeling. Beware of a deceitful, unfaithful woman who appeals to a man's animal instincts. She leads men to destruction.

©1998 USGAMES

Figura 3.6: A Imperatriz, no Tarô Rápido & Fácil

### III ~ THE EMPRESS

Creativity, personal growth and self-development. Success brings freedom, material comfort, security and protection. Wealth may separate you from your roots and sense of self. You spend too much time indoors—get out more! Sexual pleasure. Fertility. Excellent physical condition and health. Loving relationship between mother and child.



Inferility, sterility, fear, and anxiety. Trouble at home. Personal and relationship problems due to extravagance and overspending. Life is out of balance and focused only on material belongings. Possible psychological problems, no personal growth. War, hunger, sickness. Loss of possessions.

Figura 3.7: O Imperador, no Tarô Rápido & Fácil

## IV THE EMPEROR

Loving relationship between father and child. You are the master of your own emotions. Leadership ability. The card of authority, willpower, and self-control. Projects or ideas will fall into place. Dreams will be realized. Assume control of the situation. You will be in a position of responsibility. Protect and defend those in a weaker position.



©1999JSGAMES

Lack of maturity and self-control. A pushy, domineering bully. A self-centered person. Danger of serious injury in competition or battle. Loss of prestige. Shame. Loss of job. Loss of control. Abuse of power. Domination.

Figura 3.8: O Papa, no Tarô Rápido & Fácil

## V THE HIEROPHANT

Well-suited for a career in education, medicine or religion. Increased knowledge, education, and skills. Spiritual growth. Teamwork necessary for job contentment. Bend to authority and do what is expected of you. Watch out for ethical conflicts. Choose the moral path. Your need for social approval affects your decisions.



Be open to unconventional ideas. The truth is not as it seems. However, do not be paranoid or imagine problems. Cheating and deception cause divorce or the end of a relationship. Friends betray you with slander and gossip. Bad advice serves someone else's needs. Possible loss of faith in medical, professional, religious, or educational institution.

Figura 3.9: Os Amantes, no Tarô Rápido & Fácil

## VI ~ THE LOVERS

Physical beauty. A beautiful soul. Beginning of a romance. Temptation, attraction, sexuality, lust and love. In order for a relationship to work, you must leave your parents. Represents a period of good times, close friendships and adventures. An important decision must be made.



Inability to make a decision. A bad choice is made. Friends move on and abandon you. Fighting and communication breakdown lead to infidelity and separation. Possible divorce. A moral lapse involving temptation, indiscretion and infidelity. Interference of in-laws. The need to heal a relationship.

Figura 3.10: O Carro, no Tarô Rápido & Fácil




## VII THE CHARIOT

The card of success, confidence, and determination. Victory over illness, enemies and financial problems. Goals achieved through self-control, willpower and discipline. Focus on the battle at hand. Take satisfaction in your accomplishments, but guard against arrogance. Your reputation will be established. Respect is earned.








Success through underhanded means. Ruthless in dealing with others. Exploits others for own advancement. Wins by intimidation. Obsessed with money and power. No concern for others' feelings and needs. A decadent attitude. Misfortune. Defeat. Restlessness. A strong desire to change one's life.

**Quadro 3.4. Corpus de análise: oito primeiras cartas do Tarô Rápido & Fácil**

CARTA	POSIÇÃO REGULAR	POSIÇÃO INVERTIDA
<p><b>0</b> <b>O Louco</b></p> 	<p>(1) Você é imprevisível, aberto, espontâneo, aventureiro, um espírito livre e um sonhador.</p> <p>(2) Você está livre de responsabilidade por escolha e não gosta de restrições.</p> <p>(3) Você tem a alma de um empreendedor.</p> <p>(4) Significa o início de uma nova fase na vida.</p> <p>(5) Confie nas suas próprias ideias e planos, a despeito do que os outros possam dizer.</p>	<p>(6) Você em alguns aspectos é infantil – você ainda tem muito para aprender.</p> <p>(7) Preocupação e medo bloqueiam ações positivas.</p> <p>(8) Não se submeta às regras dos outros e a exigências de conformidade.</p> <p>(9) Você não reconhece o perigo em que se encontra.</p> <p>(10) Você está perto da ruína com decisões insensatas, ações descuidadas e tolas escolhas.</p> <p>(11) Suas ideias não são sensatas e podem levar à catástrofe.</p>
<p><b>I</b> <b>O Mago</b></p> 	<p>(12) Você é bom para o campo de negócios, ciências e alta tecnologia.</p> <p>(13) Você é corajoso e conquistador.</p> <p>(14) Altamente organizado com tremendo poder de concentração.</p> <p>(15) Você é flexível e criativo.</p> <p>(16) Determinação e a força de sua personalidade superarão problemas.</p> <p>(17) Assuma o controle e aja.</p> <p>(18) A carta do poder pessoal.</p>	<p>(19) Você pode ser egoísta e manipulador numa busca desenfreada por dinheiro.</p> <p>(20) Você tenta controlar ou enganar os outros.</p> <p>(21) Você não reconhece boas oportunidades quando você as vê.</p> <p>(22) Falta de pensamento claro.</p> <p>(23) Você se recusa a aceitar a realidade da situação.</p> <p>(24) Sem controle sobre o azar, mas ele eventualmente desaparecerá.</p> <p>(25) Indecisão, ansiedade e distração contaminam você.</p>
<p><b>II</b> <b>A Papisa</b></p> 	<p>(26) Paz e força interiores.</p> <p>(27) Você ficará preocupada.</p> <p>(28) Uma reação passiva é melhor.</p> <p>(29) Deixe que os outros se alterem enquanto você permanece calmo e certo dos resultados.</p> <p>(30) As respostas a todas as suas questões já estão dentro de você – toque em seus sentimentos interiores.</p> <p>(31) Uma mulher misteriosa e desejável (mas inatingível) pode entrar na sua vida.</p>	<p>(32) Instabilidade emocional, pensamentos obscuros e descuido.</p> <p>(33) Atitude excessivamente emocional e ações impulsivas terão consequências negativas.</p> <p>(34) Personalidade vazia e presunçosa.</p> <p>(35) Indica prazer sexual sem compromisso ou sentimento.</p> <p>(36) Seja cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que apela para os instintos animais de um homem.</p> <p>(37) Ela conduz os homens à destruição.</p>



CARTA	POSIÇÃO REGULAR	POSIÇÃO INVERTIDA
<p style="text-align: center;"><b>III</b> <b>A</b> <b>Imperatriz</b></p> 	<p>(38) Criatividade, crescimento pessoal, e autodesenvolvimento.</p> <p>(39) Sucesso traz liberdade, conforto material, segurança e proteção.</p> <p>(40) Prosperidade pode separar você das suas raízes e da consciência de si.</p> <p>(41) Você passa muito tempo dentro de casa – saia mais!</p> <p>(42) Prazer sexual.</p> <p>(43) Fertilidade.</p> <p>(44) Condição física e saúde excelentes.</p> <p>(45) Relacionamento amoroso entre mãe e filho.</p>	<p>(46) Infertilidade, esterilidade, medo, e ansiedade.</p> <p>(47) Problemas em casa.</p> <p>(48) Problemas pessoais e de relacionamento devido à extravagância e gasto excessivo.</p> <p>(49) A vida está desequilibrada e voltada apenas para pertences materiais.</p> <p>(50) Possíveis problemas psicológicos, nenhum crescimento pessoal.</p> <p>(51) Guerra, fome, doença.</p> <p>(52) Perda de posses.</p>
<p style="text-align: center;"><b>IV</b> <b>O</b> <b>Imperador</b></p> 	<p>(53) Relacionamento amoroso entre pai e filho.</p> <p>(54) Você é o mestre de suas próprias emoções.</p> <p>(55) Habilidade de liderança.</p> <p>(56) A carta da autoridade, força de vontade e autocontrole.</p> <p>(57) Projetos e ideias se resolverão.</p> <p>(58) Sonhos serão realizados.</p> <p>(59) Assuma o controle da situação.</p> <p>(60) Você estará em posição de responsabilidade.</p> <p>(61) Proteja e defenda aqueles numa posição mais fraca.</p>	<p>(62) Falta de maturidade e autocontrole.</p> <p>(63) Um brigão agressivo e dominador.</p> <p>(64) Uma pessoa autocentrada.</p> <p>(65) Perigo de ferimentos sérios em competições ou batalhas.</p> <p>(66) Perda de prestígio.</p> <p>(67) Vergonha.</p> <p>(68) Perda de emprego.</p> <p>(69) Abuso de poder.</p> <p>(70) Dominação.</p>
<p style="text-align: center;"><b>V</b> <b>O Papa</b></p> 	<p>(71) Bom para uma carreira em educação, medicina ou religião.</p> <p>(72) Conhecimento, educação e habilidades ampliadas.</p> <p>(73) Crescimento espiritual.</p> <p>(74) Trabalho em grupo necessário para contentamento no trabalho.</p> <p>(75) Obedeça à autoridade e faça o que é esperado de você.</p> <p>(76) Fique atento a conflitos éticos.</p> <p>(77) Escolha o caminho moral.</p> <p>(78) Sua necessidade de aprovação social afeta suas decisões.</p>	<p>(79) Esteja aberto a ideias não-convencionais.</p> <p>(80) A verdade não é como parece.</p> <p>(81) De qualquer forma, não seja paranoico ou imagine problemas.</p> <p>(82) Traição e decepção causam divórcio ou o fim de um relacionamento.</p> <p>(83) Amigos traem você com calúnia e fofoca.</p> <p>(84) Mau conselho serve às necessidades de outra pessoa.</p> <p>(85) Possível perda de fé na instituição médica, profissional, religiosa ou educacional.</p>

<b>CARTA</b>	<b>POSIÇÃO REGULAR</b>	<b>POSIÇÃO INVERTIDA</b>
<p><b>VI</b> <b>Os Amantes</b></p> 	<p>(86) Beleza física. (87) Uma alma bonita. (88) Começo de romance. (89) Tentação, atração, sexualidade, luxúria e amor. (90) Para um relacionamento funcionar, você deve deixar seus pais. (91) Representa um período de bons tempos, amizades próximas e aventuras. (92) Uma importante decisão deve ser tomada.</p>	<p>(93) Inabilidade para tomar uma decisão. (94) Uma má escolha está feita. (95) Os amigos seguem em frente e abandonam você. (96) Briga e colapso na comunicação levam à infidelidade e separação. (97) Possível divórcio. (98) Um lapso moral com envolvimento de tentação, indiscrição e infidelidade. (99) Interferência de parentes. (100) A necessidade de curar um relacionamento.</p>
<p><b>VII</b> <b>O Carro</b></p> 	<p>(101) A carta do sucesso, confiança e determinação. (102) Vitória sobre doença, inimigos e problemas financeiros. (103) Objetivos atingidos por meio do autocontrole, força de vontade e disciplina. (104) Concentre-se na batalha à sua frente. (105) Satisfaça-se com as suas conquistas, mas se proteja contra arrogância. (106) Sua reputação será estabilizada. (107) O respeito é conquistado.</p>	<p>(108) Sucesso através de meios desonestos. (109) Insensível no trato com os outros. (110) Explora os outros para benefício próprio. (111) Vence por intimidação. (112) Obcecado por dinheiro e poder. (113) Sem preocupação com sentimentos e necessidades dos outros. (114) Uma atitude decadente. (115) Azar. (116) Derrota. (117) Desassossego. (118) Um forte desejo de mudar a vida de alguém.</p>

A partir do exame da transitividade nas orações acima, encontramos ocorrências de processos materiais, mentais e relacionais nas cartas do tarô, tal como a seguir especificado.

### 3.4.1. Orações com processos materiais

Como discutimos anteriormente, os processos materiais são aqueles através dos quais uma entidade faz algo. São os processos do ‘fazer’ que constituem ações de

mudanças externas, físicas e perceptíveis. Em nosso *corpus*, encontramos as seguintes ocorrências elencadas no Quadro 3.5.

<b>Quadro 3.5. Ocorrências de processos materiais no Tarô Rápido &amp; Fácil</b>	
(7)	Preocupação e medo <b>bloqueiam</b> ações positivas.
(8)	Não se <b>submeta</b> às regras dos outros e a exigências de conformidade.
(11)	Suas ideias não são sensatas e podem <b>levar</b> à catástrofe.
(16)	Determinação e a força de sua personalidade <b>superarão</b> problemas.
(17)	<b>Assuma</b> o controle e <b>aja</b> .
(20)	Você tenta <b>controlar</b> ou <b>enganar</b> os outros.
(24)	Sem controle sobre o azar, mas ele eventualmente <b>desaparecerá</b> .
(25)	Indecisão, ansiedade e distração <b>contaminam</b> você.
(30)	As respostas a todas as suas questões já estão dentro de você – <b>toque</b> em seus sentimentos interiores.
(31)	Uma mulher misteriosa e desejável (mas inatingível) pode <b>entrar</b> na sua vida.
(33)	Atitude excessivamente emocional e ações impulsivas <b>terão</b> consequências negativas.
(36)	Seja cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que <b>apela</b> para os instintos animais de um homem.
(37)	Ela <b>conduz</b> os homens à destruição.
(39)	Sucesso <b>traz</b> liberdade, conforto material, segurança e proteção.
(40)	Prosperidade pode <b>separar</b> você das suas raízes e da consciência de si.
(41)	Você <b>passa</b> muito tempo dentro de casa – <b>saia</b> mais!
(57)	Projetos e ideias se <b>resolverão</b> .
(59)	<b>Assuma</b> o controle da situação.
(61)	<b>Proteja</b> e <b>defenda</b> aqueles numa posição mais fraca.
(75)	<b>Obedeça</b> à autoridade e <b>faça</b> o que é esperado de você.
(77)	<b>Escolha</b> o caminho moral.
(78)	Sua necessidade de aprovação social <b>afeta</b> suas decisões.
(82)	Traição e decepção <b>causam</b> divórcio ou o fim de um relacionamento.
(83)	Amigos <b>traem</b> você com calúnia e fofoca.
(84)	Mau conselho <b>serve</b> às necessidades de outra pessoa.
(90)	Para um relacionamento <b>funcionar</b> , você deve <b>deixar</b> seus pais.
(95)	Os amigos <b>seguem</b> em frente e <b>abandonam</b> você.
(96)	Briga e colapso na comunicação <b>levam</b> à infidelidade e separação.
(100)	A necessidade de <b>curar</b> um relacionamento.
(105)	Satisfaça-se com as suas conquistas, mas se <b>proteja</b> contra arrogância.
(110)	<b>Explora</b> os outros para benefício próprio.
(111)	<b>Vence</b> por intimidação.
(118)	Um forte desejo de <b>mudar</b> a vida de alguém.

Nos processos materiais observados nas orações (7), (8), (11), (16), (17), (24), (25), (30), (31), (33), (36), (39), (40), (57), (59), (75), (77), (78), (82), (83), (84), (96),

(100), (105) e (118), os participantes integram diversos eixos temáticos lexicalizados por *sintagmas nominais* relacionados a quatro macrotemas a seguir especificados:

i) aos *sentimentos e atitudes*:

- (7) **Preocupação e medo** bloqueiam ações positivas.
- (25) **Indecisão, ansiedade e distração** contaminam você.
- (30) As respostas a todas as suas questões já estão dentro de você – toque em **seus sentimentos interiores**.
- (33) **Atitude excessivamente emocional e ações impulsivas** terão consequências negativas.
- (36) Seja cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que apela para **os instintos animais de um homem**.
- (39) Sucesso traz liberdade, conforto material, **segurança e proteção**.
- (78) **Sua necessidade de aprovação social** afeta suas decisões.
- (100) **A necessidade** de curar um relacionamento.
- (105) Satisfaça-se com as suas conquistas, mas se proteja contra **arrogância**.
- (118) **Um forte desejo** de mudar a vida de alguém.

ii) ao *perfil psicológico-ideológico*:

- (11) **Suas ideias** não são sensatas e podem levar à catástrofe.
- (16) **Determinação e a força de sua personalidade** superarão problemas.
- (57) **Projetos e ideias** se resolverão.

iii) ao *modo de agir*:

- (7) Preocupação e medo bloqueiam **ações positivas**.
- (17) Assuma **o controle** e aja.
- (77) Escolha **o caminho moral**.
- (78) Sua necessidade de aprovação social afeta **suas decisões**.

iv) a *situações a serem enfrentadas ou vivenciadas*:

- (8) Não se submeta às **regras dos outros** e a **exigências de conformidade**.
- (11) Suas ideias não são sensatas e podem levar à **catástrofe**.
- (16) Determinação e a força de sua personalidade superarão **problemas**.
- (24) Sem controle sobre **o azar**, mas ele eventualmente desaparecerá.
- (31) **Uma mulher misteriosa e desejável (mas inatingível)** pode entrar na sua vida.
- (36) Seja cuidadoso com **uma mulher enganosa e infiel** que apela para os instintos animais de um homem.
- (39) **Sucesso** traz **liberdade, conforto material**, segurança e proteção.
- (40) **Prosperidade** pode separar você das suas raízes e da consciência de si.
- (59) Assuma **o controle da situação**.
- (75) Obedeça à **autoridade** e faça o que é esperado de você.
- (82) **Traição e decepção** causam **divórcio** ou **o fim de um relacionamento**.
- (83) Amigos traem você com **calúnia e fofoca**.
- (84) **Mau conselho** serve às necessidades de outra pessoa.
- (96) **Briga e colapso na comunicação** levam à **infidelidade e separação**.
- (105) Satisfaça-se com as **suas conquistas**, mas se proteja contra arrogância.
- (118) Um forte desejo de mudar **a vida de alguém**.

Nas ocorrências (7), (11), (25), (33), (36) / (37), (78), (82), (84), (96) e (105), os processos materiais encontrados destacam as consequências de emoções negativas com o propósito de fazer com que o consulente mude suas atitudes:

- (7) Preocupação e medo **bloqueiam ações positivas**.
- (11) Suas ideias não são sensatas e **podem levar à catástrofe**.
- (25) Indecisão, ansiedade e distração **contaminam você**.
- (33) Atitude excessivamente emocional e ações impulsivas **terão consequências negativas**.
- (36) Seja cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que apela para os instintos animais de um homem.
- (37) Ela **conduz os homens à destruição**.
- (78) Sua necessidade de aprovação social **afeta suas decisões**.
- (82) Traição e decepção **causam divórcio ou o fim de um relacionamento**.
- (84) Mau conselho **serve às necessidades de outra pessoa**.
- (96) Briga e colapso na comunicação **levam à infidelidade e separação**.
- (105) Satisfaça-se com as suas conquistas, mas **se proteja contra arrogância**.

Assim, essa mudança exigida do consulente resultaria: na concretização de ações positivas desbloqueadas pela eliminação da preocupação e do medo (7); no evitamento da catástrofe por meio da adoção de ideias sensatas (11); na libertação dos sentimentos de indecisão, ansiedade e distração (25); no afastamento de consequências negativas pela rejeição de atitude excessivamente emocional e de ações impulsivas (33); no impedimento da destruição ao ser cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel (36) e (37); na eliminação do prejuízo das decisões por meio da superação da necessidade de aprovação social (78); na proteção contra o divórcio ou fim de um relacionamento provocados pela traição e decepção (82); no suprimento de suas próprias necessidades, recusando o mau conselho de outra pessoa (84); no repúdio à infidelidade e separação através da renúncia à briga e ao colapso na comunicação (96); na satisfação de suas conquistas, protegendo-se contra arrogância (105).

A síntese dessa transformação exigida do consulente pode ser constatada nos processos materiais das orações (8), (17), (30), (41), (59), (75) e (77):

- (8) Não se **submeta** às regras dos outros e a exigências de conformidade.
- (17) **Assuma** o controle e **aja**.
- (30) As respostas a todas as suas questões já estão dentro de você – **toque** em seus sentimentos interiores.
- (41) Você **passa** muito tempo dentro de casa – **saia** mais!
- (59) **Assuma** o controle da situação.
- (75) **Obedeça** à autoridade e **faça** o que é esperado de você.
- (77) **Escolha** o caminho moral.

Nesses casos, semelhantemente às ocorrências anteriores, o processo material também sugere que o consulente mude suas atitudes. O diferencial aqui é que essa mudança não é proposta ressaltando-se as consequências de emoções negativas. Em (8), o próprio verbo conjugado no modo imperativo negativo materializa o comportamento de não submissão a ser adotado (*não se submeta*).<sup>12</sup> Já em (17), (41), (59) e (77), há uma convocação explícita para dominar a situação (*assuma o controle [da situação]*), para agir (*aja; saia*) e para fazer escolhas corretas (*escolha o caminho moral*). Por sua vez, em (30), o modo imperativo é utilizado para apontar a solução de um problema: o verbo (*toque*), nessa oração, indica claramente onde o consulente vai encontrar uma saída para as adversidades, em seus *sentimentos interiores*. Fenômeno semelhante acontece com os verbos *obedecer* e *fazer*, na oração (75). Nesse período, os processos não mostram ‘onde’ se encontra a resolução para as dificuldades, mas para ‘como’ chegar até ela: por meio da obediência à *autoridade* e da realização daquilo *que é esperado de você*.

As orações (16) e (24) apresentam processos materiais que apontam para o fim de situações desagradáveis:

- (16) Determinação e a força de sua personalidade **superarão** problemas.
- (24) Sem controle sobre o azar, mas ele eventualmente **desaparecerá**.

No primeiro caso, os problemas serão transpostos a partir das qualidades positivas do consulente, como determinação e força de personalidade. Já no segundo caso, a mudança da situação negativa (ausência de controle sobre o azar) independe da ação do consulente e de suas características positivas – o azar irá desaparecer por si só. A própria estrutura sintática das orações (16) e (24) materializa essa relação semântica entre processos e participantes. Em (16), fica claro que, pelo fato de a oração ser transitiva, um Ator (*Determinação e a força de sua personalidade*) age (*superar*) em direção a uma Meta (*problemas*). Por sua vez, em (24), a oração intransitiva codifica uma experiência do “tipo alguém faz algo” (cf. Cunha e Souza, 2007:57), evidenciada pela existência de um único participante (*ele, isto é, o azar*) realizando a ação (*desaparecer*).

A oração (39), por seu turno, apresenta construção semântica um pouco diferenciada dos processos de (16) e (24):

- (39) Sucesso **traz** liberdade, conforto material, segurança e proteção.

---

<sup>12</sup> A questão do modo imperativo será mencionada mais adiante.

Nessa ocorrência, não são designadas as atitudes que porão fim aos problemas, nem é determinado o fim de uma má fase. Em (39), o processo constata quais são os bons resultados que advêm do sucesso: *liberdade, conforto material, segurança e proteção*.

Uma oração se destaca por materializar uma relação semântica entre os participantes oposta às textualizadas nos processos materiais anteriores: a oração (40):

(40) Prosperidade pode **separar** você das suas raízes e da consciência de si.

Na ocorrência (40), o consulente não é advertido contra atitudes ruins que trazem más consequências nem lhe são sugeridas boas ações que ajudam a resolver dificuldades. Nesse caso, a situação indesejada pode ser resultado de um período de *prosperidade* na vida do consulente.

Um outro grupo formado pelas ocorrências (20), (61), (83), (90), (95), (110) e (111) distingue-se dos demais por *não* possuir participantes lexicalizados por sintagmas nominais que estejam relacionados aos eixos temáticos anteriormente mencionados:

- (20) Você tenta **controlar** ou **enganar** os outros.
- (61) **Proteja** e **defenda** aqueles numa posição mais fraca.
- (83) Amigos **traem** você com calúnia e fofoca.
- (90) Para um relacionamento **funcionar**, você deve **deixar** seus pais.
- (95) Os amigos **seguem** em frente e **abandonam** você.
- (110) **Explora** os outros para benefício próprio.
- (111) **Vence** por intimidação.

Aqui, os participantes correspondem ao próprio consulente (*você*) e às pessoas com quem ele se relaciona (*os outros, aqueles numa posição mais fraca, [os] amigos, seus pais*). Nessas orações, a carga semântica negativa ou positiva não se encontra no Ator nem na Meta, mas nos próprios verbos. Em relação ao sentido negativo, observam-se verbos que indicam subjugação e enganação (20), traição (83), abandono (95), exploração (110) e vitória por intimidação (111). Já quanto ao sentido positivo, os verbos implicam proteção e defesa (61) e independência dos pais (90).

### 3.4.2. Orações com processos mentais

Já mencionamos que os processos mentais são aqueles que lidam com a apreciação humana do mundo e, pela análise desse tipo de processo, é possível

identificar que crenças, valores e desejos estão presentes no texto. Em nosso *corpus*, observamos as ocorrências relacionadas abaixo no Quadro 3.6.

Quadro 3.6. Ocorrências de processos mentais no Tarô Rápido & Fácil	
(2)	Você está livre de responsabilidade por escolha e não <b>gosta</b> de restrições.
(5)	<b>Confie</b> nas suas próprias ideias e planos, a despeito do que os outros possam dizer.
(9)	Você não <b>reconhece</b> o perigo em que se encontra.
(21)	Você não <b>reconhece</b> boas oportunidades quando você as vê.
(23)	Você se recusa a <b>aceitar</b> a realidade da situação.
(29)	Deixe que os outros se <b>alterem</b> enquanto você permanece calmo e certo dos resultados.
(81)	De qualquer forma, não seja paranoico ou <b>imagine</b> problemas.
(93)	Inabilidade para <b>tomar</b> uma decisão.
(104)	<b>Concentre-se</b> na batalha à sua frente.
(105)	<b>Satisfaça-se</b> com as suas conquistas, mas se proteja contra arrogância.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), os processos mentais são normalmente usados para construir o mundo da consciência do falante, num plano individual. A forma convencional ou prototípica desses processos envolve um participante consciente (Experienciador) que expressa sua apreciação do mundo, como no caso das conversações espontâneas (*eu gosto..., eu odeio...*).

Já no caso dos arcanos analisados, o Experienciador não é nem o escritor (produtor do baralho) nem o leitor do texto (cartomante) – e sim, o consulente, geralmente lexicalizado pelo pronome *você*. Isso está relacionado ao contexto de situação que se configura durante a consulta tarológica. Nesses eventos, o cartomante se dirige diretamente ao consulente, o que é materializado linguisticamente através de pronomes como *você, tu, o senhor, a senhora*, etc.

Nas ocorrências (2), (9), (21), (23) e (93), os verbos relacionam ao Experienciador processos mentais de afeição (gostar) e de cognição (reconhecer, aceitar e decidir [*tomar uma decisão*]):

- (2) Você está livre de responsabilidade por escolha e não **gosta** de restrições.
- (9) Você não **reconhece** o perigo em que se encontra.
- (21) Você não **reconhece** boas oportunidades quando você as vê.
- (23) Você se recusa a **aceitar** a realidade da situação.
- (93) Inabilidade para **tomar** uma decisão.

Na oração (2), o verbo (*gosta*) contribui para a construção da visão de mundo do Experienciador. Aqui, o consulente é alguém que optou por ser irresponsável (*Você está*



*livre de responsabilidade por escolha*) – o que é reforçado pelo Fenômeno do processo mental, isto é, pelo fato de o consulente não gostar *de restrições*. Essa carga semântica negativa como marca da visão de mundo do consulente é também observada nas construções (9), (21), (23) e (93). Nesses casos, o processo mental de natureza cognitiva indica alguém sem capacidade de reconhecer o perigo (9) ou boas oportunidades (21), nem de aceitar a realidade (23) ou de tomar uma decisão (93).

Em particular, nas citadas orações (9) e (21), é possível perceber a ocorrência do mesmo verbo (*reconhecer*):

- (9) Você não **reconhece** o perigo em que se encontra.
- (21) Você não **reconhece** boas oportunidades quando você as vê.

Apesar de possuírem sentidos semelhantes, o uso desse verbo nessas duas orações é responsável pela configuração do mundo da consciência do consulente, devido aos Fenômenos associados ao Experienciador. Em (9), o Fenômeno (*perigo*) possui uma carga semântica negativa. O não-reconhecimento dessa situação negativa confere ao consulente a qualidade de imprudente. Já em (21), o Fenômeno (*boas oportunidades*) apresenta uma carga semântica positiva. Por não conseguir enxergar essa situação positiva, o consulente pode ser caracterizado como alguém displicente, que deixa escapar circunstâncias que lhe são favoráveis.

Na ocorrência (23), o processo mental *aceitar* também sinaliza para os valores do consulente:

- (23) Você se recusa a **aceitar** a realidade da situação.

Ao ser associado ao sintagma verbal *recusa a aceitar*, o Fenômeno (*a realidade da situação*) – aparentemente ‘neutro’ – assume um sentido negativo, uma vez que ninguém se recusa a aceitar a realidade de uma situação ‘boa’. Por isso, pode-se afirmar que, nessa oração, a relutância constitui uma das formas como o Experienciador percebe a realidade.

As orações (5), (81), (104) e (105), por seu turno, têm em comum o fato de seus verbos estarem no modo imperativo:<sup>13</sup>

- (5) **Confie** nas suas próprias ideias e planos, a despeito do que os outros possam dizer.
- (81) De qualquer forma, não seja paranoico ou **imagine** problemas.
- (104) **Concentre-se** na batalha à sua frente.
- (105) **Satisfaça-se** com as suas conquistas, mas se proteja contra arrogância.

---

<sup>13</sup> Como afirmamos anteriormente, a questão do modo imperativo será mencionada adiante.

Nessas ocorrências, a identificação de crenças, valores e desejos do Experienciador não ocorrem através da explicitação de uma visão de mundo como nos processos mentais analisados acima. Aqui, a construção de processos perceptivos, cognitivos, desiderativos e emotivos é feita por meio de uma ordem explícita para adotar certas atitudes, tais como autoconfiança (5), racionalidade (81), concentração (104) e satisfação com suas conquistas (105).

A única ocorrência cujo Experienciador não é o consulente é a oração (29):

(29) Deixe que os outros se **alterem** enquanto você permanece calmo e certo dos resultados.

Nesse caso, uma mudança não é sugerida. Na verdade, o conselho é para que o consulente mantenha uma atitude tranquila, enquanto os outros fazem o oposto.

### 3.4.3. Orações com processos relacionais

Tal como esclarecido acima, os processos relacionais evidenciam uma relação de natureza estática entre dois participantes. São usados para definir, classificar, caracterizar, generalizar e identificar. Em nosso *corpus*, foi possível constatar as ocorrências listadas abaixo no Quadro 3.7.

Quadro 3.7. Ocorrências de processos relacionais no Tarô Rápido & Fácil	
(1)	Você <b>é</b> imprevisível, aberto, espontâneo, aventureiro, um espírito livre e um sonhador.
(2)	Você <b>está</b> livre de responsabilidade por escolha e não gosta de restrições.
(3)	Você <b>tem</b> a alma de um empreendedor.
(4)	<b>Significa</b> o início de uma nova fase na vida.
(6)	Você em alguns aspectos <b>é</b> infantil – você ainda tem muito para aprender.
(10)	Você <b>está</b> perto da ruína com decisões insensatas, ações descuidadas e tolas escolhas.
(11)	Suas ideias não <b>são</b> sensatas e podem levar à catástrofe.
(12)	Você <b>é</b> bom para o campo de negócios, ciências e alta tecnologia.
(13)	Você <b>é</b> corajoso e conquistador.
(15)	Você <b>é</b> flexível e criativo.
(19)	Você pode <b>ser</b> egoísta e manipulador numa busca desenfreada por dinheiro.
(27)	Você <b>ficará</b> preocupada.
(28)	Uma reação passiva <b>é</b> melhor.
(29)	Deixe que os outros se alterem enquanto você <b>permanece</b> calmo e certo dos resultados.
(30)	As respostas a todas as suas questões já <b>estão</b> dentro de você – toque em seus sentimentos interiores.
(35)	<b>Indica</b> prazer sexual sem compromisso ou sentimento.
(36)	<b>Seja</b> cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que apela para os instintos animais de um

<b>Quadro 3.7. Ocorrências de processos relacionais no Tarô Rápido &amp; Fácil</b>	
	homem.
(49)	A vida <b>está</b> desequilibrada e voltada apenas para pertences materiais.
(54)	Você <b>é</b> o mestre de suas próprias emoções.
(58)	Sonhos <b>serão</b> realizados.
(60)	Você <b>estará</b> em posição de responsabilidade.
(76)	<b>Fique</b> atento a conflitos éticos.
(79)	<b>Esteja</b> aberto a ideias não-convencionais.
(80)	A verdade <b>não é</b> como parece.
(81)	De qualquer forma, <b>não seja</b> paranoico ou imagine problemas.
(91)	<b>Representa</b> um período de bons tempos, amizades próximas e aventuras.
(92)	Uma importante decisão deve <b>ser</b> tomada.
(94)	Uma má escolha <b>está</b> feita.
(106)	Sua reputação <b>será</b> estabilizada.
(107)	O respeito <b>é</b> conquistado.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os processos relacionais podem ser divididos em atributivos e identificadores. Nos *processos relacionais atributivos*, um participante (Portador) recebe qualificações gerais ou descrições (Atributos). Nesses casos, o Portador é sempre composto por um nome ou por um sintagma nominal, ao passo que o Atributo é tipicamente realizado por um adjetivo ou por um sintagma adjetival.

Numa consulta tarológica, uma das principais etapas é a caracterização do consulente. Antes de realizar previsões sobre o futuro do consulente, o tarólogo procura conquistar a confiança de seu interlocutor a partir de uma caracterização fidedigna de quem procura o oráculo. Independentemente dessa caracterização do consulente ser positiva ou negativa, os verbos que marcam o processo relacional encontram-se geralmente no presente do indicativo, sinalizando um elevado grau de comprometimento do cartomante com aquilo que diz e provocando um efeito de verdade. Também é possível constatar a ocorrência de verbos no modo imperativo, indicando características da personalidade que o Portador deve desenvolver.

Nas orações (1), (12), (13), (15), (29), (36), (76), (79), os processos relacionais atributivos são usados para indicar aspectos positivos da personalidade do Portador – quer ele já os possua, quer necessite possuí-los:

- (1) Você **é imprevisível, aberto, espontâneo, aventureiro, um espírito livre e um sonhador.**
- (12) Você **é bom para o campo de negócios, ciências e alta tecnologia.**
- (13) Você **é corajoso e conquistador.**

- (15) Você é **flexível** e **criativo**.
- (29) Deixe que os outros se alterem enquanto você *permanece* **calmo** e **certo dos resultados**.
- (36) *Seja* **cuidadoso** com uma mulher enganosa e infiel que apela para os instintos animais de um homem.
- (76) *Fique* **atento** a conflitos éticos.
- (79) *Esteja* **aberto** a ideias não-convencionais.

Por seu turno, as orações (2), (6), (10), (11), (19), (27) e (81) enfatizam aspectos negativos do Portador:

- (2) Você *está* **livre de responsabilidade por escolha** e não gosta de restrições.
- (6) Você em alguns aspectos é **infantil** – você ainda tem muito para aprender.
- (10) Você *está* **perto da ruína** com decisões insensatas, ações descuidadas e tolas escolhas.
- (11) Suas ideias **não são sensatas** e podem levar à catástrofe.
- (19) Você *pode ser* **egoísta** e **manipulador** numa busca desenfreada por dinheiro.
- (27) Você *ficará* **preocupada**.
- (81) De qualquer forma, não *seja* **paranoico** ou imagine problemas.

Já nos *processos relacionais identificadores*, um participante (Característica) é relacionado a uma identificação, função ou significado (Valor). Nesses casos, tanto a Característica quanto o Valor são geralmente um sintagma nominal definido.

Nas ocorrências (3), (54) e (60), o processo relacional identificador apresenta funções semelhantes às daquelas do processo relacional atributivo, qual seja, caracterizar a personalidade do consulente:

- (3) *Você tem* **a alma de um empreendedor**.
- (54) *Você é* **o mestre de suas próprias emoções**.
- (60) *Você estará* em **posição de responsabilidade**.

A distinção é que aqui o participante que vem após o verbo é constituído por um sintagma nominal definido (e não por um adjetivo ou por um sintagma adjetival, como processos relacionais atributivos): a alma de um empreendedor (3); o mestre de suas próprias emoções (54); posição de responsabilidade (60).

Diferentemente, nas orações (4), (35) e (91), o processo relacional expressa não um traço da personalidade do consulente, mas o sentido divinatório do próprio arcano:

- (4) *Significa* **o início de uma nova fase na vida**.
- (35) *Indica* **prazer sexual** sem compromisso ou sentimento.
- (91) *Representa* **um período de bons tempos, amizades próximas e aventuras**.

Nesses períodos, o verbo encontra-se flexionado, no texto original em inglês, na terceira pessoa do singular (*signifies; indicates; represents*), indicando um sujeito implícito subentendido pela desinência verbal ('a carta', por exemplo), ao contrário das

demais ocorrências que possuem como sujeito o pronome *you* (*você*). O Valor nesse processo também é formado por um sintagma nominal definido: o início de uma nova fase na vida (4); prazer sexual (35); um período de bons tempos, amizades próximas e aventuras (91).

Outros casos em que o processo relacional expressa não um traço da personalidade do consulente são observados em (28), (49), (58), (80), (92), (94), (106) e (107):

- (28) Uma reação passiva **é** melhor.
- (49) A vida **está** desequilibrada e voltada apenas para pertences materiais.
- (58) Sonhos **serão** realizados.
- (80) A verdade não **é** como parece.
- (92) Uma importante decisão deve **ser** tomada.
- (94) Uma má escolha **está** feita.
- (106) Sua reputação **será** estabilizada.
- (107) O respeito **é** conquistado.

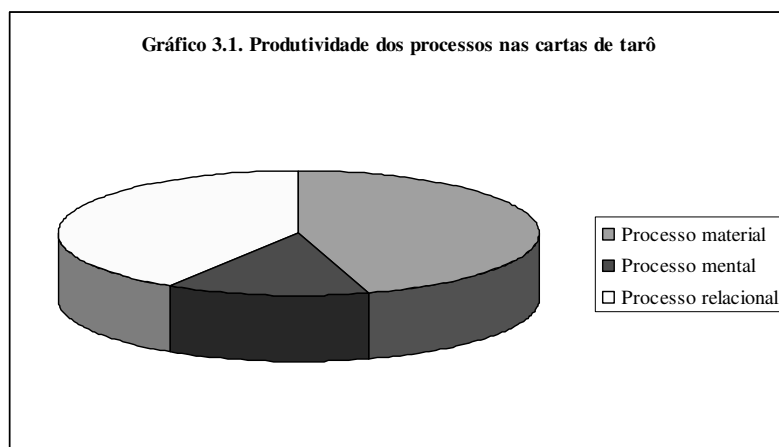
Nessas ocorrências, os portadores não pertencem a uma categoria específica, podendo variar entre modo de agir do consulente – reação passiva (28); uma importante decisão (92); uma má escolha (94) – e aspectos genéricos da existência do consulente – a vida (49); sonhos (58); a verdade (80); sua reputação (106); o respeito (107). A relação entre Portador e Atributo, por sua vez, constrói processos ora de caráter positivo – reação passiva melhor (28); sonhos realizados (58); importante decisão tomada (92); reputação estabilizada (106); respeito conquistado (107) – ora negativo – a vida desequilibrada (49); verdade não é como parece (80); má escolha feita (94).

#### **3.4.4. Algumas reflexões acerca da transitividade no tarô**

Ao longo da nossa análise, foi possível constatar, através das orações presentes nas cartas do Tarô Rápido & Fácil, de que maneira o sistema de transitividade é responsável pela representação das ideias e das experiências do mundo real, incluindo aqui o interior de nossa consciência. Já afirmamos anteriormente que é papel da transitividade a materialização da experiência humana, aqui compreendida como um fluxo de eventos ou acontecimentos e de atos ligados ao agir, ao dizer, ao sentir, ao ser e ao ter. Como vimos, essa materialização ocorre sob a forma de tipos de processo, sendo cada um deles o elemento que modela uma porção da realidade.

Os três tipos de processo que constatamos nas orações que integram as cartas do tarô didático trazem à tona os significados que normalmente estão ligados à noção do que vem a ser uma consulta tarológica típica: a indicação de que se deve *fazer* algo ou de que alguma coisa vai *acontecer* (processo material); a descrição do modo como o consulente se *sente* ou de como ele *percebe* determinada situação (processo mental); e a caracterização do consulente, especificando suas *qualificações* e *atributos* (processo relacional).<sup>14</sup>

Embora fuja aos nossos propósitos realizar uma análise quantitativa detalhada dos dados, é interessante observar ao menos a produtividade da ocorrência de cada fenômeno, tal como exposto no Gráfico 3.1:



Das 118 orações que integram os oito primeiros arcanos do Tarô Rápido & Fácil (cf. Quadro 3.4), 73 orações compuseram o *corpus* restrito dessa análise, sendo as demais (45 orações) constituídas apenas por substantivos e/ou adjetivos (ou sintagmas correspondentes), o que escapa ao escopo de investigação deste trabalho. Dessas 73 orações que efetivamente integraram o nosso estudo, 45,2% correspondem a ocorrências de processos materiais (33 orações, cf. Quadro 3.5), 13,7% correspondem a ocorrências de processos mentais (10 orações, cf. Quadro 3.6) e 41,1% correspondem a ocorrências de processos relacionais (30 orações, cf. Quadro 3.7). Essas proporções encontram-se representadas no Gráfico 3.1.

---

<sup>14</sup> O gênero “consulta tarológica” encontra-se descrito em detalhes nos trabalhos desenvolvidos por Tavares (1993) e por Lopes (2003). No primeiro (pertencente ao domínio da Sociologia), a autora realiza um detalhado estudo etnográfico sobre as relações socioculturais, os comportamentos, as técnicas, os saberes, os ritos e as práticas que envolvem as consultas tarológicas – é o que Tavares (1993) denomina de “etnografia das cartas”. Já no segundo (pertencente ao domínio da Linguística e, mais especificamente, da Pragmática), a autora lança mão da Teoria dos Atos de Fala para caracterizar a organização de uma consulta oracular típica.

Esses resultados não são surpreendentes. Na realidade, já era esperado que os processos materiais e relacionais ocupassem maior proporção entre as ocorrências encontradas. Vale ressaltar que há praticamente um empate entre o número de orações com processos materiais e relacionais: 33 e 30, respectivamente.

Esse fenômeno decorre da própria definição do que seja uma consulta tarológica típica.<sup>15</sup> Em primeiro lugar, na consulta, o tarólogo se propõe a “deliberar acerca do que se *deve fazer* hoje para *alterar/ manter* o que teria sido pré-escrito pelas [...] lâminas tarológicas” (grifo nosso) (Lopes, 2003:9). Em segundo lugar, na consulta tarológica, também é necessário “se depreender o *perfil* do consulente [...] quando da leitura das mensagens oraculares” (grifo nosso) (Lopes, 2003:9). Como vimos antes, esses dois principais objetivos da consulta de tarô enquadram-se, respectivamente, no âmbito dos processos materiais e relacionais – daí a maior expressividade na quantidade de ocorrências desses dois tipos de processo.

Em menor proporção estão os processos mentais. Isso também não é inesperado. Ao explicarmos esse tipo de processo (item 3.4.2), esclarecemos que no tarô didático não ocorre a forma convencional ou prototípica desses processos, isto é, quando o Experienciador expressa sua apreciação do mundo (*eu gosto..., eu detesto...*). Já a partir dessa constatação é possível intuir a participação comparativamente menos expressiva das orações com processos mentais.

As ocorrências aqui aproximam-se ora da noção de processo material, em que o consulente é convocado a realizar uma mudança, ora da noção de processo relacional, quando o tarólogo procura caracterizar o consulente. No entanto, diferentemente do processo material, as mudanças do processo mental não estão no plano das ações (físicas), mas das atitudes cognitivas: *confie nas suas próprias ideias, concentre-se nas batalhas*, etc. Analogamente, a caracterização do consulente no processo mental não se dá descrevendo-se seus atributos (como ocorre com o processo relacional), e sim evidenciando seus valores e crenças: *you não gosta de restrições, you não reconhece boas oportunidades*, etc.

Além disso, como já mencionamos (v. Nota 10), não foram encontradas em nosso *corpus* ocorrências de processos comportamentais, existenciais e verbais. Uma explicação plausível para essa ausência pode ser encontrada ao procurarmos imaginar

---

<sup>15</sup> Tal como descrito por Tavares (1993) e por Lopes (2003) (v. nota anterior).

como se daria uma ocorrência desses tipos de processo no contexto de situação de uma consulta tarológica. Seria provável – ou mesmo possível – que aconteçam esses processos numa consulta típica?

Como vimos, os processos comportamentais são “aqueles que representam manifestações exteriores de operações interiores, a expressão de processos de consciência (e.g., *as pessoas estão sorrindo*) e estados fisiológicos (e.g., *eles estão dormindo*)” (Halliday e Matthiessen, 2004:171). Dessa forma, é pouco provável que em uma consulta tarológica o cartomante procure caracterizar o consulente apenas descrevendo aspectos ligados ao seu comportamento exteriorizado, o que seria bastante óbvio: *você agora está chorando, respirando, rindo, bocejando*, etc. Se numa consulta real, isso já seria improvável, no tarô didático, isso é efetivamente impossível, já que o produtor do texto não se encontra face a face com seus virtuais leitores e não pode saber de antemão os seus comportamentos.

Também já mencionamos que os processos existenciais representam algo que existe ou acontece (cf. Halliday e Matthiessen, 2004:171). Os verbos relacionados a esses processos são haver, existir e acontecer. Mais uma vez, não parece provável que, numa consulta tarológica, o profissional se atenha à mera descrição das coisas já existentes à sua volta e facilmente observáveis: *há uma vela acesa no centro da mesa; existe uma música tocando ao fundo*; etc. O uso desses verbos em consultas reais está normalmente associado a um sentido mais especulatório, a algo mais místico: *há alguma preocupação lhe aflingindo; existem muitos problemas em sua casa*; etc. Já nas cartas do tarô didático, o produtor do texto faz uso de orações nominais, tais como (26), (32), (38), (46) e (47), evitando a certeza categórica subentendida em “há isso” ou “existe aquilo”, e preservando assim a sua face.

- (26) Paz e força interiores.
- (32) Instabilidade emocional, pensamentos obscuros e descuido.
- (38) Criatividade, crescimento pessoal, e autodesenvolvimento.
- (46) Infertilidade, esterilidade, medo, e ansiedade.
- (47) Problemas em casa.

O terceiro e último tipo de processo não encontrado no nosso corpus analisado é o verbal. Segundo Halliday e Matthiessen (2004:171), os processos verbais são compostos pelas relações simbólicas construídas na consciência humana e manifestadas sob a forma de linguagem. São os verbos do dizer, do comunicar. Em consultas reais de tarô, seria bastante inesperado que o tarólogo ordenasse que o consulente expressamente



falasse ou verbalizasse algo. Isso talvez seja comum em palestras e livros de autoajuda: *declare que você é senhor do seu destino; prometa a si mesmo que você nunca aceitará uma derrota*; etc. Os conselhos dados em consultas – e também nas cartas do tarô didático – estão ligados a ações e atitudes do consulente, não necessariamente ao que ele deve falar ou dizer, e sim ao modo como ele deve agir.

Finalmente, apesar de o nosso trabalho neste capítulo centrar-se nas questões da transitividade e, portanto, da metafunção ideacional da linguagem, não podemos ignorar a forte presença da *metafunção interpessoal* nos textos dos arcanos. Essa metafunção diz respeito à maneira como os participantes interagem e quais papéis assumem em situações comunicativas. Como já mencionamos, o sistema de modo (indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e modalidade (auxiliares modais, elementos modalizadores) são os responsáveis pela materialização, no texto, da metafunção interpessoal. Como pôde ser observado nas análises acima, é bastante frequente a ocorrência de verbos no modo imperativo nas orações escritas nas cartas do tarô. Também constatamos, em menor quantidade, o uso de auxiliares modais no material verbal investigado. Trataremos a seguir de alguns aspectos relacionados a esse tema.

Nos *processos materiais*, o modo imperativo é utilizado para apontar atitudes que o consulente deve tomar (ou evitar) para melhorar sua vida, como se observa nas orações abaixo:

- (8) Não se **submeta** às regras dos outros e a exigências de conformidade.
- (17) **Assuma** o controle e **aja**.
- (30) As respostas a todas as suas questões já estão dentro de você – **toque** em seus sentimentos interiores.
- (41) Você **passa** muito tempo dentro de casa – **saia** mais!
- (59) **Assuma** o controle da situação.
- (61) **Proteja** e **defenda** aqueles numa posição mais fraca.
- (75) **Obedeça** à autoridade e **faça** o que é esperado de você.
- (77) **Escolha** o caminho moral.
- (105) Satisfaça-se com as suas conquistas, mas se **proteja** contra arrogância.

Tais atitudes às vezes são genéricas, sugerindo que o consultante seja responsável por seus atos, como em (17) e (59). Outras vezes, no entanto, as sugestões são bastante específicas e indicam claramente o que deve ser feito para evitar ou solucionar problemas (30), (41), (75), (77) e (105); para ajudar outras pessoas (61); ou ainda para mostrar aquilo que não deve ser feito (8).

No que diz respeito ao uso de auxiliares modais nos processos materiais dos textos das lâminas, atente-se para as seguintes ocorrências:

- (11) Suas ideias não são sensatas e podem **levar** à catástrofe.
- (31) Uma mulher misteriosa e desejável (mas inatingível) pode **entrar** na sua vida.
- (40) Prosperidade pode **separar** você das suas raízes e da consciência de si.
- (90) Para um relacionamento **funcionar**, você deve **deixar** seus pais.

Esse recurso é empregado para alertar o consulente sobre consequências ruins causadas por falta de discernimento (11) ou mesmo por uma situação aparentemente boa (40); para assinalar a possibilidade de o consulente conhecer novas pessoas (31); ou o que ele deve fazer para salvar um relacionamento do fracasso (90).

Talvez pela própria natureza do processo, o emprego do modo imperativo e das marcas de modalidade nessas orações enfatizem a necessidade de o consulente se engajar em ações, deixar o estado inicial de inércia para assumir uma postura dinâmica e transformadora diante das dificuldades da vida.

Nos *processos mentais*, por sua vez, foram constatadas as seguintes ocorrências de verbos no imperativo:

- (5) **Confie** nas suas próprias ideias e planos, a despeito do que os outros possam dizer.
- (81) De qualquer forma, não seja paranoico ou **imagine** problemas.
- (104) **Concentre-se** na batalha à sua frente.
- (105) **Satisfaça-se** com as suas conquistas, mas se proteja contra arrogância.

Nessas orações, os verbos no imperativo são usados para incutir no consulente a autoconfiança (5) e a autossatisfação (105); e para fazer com que o consulente evite pensamentos negativos (81) ou fique disperso (104).

Diferentemente dos processos materiais, nos mentais o uso do modo imperativo *não* sugere *ações* a serem desempenhadas. Antes, são apontadas maneiras específicas de considerar as dificuldades da vida ou de valorizar as conquistas do consulente.

Já nos *processos relacionais*, as ocorrências a seguir possuem verbos conjugados no imperativo:

- (36) **Seja** cuidadoso com uma mulher enganosa e infiel que apela para os instintos animais de um homem.
- (76) **Fique** atento a conflitos éticos.
- (79) **Esteja** aberto a ideias não-convencionais.
- (81) De qualquer forma, não **seja** paranoico ou imagine problemas.

O uso do imperativo nesses casos está ligado à necessidade de o consulente desenvolver certas qualidades ou atributos por meio dos quais ele será caracterizado

como alguém que deve atentar para não ser enganado por outra pessoa (36); que deve evitar se envolver em conflitos (76); que deve se livrar da rotina (79); e que deve ser mais realista (81).

O único caso de auxiliar modal nesse tipo de processo indica que uma decisão não pode ficar sendo protelada, ela precisa ser tomada (92):

(92) Uma importante decisão deve **ser** tomada.

O uso do modo imperativo e de auxiliares modais nas orações com processos relacionais acima aponta para a definição de traços que devem ser desenvolvidos pelo consultante para que as adversidades sejam superadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tarô nunca esteve tão em evidência como nos dias de hoje – quer como um dos carros-chefe da nova onda esotérica que está tomando conta deste terceiro milênio, quer como um recém-redescoberto (e lucrativo) filão do mercado editorial dedicado a publicações de autoajuda, aconselhamento espiritual e misticismo de uma forma geral. O fato é que atualmente cada vez mais pessoas vêm tentando através do tarô encontrar respostas aos bons e velhos questionamentos de sempre: quem somos?, de onde viemos e para onde vamos?, há algo além desse mundo físico que conhecemos?

Atenta ao crescente interesse do público por essa sabedoria oracular do tarô, uma recente matéria da Revista Istoé dedica-se a explicar esse fenômeno popular e lhe dá o nome de “taromania” (Rabelo, 2009). Na reportagem (reproduzida em parte na Figura 4.1), são apresentados diversos números que comprovam o sucesso editorial desse nicho de mercado. No Brasil, entre baralhos e seus manuais didáticos, há mais de 500 tarôs, cujas vendas aumentaram 9% no primeiro semestre de 2009, conforme dados fornecidos pela Livraria Cultura. Em 2008, a Livraria Saraiva comercializou aproximadamente 5.000 unidades dos 23 tipos de tarôs do seu acervo. E entre 2000 e 2009, a editora Pensamento-Cultrix, uma das líderes desse segmento, ampliou o seu catálogo de 11 para 40 tipos de tarô.

Figura 4.1. Reportagem da Revista Istoé (novembro de 2009)

The image shows two pages from a magazine reportage. The left page is titled "TAROMANIA" and features a woman reading a tarot deck. The right page is titled "AS CARTAS MODERNAS" and shows various tarot cards.

**Comportamento**

**TAROMANIA**  
Há mais de 500 tipos de tarôs, com temas variados que atraem todos os públicos

**AS CARTAS CLÁSSICAS**

**AS CARTAS MODERNAS**

**Deixa**

**Leitura**

Uma das possíveis explicações para esse sucesso pode estar no fato de que o tarô é o instrumento oracular que mais se destaca entre as diversas ferramentas divinatórias porque suas cartas – ou grande parte delas – são familiares à maioria das pessoas. Além disso, é inegável o poder de sedução dos tarôs modernos que associam iconografias de outros domínios tais como artístico (o Tarô do Senhor dos Anéis e o Tarô bizarro de Dali), esportivo (o Tarô do Beisebol), cotidiano nostálgico (o Tarô das Donas de Casa), entre vários outros vistos ao longo desta dissertação.

Na verdade, em que pese essa nova retomada da busca pelos ensinamentos místicos, mencionamos no início de nossa pesquisa que a possibilidade de conhecer o futuro por meio de instrumentos divinatórios sempre despertou o interesse das pessoas. Atualmente, os instrumentos de divinação são consultados com maior frequência para esclarecer questões do dia-a-dia como relacionamentos amorosos, trabalho e saúde. Mas nem sempre foi assim.

O primeiro e mais famoso oráculo de que se tem notícia na história da humanidade, o Oráculo de Delfos, era consultado por líderes políticos atenienses para orientar suas decisões em relação à população e ao próprio sistema democrático. Isso ocorria de forma habitual uma vez que, de acordo com Bowden (2005:1), “a tomada de decisões [*políticas*] na Atenas democrática era fortemente influenciada pela preocupação em estabelecer e manter a vontade dos deuses”.

Desde o início, portanto, é possível constatar que a ferramenta de divinação – astros, cartas de baralho, conchas – era considerada um meio de comunicação entre os homens e entidades sobrenaturais. Além disso, historicamente também se consolidou, nesse tipo de prática, a necessidade da presença de um intérprete – astrólogo, tarólogo, babalorixá – que fosse capaz de acessar as diferentes formas de conhecimentos ocultos e “traduzir” a mensagem divina para os homens.

Apesar dessa importância inicial de oráculos, profetas e adivinhos na Grécia Antiga, houve um tempo em que eles se tornaram marginalizados e suas práticas eram encaradas como malignas e heréticas. Com o surgimento do cristianismo e sua propagação pelo mundo, a atenção voltada para as ferramentas divinatórias diminuiu, mas o seu exercício não foi extinto. Essas atividades deixaram de ser praticadas publicamente – como na Antiguidade Grega – e se tornaram um conhecimento restrito, associado ao paganismo e repudiado por líderes e seguidores da nova religião.

A prática da cartomancia – esfera oracular na qual o tarô se insere – teve início por volta do século XVIII, com a divulgação de teorias sobre a origem mística das cartas, que, sob essa perspectiva, seriam a codificação pictográfica de saberes mágicos de civilizações extintas (cf. Crawford e Sullivan, 2004).

De lá pra cá, a popularização das diversas “mancias” chamou a atenção de vários setores da economia como a indústria do entretenimento, o mercado editorial, os veículos de comunicação, entre outros. Hoje é bastante comum assistirmos a filmes, telenovelas, seriados de TV e programas de variedades de cujos quadros ou tramas as práticas oraculares fazem parte. Apenas para dar uma breve ilustração acerca desse fato, recentemente foi ao ar o primeiro episódio da quinta temporada da série policial *Bones* (exibida no Brasil pelo canal Fox). No programa, a cantora Cyndi Lauper interpreta uma vidente que tenta solucionar um crime através da leitura de cartas (Figura 4.2).

Figura 4.2. A cantora Cyndi Lauper interpreta uma vidente na série *Bones*



Fonte: <http://www.fox.com/bones> (acesso em 04/02/10)

Semelhantemente, multiplicam-se nas prateleiras das livrarias volumes que se propõem a revelar os segredos das cartas, os mistérios dos astros, o que se esconde nas linhas das mãos, etc. Também é abundante nas bancas de revista a quantidade de publicações semanais e mensais especialmente dedicadas a ensinar como tirar proveito da influência dos planetas na vida dos leitores, como agradar o parceiro por meio do conhecimento de seus gostos através das cartas de tarô e como se prevenir contra má sorte via interpretação dos sonhos.

Na Internet, também não é difícil encontrar *sites* que oferecem orientações para as diversas áreas da vida dos internautas através da interpretação numerológica do nome

ou da data de nascimento, da elaboração de mapas astrais e da leitura de búzios e runas. Alguns *sites* afirmam inclusive promover a cura da alma pelas cores.

Diante do exposto, acreditamos que um fenômeno cultural e socioeconômico tão pungente como esse não poderia ser simplesmente ignorado pela Academia. Apesar do que preceituam certas linhas de pesquisa mais conservadoras, defendemos que as ciências como um todo e, em especial, a Linguística só têm a ganhar com a investigação de gêneros não necessariamente “canônicos” ou “sérios”. Uma de nossas principais metas nesta dissertação foi, portanto, evidenciar que a análise dos discursos divinatórios e das imagens que compõem as lâminas do tarô pode gerar, sim, um trabalho bastante produtivo, interessante e relevante à compreensão da linguagem e da construção de sentidos em um texto.

Desse modo, nosso percurso teve início ao procurarmos estabelecer a trajetória histórica do tarô. Descrevemos, no primeiro capítulo deste estudo, os costumes dos povos mamelucos do Oriente Médio, que criaram o baralho de jogar – cartas que deram origem ao tarô –, bem como a influência desse jogo na Europa durante o período da Idade Média. Em seguida, traçamos o caminho de evolução que essas cartas percorreram desde o seu surgimento como instrumento lúdico até a sua utilização como ferramenta oracular.

Após trilharmos o caminho histórico do desenvolvimento do tarô, apresentamos e discutimos, no segundo capítulo, os principais pressupostos da Gramática do Design Visual (GDV), tal como proposto por de Kress e van Leeuwen (1996). Inicialmente, mostramos os conceitos básicos das três funções (de inspiração hallidayana) utilizadas pelos autores no estudo dos construtos multimodais: *representacional*, *interativa* e *composicional*.

Em seguida, observamos como operam as diversas categorias de análise da GDV no que diz respeito à construção de sentido a partir dos diversos aspectos semióticos que compõem os trunfos: os participantes representados (as pessoas, os lugares e coisas descritos nas cartas), os participantes interativos (as pessoas que se comunicam por meio das imagens do tarô, seus produtores e espectadores) e a articulação, através da função composicional, entre esses elementos representacionais e interativos das imagens das lâminas.

Ao longo dessa investigação da multimodalidade nos tarôs, foi possível constatar que os produtores dos baralhos operam com recursos imagéticos com o intuito de não só atualizar a iconografia clássica dos trunfos, mas também de tornar seus significados mais acessíveis e próximos dos leitores. Ao salientar imageticamente um determinado traço visual da carta, o produtor do texto pictorial lança um novo olhar sobre o tradicional significado do arcano e, ao mesmo tempo, chama a atenção do espectador para este ou aquele aspecto dos sentidos oraculares de uma dada lâmina.

No terceiro capítulo, nossa atenção se voltou para a análise do material verbal presente nas cartas de um tarô autoexplicativo: o Tarô Rápido & Fácil (1999). Para essa empreitada, recorreremos aos princípios teóricos da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) com o propósito de avaliarmos de que modo o uso dos vários tipos de processos descritos na teoria hallidayana viabiliza a produção de sentidos nos textos dos arcanos. Em particular, para a análise das orações, utilizamos o *sistema de transitividade*, categoria gramatical ligada à metafunção ideacional da LSF, tal como proposto por Halliday e Matthiessen (2004).

Concluimos que os três tipos de processo observados nos tarôs evidenciam os sentidos mais frequentes associados a uma consulta tarológica: a indicação de que se deve *fazer* algo ou de que alguma coisa vai *acontecer* (processo material); a descrição de como o consulente se *sente* ou de como ele *percebe* determinada situação (processo mental); e a caracterização do consulente, especificando suas *qualificações* e *atributos* (processo relacional).

Ao final deste meu percurso investigativo, concluo o trabalho com a sensação de satisfação por ter alcançado os propósitos não só científicos, mas também pessoais que havia traçado. Quanto aos propósitos científicos, acredito que as minhas análises deixaram evidente o quão produtiva e elucidativa é a investigação de um texto sob as lentes – complementares entre si – da Gramática do Design Visual e da Linguística Sistemico-Funcional. Já no que diz respeito à realização dos meus propósitos pessoais, é bastante prazeroso concretizar um antigo desejo de explorar academicamente o universo do tarô – um assunto nem sempre visto com bons olhos pelas linhas de pesquisa mais conservadoras, mas que me é muito caro.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, R.L.T. 2004. *A matemática sob a ótica do tarô*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, UFRN.
- AZEVEDO, M.T.O. 2003. *O tarô e a dramaturgia*: apontamentos para a criação de um roteiro cinematográfico. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de São Paulo. São Paulo, USP.
- BANZHAF, H. 2001. *O Livro do Tarô*: com a interpretação de todas as cartas nos diferentes esquemas de disposição. São Paulo, Pensamento.
- BECKER, U. 1999. *Dicionário de símbolos*. São Paulo, Paulus.
- BOWDEN, H. 2005. *Classical Athens and the Delphic oracle*: divination and democracy. Cambridge, Cambridge University Press.
- CAGLIARI, L. C. 2009. *A história do alfabeto*. São Paulo, Paulistana.
- CHEVALIER, J.; CHEERBRANT, A. 2008. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 22.ed. Rio de Janeiro, José Olympio.
- CRAWFORD, S.; SULLIVAN, G. 2004. *The power of playing cards*: an ancient system for understanding yourself, your destiny & your relationships. New York, Fireside.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. 2007. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro, Lucerna.
- EGGINS, S. 2004. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2.ed. New York/London, Continuum.
- FERNANDES, A.N.O.L. 2000. *Tarô celestino*: um caminho para a individuação. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA.
- FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. de. 2008. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, D. B. L. (Org.). *Perspectivas em análise visual*: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa, Ed. da UFPB. p. 11-31.
- HALLIDAY, M.A.K. 1994. *An introduction to functional grammar*. London, Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. 2002. Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J.J. (Ed.). *Text and discourse*. London, Continuum. p. 88-125.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. 1989. *Language, context and text*: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford, OUP.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. 2004. *An introduction to functional grammar*. 3.ed. London, Hodder Arnold.
- IRWIN, R. 1986. *The Middle-East in the Middle Ages*: The Early Mamluk Sultanate 1250-1382. Croom Helm Ltd, Beckenham.
- JAKOBSON, R. 2005. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- KAPLAN, S. R. 1997. *Tarô Clássico*. 6. ed. São Paulo, Pensamento.

- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. 1996. *Reading images*. London/New York, Routledge
- LOPES, G. F. 2003. *As cartas (e os búzios) não mentem jamais: uma análise do discurso divinatório oracular, sob a perspectiva da Teoria dos Atos de Fala e da Teoria da Relevância*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG.
- MAROUN, C. R. G. B. 2007. O texto multimodal no livro didático de português. In: VIEIRA, J. A. et al. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, Vozes. p. 77-107.
- MARTINS, V. 2007. *Tarô de Marselha*. São Paulo, Madras.
- MEURER, J.L. 2006. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARWOSKI, A.C.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro, Lucerna. p. 165-182.
- MOZDZENSKI, L. 2008. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife, Ed. Universitária da UFPE.
- NAIFF, N. 2001. *Estudos completos do tarô*. 3 vols. São Paulo, Elevação.
- NICHOLS, S. 2007. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. 12. ed. São Paulo, Cultrix.
- PARLETT, D. S. 1990. *The Oxford Guide To Card Games*. The Oxford University Press, Oxford.
- PLACE, R. 2003. *O tarô dos santos*. Rio de Janeiro, Agir.
- QUICK & EASY TAROT. 1999. Stamford, U.S. Games Systems.
- RABELO, C. 2009. *Taromania. Istoé*, v. 32, n. 2.089, 25 nov. 2009, p. 76-78.
- RODRIGUES, M. C. 2006. *Tarot: uma proposta de vida*. Rio de Janeiro, Mauad.
- SILVA, M. T. R. da. 1986. *Tarólogos: oráculo e espiritualidade à luz do pensamento moderno*. Monografia (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA.
- STOWASSER, K. 1984. *Manners and Customs at the Mamluk Court*. In *Muqarnas II: An Annual on Islamic Art and Architecture*. New Haven, Yale University Press. P 13-21.
- TAVARES, F.R.G. 1993. *Mosaicos de si: uma abordagem sociológica da iniciação no tarô*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ.
- URBAN, P. 2004. *O que é tarô: uma visão oracular*. São Paulo, Brasiliense.
- VALLADARES, S.C. 1995. *Cartas do destino: tarô e a subjetividade contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ.
- VAN LEEUWEN, T. 2005. *Introducing Social Semiotics*. New York, Routledge.
- WYSOCKI, A. F. 2004. The multiple media of texts: how onscreen and paper texts incorporate words, images, and other media. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (eds.). *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing text and textual practices*. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates. p. 123-163.

YOUNG, W. H. 2004. *The 1950's: American popular culture through history*. Westport, Greenwood Press.